

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM MUSEOLOGIA

Ligia Kulaif Perroni

A Numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de História Natural
(1893-1916)

São Paulo

2021

Ligia Kulaif Perroni

A Numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de História Natural
(1893-1916)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia.

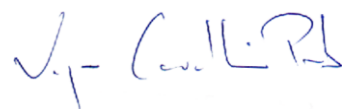
Área de Concentração: Museologia

Orientador: Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto

Linha de Pesquisa: 1 – História dos processos museológicos, coleções e acervos

Versão revisada

(*) A versão original encontra-se disponível no MAE/USP



São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Kulaif Perroni, Ligia A Numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de História Natural (1893-1916) / Ligia Kulaif Perroni; orientador Vagner Carneiro Porto. -- São Paulo, 2021.
108 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Numismática. 2. Museologia. 3. Coleccionismo.
I. Carneiro Porto, Vagner, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Nome: PERRONI, Ligia Kulaif

Título: A Numismática no Museu Paulista: uma coleção de moedas em um museu de História Natural (1893-1916)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari

Instituição: UNICAMP / SP

Profa. Dra. Manuelina Maria Duarte Cândido

Instituição: UFG / GO e Universidade de Liège / Bélgica

Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto

Instituição: USP / SP

Agradecimentos

Terminar um trabalho em plena pandemia mundial certamente é uma novidade no meio acadêmico do último século. Se voltar novamente para um assunto que, no meio de mais 500 mil mortes no nosso país, parece completamente fútil, foi o maior dos desafios desse mestrado. O resultado poderia ter sido outro em um mundo mais “normal”, mas também não teria a importância pessoal que teve. Entre familiares e amigos doentes, diante da iminente ameaça da morte ao simplesmente pisar fora de casa, com o agravante dos problemas pessoais, com fins de relacionamentos, mudanças constantes de endereço e mesmo assim tentando manter o corpo e a mente em uma outra estação, acredito que esse foi um dos maiores desafios dos meus últimos anos de vida. Tenho certeza de que esse é um importante fechamento de ciclo na minha vida profissional e pessoal

Claro que nada disso seria possível sem o constante auxílio de amigos e familiares que se apoiavam e me apoiavam, mantendo o mínimo de normalidade para que todos nós seguissemos na caminhada proposta antes da pandemia. Neste sentido quero primeiro agradecer a cinco pessoas que foram meus guias neste processo todo. Kika Landi, Josy Tojo, Camis Aderaldo, Tati Vasconcelos e Nicholas Betoni foram mais que meus colegas de turma, foram as pessoas que me puxaram na hora que eu quis desistir, foram os que fizeram o trabalho mais sensacional sobre o Smithsonian, e os amigos que o mestrado me trouxe. Nossos papos online e presencial que mantiveram a chama da pesquisa acesa, acreditando que isso fazia todo sentido. Muito obrigada por estarem comigo nessa caminhada!

Também no mestrado quero agradecer meus professores que tanto me ensinaram sobre o que é a museologia por trás dos livros e teorias. Cristina Bruno, Paulo Garcez, Ana Magalhães, Isabel Landim, e os demais que não pude ter o prazer de ver as aulas, mas que com certeza li em alguma bibliografia, ou ouvi em algum seminário ou webinar. Quero agradecer também a professora Heloísa Barbuy, que conhecia já desde meu estágio, e que durante minha banca de qualificação me fez acreditar que esse tema, mesmo renegado por tantos, era realmente importante no meio museológico. Você é uma grande inspiração, professora. Também meu agradecimento a professora Beatriz Florenzano, nossa grande mestra na área da nu-

mismática, e que sempre foi meu guia teórico nesse tema, a quem tive o imenso prazer e honra de ter na minha banca de qualificação nos dando uma aula! Também quero agradecer imensamente a consideração do Professor Pedro Paulo Funari que foi tão generoso em aceitar nosso convite para a banca de defesa e que trouxe considerações belíssimas e enriquecedoras a esse trabalho, bem como a professora Manuelina Duarte, a quem fiz questão de ter como leitora de meu trabalho, para que pudesse ter as considerações mais precisas do meio museológico. Por fim, meu orientador, Vagner Porto, que tanto me apoiou nessa jornada, que começou muito antes desse mestrado, e que sempre se mostrou animado e disposto a me guiar nesse trabalho, confiando nas minhas escolhas e decisões.

Fora dos meios acadêmicos, mas nem tanto, quero agradecer primeiramente a Angela Ribeiro, responsável pelo setor de numismática do Museu Paulista, que foi a pessoa que criou o interesse em mim não só pela numismática, mas principalmente pelos museus. Os dois anos que fiz estágio sob sua supervisão foram de imenso aprendizado e me guiam até os dias de hoje na profissão que amo. Nunca pude agradecer, mas saiba que você tem um enorme papel neste trabalho. Quero agradecer também a todos os profissionais que me deram a chance de crescer e aprender por onde passei: Museu Paulista, Museu de Arte Sacra de São Paulo, Expomus e Pinacoteca de São Paulo. Cada um dos que conheci nesses lugares acrescentou um pouco no meu conhecimento. Meu agradecimento especial vão aos colegas que conheci nesses lugares e que hoje são grandes amigos: Suzy, Alana, Elisa, Cláudia, Carminha, Bia, Lourdes, Evelyn, Erica, Vilma, Berit, Luiza, Gabi, Rafa Laterza, Rafa Tonon, Camilla Vitti, Flávia, e as chefes, Alessandra e Fernanda.

Quero também deixar um ‘muito obrigada’ aos que vieram antes disso tudo, mas que foram a base do meu interesse com a academia, as vezes dentro dela, mas não pensando nela sempre. Only (meu revisor amado!), Magri, Xarla, Carol, Torinho, Thai, Mimi, Anouch, Falcs, Flá, Juvs, Gica, Paulinha, Mari, Samu, Naná, vocês são minha base. Admiro demais cada um/uma de vocês!

Por fim, mas mais importante de tudo, quero agradecer as cinco pessoas mais importantes da minha vida: mãe, pai, Caio, Bruno e André. Vocês são meu tudo! Principalmente neste último ano e meio que tanto precisei de vocês, e vocês sempre se mostraram presentes. Não tenho muitas palavras, mas saibam que eu

sou o que sou por causa de vocês. Porque vocês me carregaram até aqui. Amo vocês e as duas alegrias que agora fazem parte de nós, Laura e Alice.

Resumo:

Com a coleção inicial originária do gabinete do Coronel Sertório, o Museu Paulista foi fundado em 1893 com o objetivo de estudar a história natural sul-americana, com ênfase às coleções naturais do Estado de São Paulo. Em convivência com esse acervo majoritário, havia uma representativa coleção numismática com aproximadamente duas mil peças. Apesar dessa presença no acervo, o museu só instaurou um gabinete numismático em 1946, durante a gestão do professor Sérgio Buarque de Holanda. Atualmente, com uma coleção estruturada e reconhecida mundialmente, a seção numismática do Museu Paulista da Universidade de São Paulo completa uma história de mais de 70 anos, com um acervo diversificado de mais de 25 mil peças, sendo o acervo de moedas e medalhas mais importante do Estado de São Paulo.

Através de um breve panorama do surgimento da moeda e do colecionismo numismático durante os anos, e de um estudo mais aprofundado do colecionismo de moedas e medalhas nos museus europeus e nacionais, este trabalho busca entender o processo de musealização da coleção numismática do Museu Paulista, resgatando a história da formação desse acervo a partir da direção de Hermann von Ihering e os processos de aquisição durante sua gestão. Com base num revisionismo bibliográfico e em análises de documentos primários, essa dissertação trabalhará a convivência, bastante comum nos séculos XVIII e XIX, dos acervos de história natural e numismática nos primeiros museus europeus e nacionais.

Palavras-chave: Numismática. Museologia. Colecionismo. Museu Paulista. Cientificidade Difusa. Musealização.

Abstract:

With the initial collection originating from Coronel Sertório, the Museu Paulista was founded in 1893 with the objective of studying South American natural history, with emphasis on the natural collections of the State of São Paulo. Coexistence with this majority collection, there was a substantial numismatic collection with approximately two thousand pieces. Despite this presence in the collection, the museum only opened a numismatic office in 1946, during the administration of Professor Sérgio Buarque de Holanda. Currently, with a structured and world-recognized collection,

the numismatic section of the Museu Paulista of the University of São Paulo completes more than 70 years of history, with a diversified collection of more than 8 thousand pieces, including the most important coin and medal collection of the State of São Paulo.

Through a brief overview of the rise of coin and numismatic collecting over the years, and a deeper study of coin and medal collection in European and national museums, this work seeks to understand the musealization process of the Museu Paulista numismatic collection, rescuing the history of the formation of this collection under the direction of Hermann von Ihering. Based on bibliographic revision and analysis of primary documents, this dissertation will work on the coexistence, quite common in the 18th and 19th centuries, of natural history and numismatic collections in the first European and national museums.

Key words: Numismatic. Museology. Collecting. Museu Paulista. Diffuse scientificity.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 - O colecionismo e a institucionalização da numismática no mundo ocidental	15
1.1 A função da moeda e a disciplina numismática	15
1.2 O colecionismo de moedas e medalhas no mundo antigo e moderno	24
1.3. A institucionalização da numismática nos acervos europeus	39
Capítulo 2 – A formação das coleções de moedas e medalhas no Brasil	45
2.1. O Museu Nacional do Rio de Janeiro e um acervo numismático	45
2.2. Os colecionadores	56
2.3. O Gabinete de Curiosidades do Coronel Sertório	66
Capítulo 3 – A coleção numismática do Museu Paulista	76
3.1. O processo de musealização da coleção numismática no Museu Paulista	76
3.2 A gestão da coleção Numismática sob a direção de Hermann von Ihering.....	86
Considerações finais	102
Bibliografia	106

Introdução

A dissertação a seguir tem como objetivo estudar o processo de musealização da coleção numismática do Museu Paulista durante a formação do museu e a primeira gestão sob o comando do diretor Hermann von Ihering. Não trata-se de estudar a fundo as peças colecionadas, mas sim de entender o que levou essa coleção a um museu formado majoritariamente por um acervo de História Natural, mas mesmo assim possuindo certo destaque e interesse as moedas e medalhas por parte da direção do museu.

Para entender esse processo vamos traçar um panorama da numismática como ciência e como tipologia museológica presente nos museus desde o século XVIII. Portanto, vamos começar nosso estudo através do entendimento e função da moeda desde seu surgimento, na região da Lídia, na Ásia Menor, no século VII a.C. Queremos aqui reforçar a importância de entender mais a fundo as especificidades da moeda, não só como medida de valor, mas também com todas as suas funções que perpassem os séculos, mudando sua importância e ação conforme passam os anos, o que ocorre também com o colecionismo da mesma, contendo aspectos e qualidades distintas entre os períodos e as regiões em que ela está presente.

Nosso trabalho começa na Grécia Antiga e com a acumulação de metais e sua importância para o surgimento da moeda anos mais tarde. Distinguimos as funções da moeda e do dinheiro, tratando também da importância religiosa e artística da moeda como artefato essencial no aperfeiçoamento econômico das sociedades organizadas ocidentais, como afirma a professora Beatriz Florenzano:

“A moeda cunhada com as suas virtudes de se tornar um instrumento de troca universal, pode bem ter sido, nesse contexto, uma maneira de racionalização de ordenação das noções de valores vigentes até então. Pode ter sido também uma maneira de distribuir a riqueza entre um número maior de indivíduo” (FLORENZANO 2009, 28)

Usaremos uma bibliografia básica de entendimento desse processo, com grande parte dos ensinamentos da professora Beatriz Florenzano, mas também com apoio de trabalhos mais amplos como Hubert Frère, Alain Costilhes, Pedro Paulo Funari, Vagner Porto, Viviana Lo Monaco, entre outros que trabalham o período de

surgimento da moeda e sua contribuição ao mundo econômico, religioso e social na antiguidade, bem como o surgimento da numismática como disciplina auxiliar da História e da Arqueologia.

Ainda no primeiro capítulo vamos discutir também o colecionismo ocidental entre a antiguidade e a era moderna, usando como referência básica o estudo aprofundado de Elvira Clain-Stefanelli, uma das construtoras da Coleção Nacional de Numismática do Instituto Smithsonian nos Estados Unidos da América. Clain-Stefanelli traz um panorama das grandes coleções principalmente do período do Renascimento e pós Renascimento demonstrando o enorme alcance dos estudos científicos da numismática e seu impacto científico na vida dos monarcas das novas nações modernas, sendo responsável por diversas relações entre pesquisadores de diversas localidades, o que resultou em novas propostas técnicas de organização e lançamentos de catálogos que auxiliaram durante anos estudiosos do tema. Entre grandes colecionadores, veremos o destaque à coleção do Vaticano, do Rei Luís XIV da França, e de estudiosos como Petrarca e Joseph Eckhel, nomes que serão importantíssimos na evolução científica da numismática, desenvolvendo teorias e novas formas organizacionais para as coleções e estudos das moedas.

Acompanharemos neste momento o surgimento dos grandes Gabinetes de Curiosidades dos séculos XVI e XVII na Europa, o “protótipo do museu moderno”, segundo Stocking (1985). Vamos debater um pouco mais a fundo a formação desses gabinetes e sua influência no surgimento dos grandes museus enciclopédicos dos séculos XVIII e XIX, que servirá de modelo para os museus brasileiros do século XIX, entre eles o Museu Nacional, o Museu Paraense e o Museu Paulista. Assim, vamos traçar o caminho percorrido por essas coleções, desde os Imperadores Romano, passando pelos monarcas da Idade Média e da Era Moderna, passando pelos Gabinetes da elite científica do século XVII, chegando finalmente aos acervos públicos das Bibliotecas e Museus que ganham destaque nos séculos XVIII e XIX.

Os capítulos seguintes vão se centrar na experiência nacional do colecionismo particular e institucional das moedas e medalhas. Vamos analisar a experiência do Museu Nacional do Rio de Janeiro para entender o percurso da primeira coleção de moedas de um museu brasileiro. Ressaltamos durante essa dissertação a importância dessa coleção, não apenas por ser a primeira, mas por ter um percurso bas-

tante parecido com a de outros museus europeus e, também, por dar origem ao acervo numismático mais importante do país, atualmente alocado no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Este acervo que em 1874 possuía mais de 5 mil peças, entre moedas e medalhas, passou por diversas divisões em setores que realocaram essa coleção em sessões que foram se modificando durante os anos, acompanhando a ideia que os pesquisadores científicos da época entendiam da numismática. Passando entre Belas Artes, Arqueologia e História, a coleção acabou sendo transferida para a Biblioteca Nacional em fins do século XIX, quando o Museu finalmente se especializou apenas em História Natural, seguindo a tendência dos grandes museus do período.

Reconhecemos aqui que a Numismática já entrou nos museus nacionais juntamente com acervos de história natural, o que aumentou nosso questionamento sobre a relação entre esses tipos de acervos que justificavam essa coexistência. Interessante pensar também que a numismática sempre representou um acervo universal, com moedas e medalhas de diversas regiões do mundo, como ocorre no Museu Paulista no início do século XX. A afirmação feita por Lopes e Pomian, de que as “medailles” eram as peças de museu por excelência até o século XVIII também nos fez refletir sobre sua importância dentro dessas instituições até então bastante científicas.

Na sequência do segundo capítulo vamos nos aproximar do nosso objeto de estudo fazendo um pequeno panorama dos colecionadores de moedas e medalhas brasileiros em fins do século XIX e início do século XX, usando como base um texto do segundo diretor do Museu Paulista e, também, o primeiro presidente da Sociedade Numismática Brasileira, Afonso E. Taunay. Vamos começar a entender um pouco sobre a afirmação de Lilia Schwarcz sobre a cientificidade difusa, que será base de nosso entendimento final sobre esse colecionismo ainda inicial. Junto desses colecionadores, por fim, vamos tentar decifrar os interesses do Coronel Sertório com a formação de seu Gabinete de Curiosidades, chamado por muitos como Museu Sertório, que se tornou a coleção inicial do Museu Paulista, com objetos de história natural, arqueologia, numismática, entre outros.

O Museu Sertório foi o primeiro museu de São Paulo a ganhar destaque nos jornais nacionais. Não se tratava exatamente de um museu, mas sim de uma cole-

ção organizada por Joaquim Sertório, um comerciante que logo entrou para a carreira pública na Guarda Nacional e, posteriormente, tornou-se vereador em São Paulo. Como político, era grande defensor da instrução e arquivos públicos de São Paulo. Após se aposentar, passou a se dedicar exclusivamente às suas coleções contratando especialistas para investigá-la, como o botânico Alberto Loefgren, responsável pelo museu na década de 1880 e, posteriormente, ao ser comprada pelo Governo do Estado de São Paulo. Relatos divulgados nos jornais paulistas por grandes nomes que visitaram essa coleção, como Dr. Ramiz Galvão, Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ou o próprio Imperador D. Pedro II, faziam grandes elogios a importância desta coleção, e citavam muitas vezes a coleção numismática com grande destaque, citando muitas vezes a quantidade em torno de 2000 peças.

Infelizmente, a coleção Sertório não foi alvo de muitas pesquisas científicas, o que nos limitou o aprofundamento deste tema, porém a partir do trabalho de Paula Carvalho, juntamente com a professora Heloísa Barbuy, pudemos entender um pouco mais sobre quem foi Joaquim Sertório e o contexto no qual a coleção estava inserida. Usamos os artigos de Carvalho como base para nossas análises do tema, além de muita documentação primária dos jornais da época que traziam relatos bastante interessantes sobre o Museu Sertório.

Na década de 1890 essa coleção foi comprada pelo Conselheiro Francisco de Paula Mayrink (1839 – 1906), banqueiro e comerciante carioca, que por fim doou a coleção em sua totalidade ao Estado de São Paulo. Assim tinha início a formação da coleção do Museu Paulista. Após passar pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, dirigida por um dos naturalistas viajantes do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Orville Derby, finalmente em 1893 o museu é fundado sob a direção do também naturalista viajante do Museu Nacional, o alemão Hermann von Ihering.

No último capítulo dessa dissertação vamos analisar mais a fundo a formação desse museu, mas através da perspectiva da construção da coleção numismática iniciada a partir da coleção Sertório. Para entender o que é o processo de musealização, vamos trabalhar com trabalhos de alguns teóricos da museologia, como Waldisa Russio, Zbynek Stransky e Bruno Brulon. A partir de suas teorias, vamos trabalhar esse processo dentro do museu, especificamente com as moedas e medalhas. Vamos analisar a fundo as doações, aquisições e permutas realizadas e fracassa-

das pelo diretor, bem como as comunicações realizadas com outros especialistas do tema. Será importante refletir a constante solicitação de Ihering pela contratação de um especialista para estudar a coleção do museu. Sem sucesso, vamos ver que o diretor busca entender o processo de organização desse tipo de coleção e vai buscar um contato maior com as moedas e medalhas da coleção. Todo esse processo vai nos dar clareza para entender, ou tentar entender, a convivência constante nos museus do século XIX entre coleções de história natural e numismática, além de buscar um breve estudo da numismática nos museus do período, tanto europeus quanto nacionais, algo pouco aprofundado na academia brasileira.

Esse trabalho foi pensado num primeiro momento com o intuito de trazer uma base teórica, mesmo que mínima, da importância da numismática dentro dos museus. Grande parte dos museus históricos e de arte do país possuem moedas e medalhas em seus acervos. Em sua maioria, esses artefatos são completamente ignorados pela área de curadoria, ficando quase sempre guardados em depósitos e reservas técnicas. Acreditamos no enorme potencial educativo e expositivo que uma simples moeda pode ter para a comunidade que visita o museu. Seja pela facilidade de entendimento da função de um objeto que faz parte do nosso dia-a-dia, seja através da beleza das peças de ouro, a moeda ou a medalha possui papel histórico importantíssimo no desenvolvimento da sociedade desde a Grécia Antiga. Essa pesquisa tinha como primeiro objetivo ser o mais didática possível para que pudéssemos atingir os trabalhadores de museu do país, que possuem esses objetos em sua reserva técnica, de forma a orientá-lo e estimulá-los a expor e pesquisar este acervo. Finalmente, com o desenvolvimento do projeto, entendemos que utilizar o acervo de um museu universitário, que auxiliou a pesquisa de tantos numismatas de São Paulo, poderia ser o estímulo ideal para essa dissertação. Citando Ulpiano Bezerra de Meneses, a função do Museu Paulista, como museu universitário, é o “estudo (histórico) da cultura material, isto é, da dimensão física, empírica, até sensorial, da produção e reprodução do social” (MENESES, 1994).

Mesmo que sem responder todos os questionamentos envolvidos nessa pesquisa, esse trabalho nasce com o objetivo de ser um estímulo inicial para que mais estudos sobre as coleções numismáticas brasileiras dentro dos museus sejam feitos e essas coleções expostas ao público, ganhando o papel que merecem dentro dos acervos museológicos.

Capítulo 1 - O colecionismo e a institucionalização da numismática no mundo ocidental

1.1 A função da moeda e a disciplina numismática

Antes de falarmos de numismática, é essencial ter um entendimento mais amplo de seu objeto de estudo: a moeda. Considerando-se o escopo cronológico estudado nesse trabalho, o entendimento da moeda como objeto, em sua materialidade, não é o mesmo do que temos no século XXI, nem o mesmo do que havia há dois mil anos atrás. Sua função ainda consiste em ser meio de troca ou reserva de valor, entretanto, sua materialidade não tem o mesmo peso, nem o mesmo significado, de séculos atrás. O valor atual é abstrato, fiduciário, dependente de uma convenção social, de um senso comum, geralmente determinado por uma autoridade emissora, que define seu valor. No entanto, apesar de que nos séculos XX e XXI, o valor intrínseco do metal que compõe as moedas já não seja considerado como fora na Antiguidade e no período medieval, ou, também, considerando a existência da utilização de outros métodos de meio de troca, como cheques, cartão de crédito, a moeda e o papel-moeda, o fato é que estes ainda mantêm, muito fortemente, sua presença no meio circulante mundial. Sua função como moeda segue a mesma, levando-se em consideração três pontos que a caracterizam desde seu surgimento: 1) meio facilitador de troca; 2) instrumento para a guarda e estocagem de valor; e, 3) unidade de padrão de valor (FLORENZANO 2009).

A história da moeda remete há cerca de 2600 anos, ligando seu surgimento à região do mar Mediterrâneo, durante o período de intensas trocas comerciais entre povos da península itálica e das pólis gregas. A moeda como disco metálico cunhado nos dois lados e reconhecida oficialmente pelo Estado tem seu princípio no século VII a.C., mas isso não limita a ideia de que trocas com valores específicos estejam na origem da sociedade organizada. O entendimento sobre trocas de coisas por outras coisas, seja através do escambo¹ ou de materiais mais específicos que foram

¹ Sob uma perspectiva antropológica, a noção de valor nas sociedades antigas em seus primórdios – que incluem as primeiras formas de troca –, tinha um caráter mais mágico-religioso (que envolvia troca com os deuses, reciprocidade, dentre outros elementos), do que propriamente econômico. Para se aprofundar este tema, conferir MAUSS, M. *Da Dádiva e em Particular, da Obrigação de Retribuir os Presentes*. Sociologia e Antropologia, II, São Paulo, Epu-Edusp, 1974. Também GERNET, L. La notion mythique de la valeur en Grèce. *Journal de Psychologie*, 1948, 415-462.

consolidados durante muito tempo como meio de troca de valor, existe desde os povos antigos do Egito, Persas, Fenícios e outras sociedades que se formaram durante a Antiguidade. É questionável o uso da moeda por grupos isolados em outras regiões do planeta, mas com o desenvolvimento das sociedades, como as citadas, surgiram objetos relacionados à função monetária com o intuito de facilitar trocas e servir como meio de pagamento (FRÈRE 1984).

Durante muitos séculos, os materiais equivalentes ao dinheiro eram diversos, variando de acordo com a localização geográfica e os produtos agrícolas presentes naquele local. Na Antiguidade os bois, ou a cabeça de gado, foram durante muito tempo produtos de definição de valor, definindo preços e a troca de outros produtos como escambo. Vagner Carvalheiro Porto aponta que, Moses Finley, apoiado nas fontes antigas, afirma que a questão do gado é muito importante na Grécia, pois já no período arcaico o gado sacrificial se revelava enquanto unidade de conta (FINLEY, 1972). Com efeito, Homero (*Ilíada*, 1,430-431 apud Porto 2018, p. 183), relata a presença do gado como uma unidade de conta e medida de valor relevante (Porto 2018, p. 183).

É possível verificar em grandes obras da Antiguidade essa especificação de valor, como por exemplo na *Ilíada* de Homero, como vimos, em que o autor fala sobre trocas comerciais indicando que nove bois eram o equivalente ao pagamento de uma armadura, ou na obra *Odisseia*, onde Homero cita a relação de equivalência entre vinte bois que pagariam pela posse de Euricleia (COIMBRA 1957). Trazendo para uma relação mais próxima da nossa realidade, e mais recente no tempo, podemos dar exemplos do que ocorria no Brasil colonial, e mesmo já com a consolidação da moeda metálica, onde ainda eram constantes os escambos usando como base de valor o cacau ou o tabaco, trocas comerciais que eram fruto de uma sociedade que em sua base ainda não estava organizada nas lógicas da economia europeia, assim como a visível influência da falta de recursos e materiais para a ampla presença da moeda na região, o que não impedia as trocas comerciais entre as populações neste período. Outras situações para trocas comerciais também incluíam troca de seres humanos por produtos, havendo inclusive tabelas de valores que mediam e relacionavam cada produto ou pessoa. No ocidente céltico, por exemplo, a

mulher era utilizada como meio de troca, tendo seu valor de troca muito inferior ao de um homem. Outro exemplo são as trocas realizadas na América do Norte, em que couros e peles eram negociados por armas, cavalos e bebidas (FLORENZANO 2009). De modo geral, veremos que a medida de valor² sempre teve um marcador representado por produtos definidos consensualmente pela população de um determinado local, ou citando Aristóteles: “é como resultado de uma convenção voluntária que a moeda se tornou o instrumento e o sinal da necessidade” (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 24).

Sabemos hoje que com o passar do tempo e o aumento do comércio marítimo, principalmente na região do Mediterrâneo, foi ficando cada vez mais difícil manter como meio de troca produtos orgânicos. Carregar esses produtos durante meses em um navio não era algo muito simples. No Egito Antigo, onde o comércio estava se expandindo, já se faziam trocas comerciais utilizando metais, entendidos à época como padrão monetário (COIMBRA 1957, 28). Assim, ouro, prata, electrum, cobre, chumbo e ferro eram matéria prima significativa para a vida econômica dos povos antigos. Era muito comum neste período a produção de pulseiras ou braceletes para acumular metal como meio de reserva de valor. A facilidade na utilidade destes materiais para o fluxo comercial se mostrou extremamente eficiente. Um pouco mais a frente, o metal (ouro, prata e bronze) já se mostrava como a mercadoria mais valorizada e preferida na mediação de valor no Mediterrâneo antigo (FLORENZANO 2009).

Outros povos também se beneficiaram da facilidade de conservar e transportar os metais, como no caso dos fenícios que, por sua vez, eram conhecidos como grandes navegadores e comerciantes do Mediterrâneo e, não à toa, possuíam metais em abundância, indo buscá-los nas mais diversas localidades, como na Ásia Menor, África e Espanha (COIMBRA 1957). Podemos citar também a civilização babilônica na região mesopotâmica, que há dois mil anos antes de Cristo já utilizava objetos de bronze ou de pedra com medidas em peso para trocas comerciais (COSTILHES 1985). Algumas dessas peças podem ser vistas em diversos museus pelo mundo, como no acervo numismático do British Museum em Londres. Os chi-

² De acordo com Marx: “Como medida de valor, ele (o ouro, como representação estipulada pelo autor, mas aqui estamos falando de diversas outras referências) serve para transformar as diversas mercadorias em preços” (Marx 2013).

neses também usaram metais como meio de troca desde o terceiro milênio antes de Cristo. Eles produziam enxadas como moedas de troca que traziam inscrições em caracteres chineses. Entre muitas outras culturas que utilizaram metais como meio de troca, fica claro que, por mais que a moeda metálica cunhada em disco com inscrição dos dois lados e pesos de controle de seu valor ainda não existisse, a ideia de trocas com diversos produtos distintos já existia há muitos séculos. Só precisamos entender quando a moeda, como conhecemos nos dias de hoje, entrou nas sociedades gerando o interesse não só dos comerciantes, mas também de artistas, colecionadores, supersticiosos, religiosos, entre outros. Antes dessas definições, é importante entender que, mesmo com a existência da moeda metálica, essas formas de escambo ou trocas comerciais, seguiram existindo. Citando Laura Breglia (1964 apud Florenzano, 2019, p. 39) “Different monetary instruments coexist not only in environments that were distant and different from each other, but also within the same environments”³.

Estudos recentes nos informam que as primeiras moedas teriam surgido na Lídia, pólis grega que se localizava na Ásia Menor, região onde hoje está localizada a Turquia ocidental (FLORENZANO 2009). Datam do século VII a.C. (aproximadamente 630 a.C.) as primeiras formas circulares de metal com iconografias nos dois lados, resultado de um trabalho artesão de confecção de desenho em cunho e produção através da cunhagem tradicional manual. Essas primeiras cunhagens foram produzidas com electrum (liga metálica natural de ouro e prata, retiradas da região), e traziam a imagem de um Leão, demonstrando uma identidade regional na oficialidade da moeda, produzida na época pelo Rei Aliates (CARLAN; FUNARI, 2012). A escolha do metal não foi por acaso. Este fato remete a uma tradição milenar das civilizações mediterrânicas que valorizavam tal material como uma fonte de valor preciosa, como demonstramos anteriormente. Outros motivos para isso são citados por Florenzano (2009): raridade do metal na região; eficácia quando usado como arma ou ferramenta; e exigência de conhecimento especializado para manuseio e produção.

É importante destacar que a moeda, para ser definida como tal neste momento, deveria possuir peso determinado e uma quantidade exata de metal. Além disso, ela

³ “Diferentes instrumentos monetários coexistiam não apenas em ambientes que eram distantes e diferentes entre si, mas também nos mesmos ambientes.” *Tradução nossa.*

é provida de marcas (cunhagem) que possuem significados próprios e sempre apresentada em forma de disco metálico (FRÈRE 1984). As primeiras moedas desenvolvidas na região da Grécia Antiga traziam símbolos que remetiam a quem as produziu, sejam privados ou oficiais.

“Hoje podemos afirmar com segurança que em princípio essas pequenas peças de metal (moedas gregas) foram fabricadas por comerciantes locais para facilitar a circulação de suas mercadorias e ao mesmo tempo marcar bem seu estoque de metal” (FLORENZANO 2009, 28)

De acordo com a professora Maria Beatriz Borba Florenzano, quem iniciou essa produção foram comerciantes locais, mas logo governantes e chefes militares viram uma possibilidade de produção para auxiliar no pagamento de soldados. Dessa maneira, as produções passaram a ser oficiais e uma nova forma de lidar com as trocas comerciais surgiu. Neste sentido, vemos nascer uma nova forma de lidar com o dinheiro e assim, “a moeda cunhada com as suas virtudes de se tornar um instrumento de troca universal, pode bem ter sido, nesse contexto, uma maneira de racionalização de ordenação das noções de valores vigentes até então. Pode ter sido também uma maneira de distribuir a riqueza entre um número maior de indivíduo” (FLORENZANO 2009, 28).

As primeiras cunhagens gregas trazem padrões que influenciarão todas as formas futuras de produção das moedas. Com imagens gravadas nos dois lados do disco, podemos ver que a simbologia da moeda ia muito além de apenas ser um objeto de medida de valor. Ela também era um suporte de imagens religiosas e identitárias, trazendo símbolos das cidades onde foram cunhadas e de deuses que representavam sua religião. A relação da moeda com a religião é extremamente relevante no entendimento de seu surgimento⁴, não à toa o nome “moeda” tem como origem, segundo alguns estudiosos, a deusa romana Juno Moneta (COIMBRA 1957). A origem das oficinas monetárias também está totalmente atrelada aos templos religiosos antigos, sendo conhecidos como local para sua instalação, como no caso da

⁴ Neste sentido, importante frisar que as esferas econômica, social, política e religiosa eram todas amalgamadas, incrustadas. Esta dinâmica imbricada da vida no mundo antigo foi observada primeiramente por Karl Polanyi (2000) que cunhou o termo *embeddedness*, para expressar esta realidade.

primeira oficina romana que, a mando do seu senado, em 269 a.C., surgiu dentro do templo de Juno Moneta, com produção de moedas em grande escala para o período e, também, como local de extrema segurança para depósito das moedas cunhadas, por possuir proteção divina. Neste sentido é importantíssimo pensarmos nesses primeiros séculos da origem da moeda a partir da afirmação da professora Florenzano que diz:

“...a moeda no mundo grego e no mundo romano tinha funções econômicas fundamentais, mas preservava funções tradicionais ligadas à religiosidade desses povos e às questões de identidade e afirmação política” (FLORENZANO 2009, 56)

A partir do século V a.C. a produção da moeda se intensificou entre os povos mediterrânicos e, assim como a grande produção artística do período helenístico, as moedas também tiveram uma intensa valorização artística na produção iconográfica. Sabemos que em fins deste século, na Sicília, os artistas passaram a assinar suas moedas como obras de arte (Lo Monaco, 2019), demonstrando que as moedas, já neste período, não eram mais simplesmente um objeto de troca, mas também uma obra de arte, onde sua iconografia trazia pequenas imagens trabalhadas, estudadas e pensadas exatamente para aquela função de ser um instrumento de troca que alcançava locais que nenhum outro objeto talvez pudesse alcançar, transmitindo assim uma mensagem importante de unidade e identidade do povo grego na região.

“A moeda, além de ser um simples instrumento comercial ou de retribuição pelo seu valor intrínseco ou nominal, relaciona-se, portanto, às outras manifestações artísticas coevas e se torna veículo de um pensamento” (LO MONACO, 2019, p. 737)

As moedas romanas foram grandes exemplos do alcance propagandístico e identitário das iconografias presentes nos discos metálicos que circulavam por toda a extensão do Império e, também, dos povos à margem dessa região⁵. Influenciados

⁵ Vagner Carvalheiro Porto, em seu texto *O culto imperial e as moedas do Império Romano* de 2018, pondera sobre o uso propagandístico de governantes em suas moedas e sobre a instrumentalização política das moedas.

pela produção grega, muitos senadores e imperadores usufruíram intensamente dessa produção, cunhando um grande número de moedas que até hoje podemos ver representadas em grandes coleções particulares e institucionais no mundo todo. As moedas romanas são também provas históricas do imenso alcance do grande Império Romano, não só comercial, mas também artístico e identitário.

“A moeda romana como produto da esfera oficial, ligada diretamente ao poder político imperial, representava a eficácia desse poder que havia sido exercido por um longo período e havia criado as condições materiais para a produção artística grandiosa visível na Europa, sobretudo na Península Itálica.” (FLORENZANO, 2008, p. 157).

Pensar a moeda antiga como fruto de seu tempo nos ajuda a pensar sobre sua função para além do meio circulante, como medida de valor, reserva de valor ou meio de troca. Pensar sua função religiosa com oficinas monetárias surgindo dentro dos grandes templos, na sua função propagandística, que faz dela um forte instrumento de poder e divulgação identitária e sua função artística, com grandes artistas atuando em sua produção, vai nos auxiliar no entendimento do grande interesse das elites do mundo todo por ela, mesmo após sair de circulação e não ter mais nenhum valor monetário. Seja como apreciadores de suas iconografias ou do interesse do poder em torno desses pequenos, mas muito intensos, objetos representativos do poder durante séculos, ou através de uma base material para o entendimento da história, o colecionismo de moedas e medalhas também demonstrou interesse por todas essas vertentes associadas à moeda. Em consequência disso veremos o surgimento de uma disciplina científica que busca entender todo esse processo em torno da moeda durante os séculos: a numismática.

São muitas as definições encontradas para o conceito de numismática durante os séculos. José Leite de Vasconcelos, defensor do status de ciência para a numismática, no século XIX, a definia como:

“A ciência que tem por objetivo o estudo morfológico e interpretativo das moedas; morfológico porque as moedas hão de apreciar-se quanto ao seu metal, ao seu aspecto, a suas figuras, sinais e letreiros, interpretativos porque se tem de dar razão de tudo o que o estudo morfológico revelou nas moedas. É como que um estudo anatômico e fi-

siológico ou estático e dinâmico, ou da forma e da função” (VIEIRA 1995, 93).

Um século depois, os estudiosos do tema a identificam como uma “disciplina científica através da qual podem ser estudados muitos aspectos de uma sociedade” (VIEIRA 1995). A numismática tem como objeto, pelo qual estuda as sociedades, os diferentes tipos monetários oficiais e não oficiais, entre eles: moedas, moedas primitivas, peças monetiformes, moedas particulares, papel moeda, etc. Alguns pesquisadores identificam que o princípio do seu estudo de forma mais científica se deu a partir do Renascimento ou até mesmo do pré-Renascimento (CLAIN-STEFANELLI 1965), principalmente com o surgimento dos grandes humanistas e eruditos do iluminismo.

“The search into the history of all past form of Money – attempting to explain their origin, their evolution, their extrinsic appearance as well as their intrinsic qualities, their relations to economics, to social and to cultural history – is the real scope of numismatics as a scientific and historical discipline” (CLAIN-STEFANELLI 1965, 4)⁶.

Nos dias de hoje o estudo dos objetos pecuniários desenvolvido pela numismática já alcançou os principais museus e universidades do mundo, evoluindo as técnicas de análise das peças a partir do seu metal ou de suas imagens e inscrições. São inúmeras formas de analisar as sociedades organizadas monetariamente a partir deste pequeno disco metálico. De acordo com Frère:

“A Numismática (que não é a ciência da moeda, mas das moedas) vê na moeda um documento. Ela a estuda como um tipo de testemunho que cobre 3.000 anos de vida do homem em sociedade. Ela analisa este documento nos seus aspectos evidentes ou secretos: não se limita à investigação das variedades da matéria e da forma, mas interessa-se de igual modo pelas técnicas de fabricação e prende-se à explicação dos usos da moeda. A numismática transmite suas conclusões ao historiador, ao economista, ao filósofo e, também, ao artista e ao colecionador” (FRÈRE 1984, 13).

⁶ “A busca pela história de todas as formas de Dinheiro – tentando explicar sua origem, sua evolução, sua aparência extrínseca, bem como suas qualidades intrínsecas, suas relações com a economia, com a história social e cultural – é o verdadeiro escopo da numismática como uma disciplina científica e histórica” *tradução nossa*.

As grandes coleções numismáticas do mundo trazem tipos variados de representações monetárias e sua maior quantidade traz distintos exemplos que auxiliam os pesquisadores a entender diversas especificidades relativas principalmente às moedas mais antigas que eram confeccionadas em oficinas monetárias mais simples, nas quais, através do desgaste da peça e suas características particulares existentes entre os diferentes tipos de confecções, nos trazem muitas respostas sobre o desenvolvimento daquela sociedade. Também nos oferece informações sobre a quantidade de moedas circulantes naquele período, o nível de desenvolvimento comercial, as técnicas industriais e produtivas, entre muitas outras respostas que esses objetos podem nos trazer.

“Numismatics should broaden its scope from a Science restricted to coins or metallic currency, *l’archeologie de la monnaie métallique*, to a science of all forms of money – including primitive media of exchange, necessity money, money substitutes, and documents of value” (CLAIN-STEFANELLI 1965, 4)⁷

De forma geral, refletir sobre o colecionismo particular e/ou institucional de moedas nos faz entender também o sentido do estudo da numismática. Assim como numa relação dialética, a analogia entre numismática e colecionismo se completam quando falamos do estudo do meio circulante no qual as antigas e modernas sociedades se baseiam. A maior quantidade de exemplos e amplitude de percepção da produção de moedas que ocorreram na Antiguidade, nos dá uma maior precisão nas análises que possam ser realizadas nos estudos sociais e econômicos do período. Não falamos apenas de entender o fetiche em torno deste objeto, mas principalmente entender sua função e o interesse existente em torno dele, mesmo após perder sua função primordial como meio de medida de valor, ou seja, quando ela se torna um objeto de coleção⁸ (POMIAN 1984).

⁷ “A Numismática deve ampliar seu escopo de uma ciência restritas as moedas ou as moedas metálicas, *l’archeologie de la monnaie métallique*, para uma ciência de todas as formas de dinheiro – incluindo meios de troca primitivos, dinheiro de necessidade, substitutos de dinheiro e documentos de valor” *tradução nossa*.

⁸ Ressaltamos que a teoria de Pomian em torno dos semióforos será abordada mais adiante. Para uma ideia inicial colocamos o conceito de coleção a partir da ideia também de Pomian que a define como “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado” (POMIAN 1984, 53)

1.2 O colecionismo de moedas e medalhas no mundo antigo e moderno

Qual a utilidade de uma moeda que não tem mais valor de troca no meio circulante? Para muitos numismatas as respostas seriam inúmeras. Mas no colecionismo, será que existe alguma distinção em colecionar moedas e as demais coleções como as de objetos de arte, objetos religiosos, objetos arqueológicos, ou qualquer outro objeto? Provavelmente não, citando Clain-Stefanelli “only the motive or the goal defines the difference among collectors” (CLAIN-STEFANELLI, 1965, p. 8)⁹, ou citando Pomian “pode-se constatar sem risco de errar que qualquer objecto natural de que os homens conhecem a existência e qualquer artefacto, por mais fantástico que seja, figura em alguma parte num museu ou numa coleção particular” (POMIAN 1984, 51), mas é possível acreditar que existem especificidades no colecionismo de moedas que foram pouco abordadas na historiografia nacional e que devem ser abordadas de forma diferente dos outros objetos, seja no momento de catalogar as peças, seja na hora de explorar sua visualidade ao expô-las ou na hora de entender seu histórico até chegar em um acervo de museu. Mas, antes de entrar no detalhe específico de sua exposição e outros assuntos ligados à sua presença em museus, vamos tentar desenhar um histórico do colecionismo particular de moedas desde sua origem até o período da formação dessas instituições, entre os séculos XVIII e XIX, que muito influenciará na forma como elas serão abordadas dentro do setor institucional.

Como já citado anteriormente, as coleções de moedas e medalhas remontam a tempos antigos, seguindo as tendências do colecionismo de arte que existia desde os tempos dos monarcas do Egito Antigo e da Síria. Estas, possuíam inúmeras coleções de objetos de arte, como é o caso da coleção do faraó Ramses II (1279-1213 a.C.) (CARLAN; FUNARI, 2012). Em Roma, grandes Imperadores possuíam coleções de arte sob seu domínio, e muitas vezes as moedas estavam presentes como símbolos de seu poder sobre a helenidade (FLORENZANO, 2008). Dentre os exemplos de coleções que incluíam as peças monetárias durante a Antiguidade também podemos citar o acúmulo de moedas em templos, que eram dadas como oferenda

⁹ “apenas o motivo ou o objetivo define a diferença entre os colecionadores” *tradução nossa*.

aos deuses e que são grandes símbolos de outras funções das peças monetárias para além apenas do valor de troca, citando Clain-Stefanelli, eram “treasuries of the gods”. De forma geral, não era incomum ver esse tipo de coleção durante a era antiga. No período grego, muitas das produções monetárias visavam a esteticidade das peças, fazendo com que seus produtores fossem considerados como grandes artistas do período, produzindo belas moedas que nos permitem hoje a reconstrução oficial de identidades e a importância da arte helenística (LO MONACO, 2019). Já na Roma Antiga, valorizava-se mais as glórias nacionais em contraposição à arte, fazendo assim com que se tornassem grandes referências propagandísticas e históricas. Mesmo assim, sem perder a beleza das produções, como é o caso das peças de ouro que eram dadas como presente pelos Imperadores Romanos. Exemplo disso, é o Imperador Augusto que presenteava pessoas próximas com moedas raras ou bonitas (VIEIRA 1995) ou, como no caso dos Medalhões de Abuquir¹⁰, peças produzidas para serem dadas como gratificação e que hoje podemos ver sua beleza em algumas coleções de museus europeus e norte-americanos, como o Museu Calouste Gulbenkian, em Portugal, que possui onze dos vinte medalhões encontrados em um tesouro na cidade de Abu Qir, no Egito, e as demais peças que fazem parte dos acervos do Münzkabinett der Staatliche Museen zu Berlin, na Alemanha, do Walters Art Museum, em Baltimore, Estados Unidos e no Museu Arqueológico de Tassalônica, na Grécia, o que já demonstra o valor estético presente nessas peças.

Esses medalhões são um exemplo do impacto da produção das medalhas na Antiguidade, destacando os feitos históricos a partir de belas imagens confeccionadas por verdadeiros artistas que produziam essas peças. O tesouro descoberto no Egito em 1902 foi rapidamente vendido no meio comercial, tendo suas peças se dis-

¹⁰ Os onze medalhões de ouro provenientes de um tesouro descoberto no Egito em 1902 constituem um exemplo notável de arte da Antiguidade, bem como uma fonte em primeira mão de iconografia de *Alexandre, o Grande*. Como mencionamos, o Museu Calouste S. Gulbenkian conseguiu adquirir onze dos vinte medalhões originais, fazendo assim com que Lisboa seja atualmente o principal repositório destas peças. Trata-se dos únicos medalhões do período romano com estas características que chegaram aos nossos dias. Em contraste com outros medalhões de metais preciosos, estes não têm como base um tipo monetário definido, não podendo ser considerados múltiplos de *aurei* ou *solidi* correntes. Pelo contrário, os medalhões de Abuquir apresentam pesos diversos, possuem uma qualidade não monetária variável, e, o mais importante, não são produto de nenhuma cunhagem oficial romana. Além disso, ostentam legendas gregas, e não latinas, referentes ao rei Alexandre, facultando-nos um acesso fascinante a uma linguagem iconográfica extremamente elaborada que nos revela a história e a lenda de *Alexandre, o Grande* (356-323 a.C.), bem como o apreço de que esta figura foi alvo durante o período romano. De um modo bastante apropriado, o único imperador romano a figurar nestes medalhões é Caracala, ele próprio famoso por uma muito pessoal «alexandromania» (DAHMEN, 2014).

persado na mão de inúmeros colecionadores durante o século XX. As informações em torno do tesouro são imprecisas, acreditando-se que tenha seu encerramento no início do século IV d.C. (DAHMEN 2013). Esses medalhões de ouro trazem imagens de Alexandre, o Grande, na maior parte dos aversos, que são imagens muito próximas a exemplares de moedas de prata antigas emitidas na capital da Macedônia no século II d.C., que destacavam a imagem de Alexandre. Moedas essas que tiveram alcances extensos em grande parte da região do Mediterrâneo, tornando-se uma referência do período, inclusive com o ineditismo da representação de figuras humanas nas moedas, algo que vai influenciar as emissões romanas (FLORENZANO 2009). A produção desses medalhões está intrinsicamente relacionada aos jogos macedônicos que foram realizados no século III d.C. e, devido a sua grande importância econômica, traziam diversas representações em moedas cunhadas no período entre 218 d.C. e 250 d.C. De acordo com o arqueólogo, numismata e conservador do Münzkabinett de Berlim, Karsten Dahmen, tais emissões estariam diretamente relacionadas aos festivais realizados na Macedônia, sugerindo que os medalhões seriam prêmios dados aos vitoriosos¹¹.

“Tendo em conta a variação do peso e da pureza (c. 88-96% de ouro), e o facto de os vencedores serem frequentemente pagos em moeda circulante, poderíamos considerar que os medalhões de Abuquir teriam sido oferecidos como prêmios excepcionais pelo sumo-sacerdote, ou Makedoniarchos, responsável pela organização destes jogos. Nas suas mãos, estas manifestações numismáticas em ouro da lenda de Alexandre não só serviriam para realçar seu mandato, mas também como impressionantes donativos magisteriais e valiosas ofertas para convidados de elevados estatuto presentes em Beroia” (DAHMEN 2013, 14).

Para Clain-Stefanelli (1965), mesmo sem muitos exemplos identificados, além dos grandes imperadores, citados por Plínio, as moedas provavelmente fizeram parte das coleções da Antiguidade, junto com outros artefatos, como já citado anteriormente.

Já partindo para o período medieval vemos uma diminuição considerável na quantidade de coleções de moedas e medalhas. Há um questionamento sobre tal-

¹¹ Para mais informações sobre os tesouros de Abuquir, verificar as informações dos museus Calouste Gulbenkian de Lisboa e o Münzkabinett de Berlim, que destacam com grande ênfase essa coleção.

vez uma falta de fontes mais qualificadas que nos deem mais informações sobre esse assunto, mas o que sabemos por alguns estudiosos é que o grande número de imagens estampando em seus anversos e reversos efigies de divindades gregas ou romanas, ou seja, de cunho não cristão, afastavam o interesse das sociedades cristãs por essas peças (CLAIN-STEFANELLI 1965)¹².

Outro aspecto relevante sobre os usos da moeda, para além do contexto de circulação, e que segue presente no meio social, se não como objeto de apreciação, é a sua transformação em talismã, em amuleto, assim como ocorria na Antiguidade. Tal utilização da moeda com funções protetivas era deveras utilizada por muitos viajantes que percorriam a Europa. Essas pessoas penduravam no pescoço algumas moedas antigas, assimiladas com figuras cristãs, numa busca pelo misticismo de proteção. Por isso é possível encontrar peças deste período com furos que serviam para passar correntes e fitas que seguravam essas moedas no pescoço. Além desta função também era possível encontrar em mosteiros medievais algumas coleções remanescentes do período anterior em bibliotecas, ao lado de manuscritos e objetos de curiosidades que posteriormente fariam parte de fundos públicos ou privados (VIEIRA 1995). Neste momento acompanharemos o desenrolar de uma função muito específica da moeda que seguirá por muito tempo relacionada às bibliotecas por ser quase como uma testemunha dos tempos antigos, possuindo além das imagens de muitos imperadores, legendas que auxiliavam muitos estudiosos na leitura histórica do período antigo.

Mesmo identificada equivocadamente como Idade das Trevas, algumas localidades ainda exaltavam e atribuíam para si o status de herdeiros da cultura romana. Neste sentido é possível verificar uma série de leis instauradas por Carlos Magno durante o século VIII d.C. que determinava que tudo que lembrasse a cultura romana fosse preservado (CARLAN; FUNARI, 2012). Com certeza isso dá uma pista sobre como parte das moedas antigas chegaram até os dias de hoje, algumas até bastante preservadas. Isso também demonstra que nem todos os objetos gregos e romanos tenham sido perdidos durante o auge do cristianismo.

¹² Apesar dessa relação, a própria autora Clain-Stefanelli cita que em alguns casos havia uma assimilação de figuras greco-romanas com figuras religiosas cristãs presentes nessas moedas, como por exemplo uma relação da figura de Hércules com Cristo ou de Afrodite com a Virgem Maria.

No fim da Idade Média, naquilo que os historiadores chamam de Baixa Idade Média, verificamos uma movimentação de retorno à produção de moedas usando como inspiração as moedas romanas, como na produção de Frederico II (1194 – 1250), Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que criara uma moeda de ouro chamada *Augustalis*. Estas emissões apresentam muitas semelhanças com as cunhagens romanas, o que na opinião da autora americana Clain-Stefanelli, é mais um indício de que as coleções de moedas ainda resistiam até esse período, servindo de exemplos para essas e outras criações do período (CLAIN-STEFANELLI 1965, 12). Trata-se de um período mais próximo do Renascimento, em que já existiam questionamentos sobre a Igreja, seus dogmas e figuras pioneiras, como Thomas Aquino e Nicolas Oresme (1320 – 1382), e que já se estava a pensar sobre a função do dinheiro e até da numismática neste mesmo período. É importante destacar que neste momento o Império Romano do leste, ou o Império Bizantino, ainda existia e seguia produzindo moedas, muitas com representações cristãs que podem ser vistas em muitas coleções pelo mundo todo. Inclusive, havia momentos de exibição de coleções de moedas em eventos oficiais, como os eventos anuais de Constantino VII (905 – 959 d.C.) (CARLAN; FUNARI, 2012).

Uma outra visão deste período é destaca por Krysztof Pomian, que não acredita em uma baixa do colecionismo, mas sim em uma leitura diferente, que não levava em conta os inventários medievais que indicavam uma enormidade de objetos em propriedade dos reis. Dessa forma, Pomian os questiona como sendo objetos de uso pessoal. O autor vai tomar como exemplo o inventário de Carlos V, Rei da França (1338 – 1380), que tinha em seu inventário um total de 3906 objetos de uso doméstico como facas, baixelas, cálices, entre outros. Para Pomian este é um número muito alto de objetos para supor que eles estavam em uso e, analisando que a grande maioria era de objetos de metais preciosos, como ouro e prata, ou pedras preciosas como o rubi, o autor identifica esse conjunto como uma coleção que servia como acúmulo de riqueza dos príncipes, nomeado como tesouros principescos, que eram utilizados como valor de troca quando necessário. Nesse aspecto, essa acumulação de objetos preciosos, se aproxima mais dos entesouramentos. Pensando na afirmação do próprio Pomian, no entendimento de que uma coleção passa a ser legitimada não pela sua semelhança externa, mas pela sua “homologia de funções”, fica claro que ele considera este conjunto de utensílios, com função de ostentação e de reser-

va de valor, como uma coleção, como tantas outras do mesmo tipo que existiam no período medieval (POMIAN 1984).

No século XIV, teremos um despertar europeu tanto nas artes quanto no cientificismo, iniciando uma era pré-renascentista que trará inspiração para o desenrolar posterior com os iluministas e renascentistas. Nesse sentido, veremos uma volta dos ideais da Antiguidade e com isso o retorno do colecionismo, agora com bastante força. As peças que se relacionavam ao período grego e romano – seja com cópias das grandes obras de arte ou mesmo com as próprias obras que circulavam nas mãos de colecionadores e pessoas da nobreza – retornaram neste período com grande energia (CLAIN-STEFANELLI 1965). É partir deste momento que vão surgir os primeiros Gabinetes de Curiosidades que serão importantes para entendermos o surgimento dos museus e especificamente das coleções numismáticas, que farão parte desses acervos. Clain-Stefanelli mostra alguns exemplos do ressurgimento dessas coleções, como as coleções de moedas do Imperador Ferdinand I (1503 – 1564) do Sacro Império Romano-Germânico.

Na área da numismática teremos um nome muito importante durante este período, que colocará essa disciplina em um novo patamar, principalmente no que diz respeito ao seu estudo e organização. Francisco Petrarca (1304 – 1374) foi um humanista e poeta italiano que tinha um interesse especial pelas moedas romanas, desenvolvendo uma coleção pessoal e, também, oferecendo algumas delas ao Imperador Carlos IV (1316-1378 d.C.) com o intuito de que elas inspirassem o seu governo. Neste sentido, Adeilson Nogueira afirma:

“Para Petrarca, as moedas, assim como qualquer outro vestígio do passado, deveriam servir de lição de moral, segundo demonstra um episódio que ele próprio viveu: Durante o inverno de 1354, o imperador Carlos IV estava passando por Mântua e quis conhecer o poeta, já famoso na época. Francesco Petrarca foi ao encontro do imperador e presenteou-o com algumas moedas romanas de ouro e de prata da época imperial, para que ele pudesse conhecer e se igualar aos Césares representados. Carlos IV deve ter gostado muito do obséquio e presenteou o poeta com outra moeda. Infelizmente, nada se sabe sobre as peças da sua coleção (com exceção de um áureo de Augusto ao qual ele se refere numa das cartas *Ad Familiares*), nem sobre seu paradeiro”. (NOGUEIRA, 2019).

Petrarca ajudou também no estudo dessas moedas, organizando-as e descrevendo-as em seu *Epistolae de rebus familiaribus* se tornando um dos pioneiros neste tipo de publicação (FLORENZANO, 2008), e é considerado por alguns como o precursor do colecionismo moderno de moedas na península itálica (CARLAN; FUNARI, 2012).

Neste período a literatura e a história guiavam os humanistas, podia-se observar eruditos interessados no restabelecimento da glória clássica, assim, tornar-se colecionadores era quase que automático. A exemplo, temos o caso de Dante Alighieri (1265-1321) que estudou caracteres de manuscritos antigos, pergaminhos e palimpsestos; Michelangelo e Rafael que examinaram com grande interesse a arquitetura e a epigrafia das ruínas clássicas, e o já mencionado Petrarca, que teria analisado com grande interesse moedas greco-romanas. Neste sentido, Adeilson Nogueira nos informa que um dos primeiros autênticos e grandes colecionadores teria mesmo sido o poeta Francesco Petrarca, que teria entendido o importante significado documental da numismática e reuniu, dessa forma, “moedas da época imperial com intensa paixão” (NOGUEIRA, 2019). Segundo este autor o próprio Petrarca teria escrito:

“Acima de tudo, gosto de estudar as antiguidades... Muitas vezes encontrei em Roma vinicultores com uma joia antiga nas mãos ou uma moeda de prata ou de ouro, que descobrira com seu arado. Eu as comprava para tentar reconhecer as efígies dos heróis primitivos” (NOGUEIRA, 2019).

Esta relação entre o humanista e o Imperador é um exemplo da influência desses estudiosos entre os reis do período Renascentista. Presenteando o Imperador com moedas romanas, Petrarca demonstrava que esses nobres deveriam se associar a uma herança romana, entendendo sua história e assumindo posturas próximas àqueles Imperadores antigos.

“A moeda romana como produto da esfera oficial, ligada diretamente ao poder político imperial, representa a eficácia desse poder que havia sido exercido por um longo período e havia criado as condições materiais para a reprodução artística grandiosa ainda visível na Europa, so-

bretudo na Península Itálica. As grandes coleções de moedas entraram por essa via do colecionismo geral da época, na apropriação consciente da Antiguidade Clássica que atuou na construção de uma identidade nacional dos Estados europeus em formação” (ANDRÉN, 1998, 10 apud FLORENZANO 2008, 157).

A partir destes argumentos é possível verificar um novo interesse em torno desse tipo de coleção. Não se perdeu a contemplação da beleza artística dessas peças, mas sim adquiriu-se novos interesses em torno desse artefato. É um momento de estímulo às pesquisas dos manuscritos, do recolhimento de inscrições antigas e das moedas, e dos vestígios relativos à Antiguidade (POMIAN 1984). Agora é o interesse de entender a História e de se apropriar dessa herança como uma continuidade do esplendor e do poder da Antiguidade.

Como citado anteriormente, o fato de as moedas trazerem a imagem dos Imperadores e legendas que contavam os acontecimentos mais importantes daquele período, facilitava o estudo do período e essa apropriação. Ter uma moeda era como ter parte daquela história e, também, um livro, que contava de forma oficial aquilo que os romanos queriam que fosse visto. Não por acaso a maior parte deste tipo de coleção estará nas mãos dos reis e rainhas da Era Moderna e, posteriormente, as coleções públicas começarão a ser guardadas nas grandes bibliotecas nacionais, sendo consideradas documentos históricos, como “crônica oficial do passado de glória” (CLAIN-STEFANELLI 1965, 10).

Durante o período Renascentista assistiremos uma verdadeira explosão de coleções de moedas e medalhas entre as famílias reais e os nobres da Europa. O livro de Elvira Eliza Clain-Stefanelli, *Numismatics – an Ancient Science. A survey of its History* traz uma série de exemplos de colecionares deste período que tinham dezenas de milhares de peças em suas coleções, ampliadas com o passar dos séculos e passando pelas mãos de diversos familiares de maneira hereditária.

Alguns exemplos mais genéricos são os das famílias italianas, grandes colecionadoras de obras de arte durante o auge do Renascimento italiano, que tinham em suas coleções diversas moedas e medalhas antigas, entre elas a coleção do Papa Paulo II (1417 – 1471). Esta coleção se tornou, posteriormente, a base do acervo do Sant Mark’s Museum, ou a coleção de Cosimo di Medici (1389 – 1464) que em 1465

contava com 100 moedas de ouro, 503 de prata e mais de 1800 de cobre (CLAIN-STEFANELLI 1965). Durante esse período, as grandes coleções buscavam acumular o máximo possível de objetos, privilegiando sua estética e interesse científico e histórico, ressaltando as relações principalmente com a Antiguidade.

“These early periods betray little of refinement reflected in many of the collections of the later Renaissance, when genuine esthetic appreciation of art objects and a scholarly interest in science and history were the chief criteria” (CLAIN-STEFANELLI, 1965, p. 14).¹³

Nessa afirmação a autora expõe uma ideia do colecionismo muito próxima à proposta por Pomian em sua justificativa do porquê as pessoas colecionarem. Segundo o autor, colecionamos pelo instinto de propriedade que nos é próprio, pela propensão para acumular, pelo prazer estético e para adquirir conhecimento, além de, a partir disso tudo, obter um prestígio na obtenção de todos esses aspectos associados a um artefato. No entanto, Pomian reafirma que não é apenas isso que justifica o colecionismo (POMIAN 1984). Mas vamos refletir sobre essas ideias para desenvolver este período que a museologia identifica como o surgimento dos grandes Gabinetes de Curiosidades.

No período pós Renascimento e surgimento da sociedade moderna veremos mudanças consideráveis no colecionismo de moedas e medalhas que vão influenciar nos acervos dos museus que surgirão nos séculos XVIII e XIX. É preciso entender, antes de começarmos nossa reflexão sobre este período, uma importante afirmação de Pomian para aqueles que estudam o colecionismo de forma geral.

“Um estudo das coleções e dos colecionadores não pode fichar-se no quadro conceitual de uma psicologia individual que explica tudo, utilizando como referências noções como o gosto, o interesse ou ainda o prazer estético. (...) A partir daí é possível estabelecer o que é significativo para uma dada sociedade, quais os objetos que privilegia e quais são os comportamentos que estes objetos impõem a colecionadores” (POMIAN 1984, 75)

¹³ “Esses primeiros períodos revelam pouco do refinamento refletido em muitas das coleções da Renascença, quando a avaliação estética genuína de objetos de arte e um interesse acadêmico pela ciência e pela história eram os principais critérios” *tradução nossa*.

Refletindo sobre o que foi exposto até agora, é possível identificar que, até a Era Moderna o colecionismo de moedas e medalhas remetia a um sentido, primeiro estético, dos monarcas e imperadores que colecionavam obras de arte para demonstrar todo o seu poder diante de pessoas selecionadas que frequentavam suas residências e podiam ter acesso aos seus tesouros; posteriormente, histórico, se relacionando diretamente com a tradição clássica grega e romana, oferecendo àquelas que as possuíam uma legitimidade diante desse poder e dessa História e, por último, já com o surgimento do Renascimento, esse tipo de coleção passa a ser mais valorizado pelos humanistas que rodeavam os grandes príncipes, principalmente pelo seu aspecto documental, trazendo informações históricas que revelavam diversas lacunas na documentação manuscrita que, por sua fragilidade de suporte, não sobreviveu por muitos séculos. De qualquer maneira, identificamos um padrão social de quem tinha interesse por esse tipo de coleção: nobres, reis, imperadores, cleros, humanistas e intelectuais. Uma elite que encontrava nas coleções de moedas um dos apoios para legitimar seus antecedentes ou sua apropriação do saber histórico.

No período pós-Renascimento, entrando na era Moderna, veremos uma mudança significativa na abordagem deste tipo de coleção. Em um momento de ampliação e institucionalização do cientificismo no mundo europeu, acompanharemos uma maior especialização dos estudiosos da numismática, assim como sua consolidação como uma ciência, estipulando métodos e diretrizes que vão apresentar a numismática pelos próximos séculos. Não por acaso, neste mesmo momento, veremos um aumento significativo da quantidade de coleções, principalmente nos palácios e casas da nobreza europeia, muitas dessas que posteriormente se tornarão coleções públicas fazendo parte das grandes bibliotecas e museus nacionais.

Durante o século XVI, no período Renascentista abordado anteriormente, acompanhamos uma explosão de coleções de moedas e medalhas pelo mundo europeu, e será no século seguinte que acompanharemos um esforço para explorar todas essas peças de forma organizada. É neste momento que veremos um aumento significativo na publicação de catálogos e no surgimento de sociedades e especialistas contratados pelos grandes príncipes. O intuito destes era ampliar suas cole-

ções, foi então que contrataram esses especialistas e estudiosos que começaram a viajar pelo mundo em busca de novas peças raras que poderiam fazer parte das coleções já existentes. Um deles, Jean Foy Vaillant (1632 – 1706), foi contratado por Luís XIV para viajar por outros países, pesquisando e conhecendo coleções, e trazer novidades para o rei Sol. Vaillant listou algumas das diversas coleções que visitou, entre elas: Gabinete da Rainha Christina da Suécia; Gabinete de Alessandre Fornese, em Parma; Gabinete do Este, em Modena; Gabinete de Elias Ashmole, no Reino Unido, entre muitos outros (CLAIN-STEFANELLI 1965). Algumas dessas coleções chegavam a números bastante expressivos, como a da Rainha Christina da Suécia (1626 – 1689), que continha mais de 15.000 peças, ou a coleção de Frederico Guilherme I (1688 – 1740), da Prússia, que possuía mais de 22.000 moedas. Vaillant foi responsável pela publicação de alguns catálogos, entre 1674 e o início do século XVIII, que listavam moedas romanas.

Outro marco significativo deste período são os estudos de Guilherme Budé (1467-1540). Grande nome pioneiro da numismática, Budé é referência como um dos primeiros estudiosos a criar métodos de organização de moedas. Colecionador de moedas gregas e romanas, publicou diversos catálogos a partir de sua coleção, propondo formas de agrupamentos e publicações (VIEIRA 1995). Adolpho Occo (1524 – 1606), médico alemão que se aventurava nas coleções numismáticas, também vai inovar na organização das moedas romanas, abandonando a organização por metais e adotando a classificação cronológica, o que vai auxiliar bastante na futura leitura histórica dos imperadores romanos. Nessa época os temas discutidos pelos numismatas envolviam, além do inventário descrito nos catálogos, a história dos preços, os problemas judiciais das moedas falsas, os aspectos técnicos da produção das moedas, temas mais ligados à economia em geral (CLAIN-STEFANELLI 1965).

Em fins do século XVII e início do XVIII, outra coleção importante, do Vaticano, terá um significativo aumento em sua coleção numismática, tendo na figura do Papa Clemente XII (1730 – 1740) uma referência na ampliação das coleções da Igreja Católica no intuito da construção de um museu que pudesse possibilitar aos artistas e visitantes de Roma o contato com grandes obras de arte. Em fins do século XVIII o Papa Pio VI vai adquirir o Gabinete da Rainha Christina, ampliando signifi-

cativamente a coleção da Igreja, fazendo-a uma das grandes e mais simbólicas coleções do mundo (CLAIN-STEFANELLI 1965).

“A tendência, de formar coleção de séries completas que vinha já desde a Renascença, acentua-se à medida que cresce a procura por um maior ‘cientificismo’ iniciado no século das luzes e tão característico ao século XIX” (FLORENZANO 2008, 158).

O século XVII pode ser caracterizado como um século extremamente frutífero para área da numismática. É um momento de exploração e ampliação dos conhecimentos históricos e estéticos das peças, de produção de estudos e especialistas cada vez mais empenhados em definir bases concretas para o estudo das moedas e medalhas. É importante perceber que alguns colecionadores do período pós renascentista, também são os especialistas e pesquisadores interessados em desenvolver métodos de organização e aprofundamento das teorias numismatas. Já em fins do século XVIII vamos acompanhar o desenvolvimento das grandes coleções “exóticas” de objetos e animais que virão dos continentes distantes, cada vez mais explorados pelas coroas europeias e que serão a base da estrutura dos grandes Gabinetes de Curiosidades e dos museus que virão em seguida.

“Até metade do século XVIII, pelo menos em França, são as *medailles*, isto é, as moedas antigas, as peças de coleção por excelência. A partir desta data, serão suplantadas pelos objetos de história natural” (POMIAN 1984, 77)

Os séculos XVIII e XIX são períodos importantes na história do colecionismo, dos museus e principalmente do escopo de trabalho desta pesquisa. Refletindo sobre o que pretendemos trabalhar durante essa dissertação, é importante lembrar que nosso objeto de estudo é a formação da coleção numismática do Museu Paulista, que teve como base uma coleção privada, formada nos moldes dos Gabinetes de Curiosidade, mantendo sob a mesma ótica colecionista objetos das mais variadas tipologias. O colecionador Coronel Sertório será um nome importante que tentaremos apresentar durante o desenrolar do próximo capítulo, onde abordaremos mais

especificamente o caso nacional. Para isso, assim como no histórico traçado desde o princípio deste capítulo – no que diz respeito ao surgimento e desenvolvimento do colecionismo de moedas durante os séculos – tentaremos traçar paralelos de coleções e colecionadores em situações semelhantes, que nos darão um modelo próximo ao que encontraremos no caso do Museu Sertório. É importante ressaltar que trataremos apenas de exemplos que nos darão diretrizes para destacar pontos em comum entre os acontecimentos do século XVIII na Europa, que encontrarão seguidores no Brasil do século XIX, principalmente na área da numismática, na qual a tradição europeia do colecionismo de moedas, que foi exposto anteriormente, serviu “como modelo para formação das coleções de moedas no Brasil” (FLORENZANO 2008, 158)¹⁴.

Como já citado anteriormente, o colecionismo de moedas se espalhou principalmente nas elites europeias tendo como grandes colecionadores os grandes reis e rainhas, a nobreza que os rodeava, o clero e a elite intelectual do período. A ampliação das metodologias de estudo e organização das moedas geraram frutos e cada vez mais era possível verificar uma movimentação para legitimar a numismática como ciência. O primeiro passo foi seu desenvolvimento como uma disciplina acadêmica ministrada na Universidade de Halle, na Saxônia, a partir do ano de 1738. Outros professores acadêmicos tomarão parte nesse esforço, como é caso do grande nome da numismática, Abbot Joseph Eckhel (1737 – 1798), que foi Diretor da Imperial Coin Cabinet de Viena e arqueólogo na Universidade da mesma cidade. Considerado o pai da numismática, Eckhel desenvolveu novas bases organizacionais para a disciplina, discutindo em cima do mesmo suporte diversas temáticas de abordagem, como os metais utilizados na produção das moedas, os sistemas ponderais das sociedades antigas, a organização das oficinas monetárias durante a Antiguidade, a relação das moedas com a História da Arte, entre outros temas relacionados às moedas antigas (CLAIN-STEFANELLI 1965). Esse é um tema que será abordado no Brasil, já no século XX, sobre a cientificidade ou não da numismática, como veremos mais à frente. No entanto, é importante perceber que aqui já temos um mo-

¹⁴ É importante destacar que essa ideia de uma influência europeia no colecionismo de moedas no Brasil é tema defendido pela profa. Dra. Maria Beatriz B. Florenzano em seu texto citado neste trabalho. Apesar dessa defesa, ela deixa claro que o colecionismo de moedas no Brasil também desenvolveu características próprias que se relacionam à sua situação de um país situado na periferia em relação aos países da Europa ocidental. Essas especificidades serão tratadas posteriormente, mais propriamente, no capítulo relacionado ao colecionismo no Brasil.

mento de consolidação do colecionismo de moedas e medalhas que servia de base para esses estudos, resultando em seu auge também no sentido científico, como citado por Pomian, antes que os objetos de história natural ocupassem seu lugar como objetos de destaque nas coleções europeias e americanas.

“The old system of publishing catalogs of great collections was continued, but at the same time, advanced and more specialized studies were given increased attention” (CLAIN-STEFANELLI 1965, 27).¹⁵

Concomitantemente com todo esse contexto do colecionismo, encontraremos o surgimento dos grandes Gabinetes de Curiosidades. Seus primórdios remetem ao período dos séculos XVI e XVII, estando em constante relação com todo o histórico do colecionismo citado anteriormente, inclusive no que diz respeito às coleções de moedas e medalhas dos nobres e estudiosos do período. Trata-se de coleções que misturavam dentro de grandes salas fechadas objetos de história natural, objetos históricos, coleções de moedas e medalhas, vestígios de artefatos encontrados em escavações arqueológicas, entre outras coisas. Atualmente, vemos intensos debates e novas definições mais amplas e menos pejorativas desses espaços que guardavam as coleções da Primeira Era Moderna. O artigo de Carolina Vaz de Carvalho (2017) demonstra de forma clara os debates em torno de uma definição mais assertiva do que eram esses gabinetes dos séculos XVI e XVII, que muitos estudiosos da museologia os definem como a origem do museu contemporâneo. Segundo a autora:

“os “gabinetes de curiosidades” são frequentemente tratados como síntese das práticas colecionistas do período em questão e como origem dos museus contemporâneos. Essa noção parece ter sido conformada a partir das ideias e interpretações principalmente do século XIX, estando em descompasso com as concepções e práticas da primeira era moderna e não incorporando as análises e observações dos estudos mais recentes dedicados a colecionadores e coleções da época.” (CARVALHO 2017)

¹⁵ “O antigo sistema de publicação de catálogos de grandes coleções foi mantido, mas ao mesmo tempo estudos avançados e mais especializados recebeu maior atenção” *tradução nossa*.

Pensando nas definições mais recentes, precisamos levar em consideração alguns pontos. Primeiro, é importante a reflexão também para essa análise cronológica do colecionismo de moedas que estamos fazendo aqui, é fundamental entender que cada época enxerga o colecionismo de uma maneira. Assim como qualquer outra reflexão histórica, devemos sempre levar em consideração o contexto em que aquela questão está sendo tratada. Dessa maneira, precisamos pensar nesses gabinetes como um ambiente científico do pós renascentismo, e pré iluminismo, um período em que o cientificismo borbilhava, mas com muitas perguntas ainda sem respostas. Em seguida precisamos entender que a pesquisa em torno dos diversos assuntos históricos pode mudar de acordo com a evolução do pensamento contemporâneo, caso que ocorre na análise de Carvalho.

Se levarmos em consideração as famosas Wunderkammern¹⁶ alemãs e inglesas, encontraremos as definições mais tradicionais, como “um espaço fechado, frequentemente bastante atulhado e às vezes escondido, caracterizado pelo uso singular que fazia do espaço disponível e pela gama acadêmica de objetos que eram reunidos primariamente para serem estudados, e não para serem exibidos” (Mauriès apud Carvalho 2017, 1931). Como “protótipo do museu moderno” (STOCKING 1985), os Gabinetes de Curiosidade receberam uma nova definição, que demonstra de forma mais clara que existia sim uma proposta de pesquisa e organização dentro deste espaço. Para Eileen Hooper-Greenhill, a partir de uma perspectiva histórica das mudanças de modos de exibição e classificação dos objetos nos séculos XVI e XVII, ela propõe uma nova nomenclatura para esses gabinetes.

“Hooper-Greenhill propõe o termo “gabinetes do mundo” (cabinets of the world) como alternativa a gabinetes de curiosidades, argumentando que essas coleções, situadas pela autora entre o fim do XVI e início do XVII, teriam em comum a intensão de produzir imagens ou representações completas ou parciais do mundo através da reunião e disposição de objetos materiais. Aponta que as denominadas wunderkammern ou kunstkammern germânicas, tomadas como imagem estereotípica de tais gabinetes na história dos museus, eram apenas parte das coleções desses sujeitos, e que essa visão parcial em grande medida é tributária a uma perspectiva das ‘Belas Artes’ que informou muitos estudos do tema. Pontua que as coleções desse período frequentemente se desdobravam em múltiplos espaços, abarcando inclusive

¹⁶ Denominação alemã para os Gabinetes de Curiosidade da Era Moderna.

espaços abertos, e aborda a grande mobilidade de coleções e de objetos para coleções, envolvendo redes de relações pessoais, viagens, e mesmo lojas especializadas” (CARVALHO 2017, 1937)

Acreditamos que essa definição seja a mais próxima do que analisamos para essas coleções deste período, contando com ciências naturais, humanas e muitos outros itens que despertavam o interesse do ser humano para entender o mundo. Essa definição se aproxima também do que vamos ver mais para frente com o Gabinete do Coronel Sertório que vai dar início a coleção do Museu Paulista.

A partir dessas coleções e desses Gabinetes, veremos surgir no século XVIII aquilo que chamamos de Museus. Muitas das doações vindas de famílias reais, tornando esses objetos como propriedade do Estado, trarão uma nova visibilidade e significação para essas coleções.

1.3. A institucionalização da numismática nos acervos europeus

As moedas possuem espaço em quase todos os grandes museus que existem pelo mundo, e essa situação se estende desde os primórdios dos museus, em que muitos dos primeiros museus universalistas já continham em seus acervos moedas e medalhas em seus espaços expositivos e depósitos. Todo o desenvolvimento do colecionismo de moedas e medalhas, exposto anteriormente, deixa claro que esse tipo de artefato esteja nas coleções não só privadas, mas também as museológicas.

Assim como muitos outros objetos museológicos, as moedas e medalhas percorreram um caminho bastante comum para os objetos que adentraram os primeiros museus da Europa. Coleções Reais, coleções privadas dos nobres e das elites burguesas e Gabinetes de Curiosidades, todos acervos privados que no século XVIII e XIX se tornarão acervos públicos. Diante de um histórico comum a tantos artefatos, o questionamento que trazemos é específico e busca entender por que esses objetos, tão comuns entre os colecionadores particulares dos séculos XVII, XVIII e XIX, foi “musealizado” em conjunto com acervos tão distintos em seu suporte, interesse e essência. O trabalho de Fábio Rodrigo de Moraes traz em si esse questionamento

inicial do motivo da convivência entre acervos de ciências naturais e histórico dentro do Museu Paulista, colocando como resposta parcial a localização do museu que, estando em um prédio com simbologia histórica, se via obrigado a coletar também objetos históricos (MORAES 2008). No entanto, questionaremos nesta pesquisa se esse é realmente o único sentido desses acervos encontrarem-se ali. Existe um histórico em relação a uma convivência entre esse tipo de acervo durante os séculos XVIII e XIX que pode ter influenciado os museus nacionais, assim como o processo em torno da musealização dos gabinetes de curiosidades que também trouxe essas coleções até o espaço público.

Traremos alguns exemplos de acervos europeus que simbolizam de forma mais genérica a formação desse tipo de coleção pública durante os séculos XVIII e XIX. Veremos aqui que antes de existir uma relação entre as coleções de moedas e medalhas e os museus nacionais, houve um contato próximo entre essas coleções e as bibliotecas. Em um momento seguinte ao Renascimento, as moedas antigas passaram a ser reconhecidas cada vez mais como documentos escritos e iconográficos, levando em consideração a representação dos grandes imperadores e as legendas que traziam informações históricas relevantes que muitas vezes desvendavam passagens históricas que não sobreviveram em relatos manuscritos e outras vezes confirmavam momentos históricos registrados em manuscritos não oficiais, e que através do meio circulante oficial do período retiravam as dúvidas em relação àqueles momentos específicos.

“A moeda romana, sobretudo, pode servir a uma história factual, cronológica, na medida em que apresenta datas, sequências de imperadores, retratos das famílias imperiais, registros de ações do imperador, ou de leis promulgadas. Além disso, por seu tamanho, por sua portabilidade, pelo valor intrínseco de sua matéria prima (sempre o metal), foi conveniente e possível que estes pequenos objetos com escrita se acomodassem e associassem às Bibliotecas” (FLORENZANO, 2008, p. 156)

Um exemplo característico dessa relação estreita entre as coleções de numismáticas e as bibliotecas nacionais está representada na história do acervo de numismática do Museu Arqueológico Nacional da Espanha, localizado em Madri,

onde hoje é possível visitar a coleção histórica e arqueológica mais importante da Espanha. Com um acervo numismático calculado em 300.000 itens no ano de 2003, o Departamento de Numismática do Museu Arqueológico Nacional passou por diversas “casas” antes de se consolidar finalmente em um acervo museológico com tamanha importância.

Criado em 1867, pela Rainha Isabel II, o Museu Arqueológico Nacional reuniu em seu acervo inicial as coleções do Museo de Medallas y Antigüedades da Biblioteca Nacional, as coleções arqueológicas do Museu de Ciências Naturais e os artefatos descobertos em escavações durante o século XIX que seriam absorvidos pelo Museu. Neste período já estamos falando de um momento em que os museus europeus começavam a trabalhar na especialização de setores de pesquisa, levando acervos em comum para o mesmo espaço, o que fez com que a coleção de arqueologia, que antes se localizava em um acervo de ciências naturais, algo comum até esse período, e que veremos será comum posteriormente no Brasil, se juntar a um acervo de medalhas e moedas que se encontravam na Biblioteca Nacional da Espanha, junto com livros e manuscritos. Este acervo havia sido muito bem construído até este momento.

A Biblioteca Nacional, fundada em 1711 e aberta ao público em 1712, foi a primeira instituição pública cultural do país e a base de seu acervo se sustentava das coleções Reais que cada vez mais estavam se abrindo ao público entre os séculos XVII e XVIII. O monetário real neste período já contava com cerca de oito mil peças, contando os itens existentes na livraria real desde 1637 e algumas peças trazidas por Filipe V da França (1293 – 1322) (ASINS 2003). Durante a gestão do moedeiro pela Biblioteca Nacional foram feitas diversas aquisições de coleções particulares, prática que demonstra um projeto de ampliação e curadoria do acervo. Algumas coleções de grande importância no país foram adquiridas, como a coleção de Charles d'Orleans de Rothelin, comprada no ano de 1746 e a mais importante, do Infante D. Gabriel, quinto filho de Carlos III, adquirida em 1793. Em 1826, após diversas mudanças de edifícios, o acervo da Biblioteca ganha uma casa definitiva, e em 26 de julho de 1826 é inaugurado o Museo de Medallas de la Biblioteca Nacional. Neste momento as “medallas” ganham um destaque especial e uma nova organização interna. O acervo passa a ser dividido em quatro seções: 1ª seção de moedas antigas não-romanas; 2ª seção de moedas romanas até 1453; 3ª seção de moedas moder-

nas e 4ª seção de moedas de todos os tipos. Finalmente em 1837 o Museu de Medallas contabiliza um acervo de 90.403 moedas, mantendo sua política de ampliação através de aquisições.

O Museu de Medallas de la Biblioteca Nacional, posteriormente absorvido pelo Museu Arqueológico Nacional, é um exemplo de acervo construído através de coleções reais e consolidado com uma política de aquisições que visava suprimir as lacunas encontradas em sua coleção, seguindo normas decididas internamente, o que podemos definir já como uma espécie de política curatorial para seu acervo, entendendo que um acervo de mais de 90.000 peças não era apenas apresentado aleatoriamente, mas sim com uma organização e ideias que seguiam a tendência do período.

Um outro exemplo, mais próximo do que acontecerá no Museu Paulista, é da coleção numismática do British Museum, atualmente uma das coleções mais importante do mundo, contendo mais de 800 mil peças, com uma enorme diversidade de itens que abrange desde os objetos pré-monetários, passando por medalhas, condecorações e chegando até as moedas mais raras e importantes no mundo da numismática.

O Museu Britânico, fundado em 1753, traz nova luz ao colecionismo de moedas e medalhas no Reino Unido. Apesar de não ter tantas coleções desse tipo até meados do século XVIII, a elite britânica aparecia tímida nas divulgações de catálogos e coleções europeias. De acordo com Burnett (2011), a publicação de Goltzius em 1550, elencou 977 coleções de moedas pela Europa, das quais nenhuma era britânica; A publicação de Goltzius continha apenas coleções importantes da Itália, Alemanha, França e Países Baixos. Neste mesmo período, Christian Dekesil identificou 1148 catálogos importantes publicados no século XVI e 2925, no século XVII, sendo que apenas 10 deles haviam sido produzidos no Reino Unido. Foi a partir de meados do século XVIII, com a criação do museu e o interesse maior da Sociedade de Antiquários do Reino Unido, que o colecionismo de moedas cresceu no país, ponto importante para entender o impacto do museu na numismática.

A coleção inicial do museu juntava uma enorme quantidade de materiais coletados por Hans Sloane (1660 – 1753) que doou toda sua coleção para fundação do museu em 1753.

“He was not famous as a collector of coins: the strength of his collection was its natural history specimens. The other largest categories was his ethnographic material and his books, and, although there were relatively few antiquities, nevertheless he did have a very extensive collection of coins. They were catalogues in 10 folio volumes ‘of the Coins and Medals of different Countries, Antient and Modern’ (BURNETT 2011, 3).¹⁷

Infelizmente, o catálogo não sobreviveu até os dias de hoje, mas há uma estimativa de que o conjunto inicial doado ao museu fosse de cerca de 23 mil moedas e medalhas (BURNETT 2011). Não à toa, diante da natureza da coleção, o museu inicialmente era formado por três departamentos: *Department of Printed Books, Maps, Globes and Drawings; Manuscripts, Medals and Coins* e *Natural and Artificial Productions*. Um quarto departamento foi fundado em 1807, o departamento de Antiguidades, para onde foi realocada a coleção numismática (STOCKING 1985). É interessante perceber que as moedas seguiram o mesmo caminho do museu espanhol, passando primeiro pelo departamento de manuscritos, ou quase como a biblioteca, identificado como documentação escrita.

Após 1807, com a entrada de Taylor Combe (1774 – 1826) na chefia do departamento de Antiguidade, filho de um grande numismata britânico, Charles Combe (1743 – 1817), tanto o departamento quanto a área da numismática cresceram exponencialmente, não apenas na questão de acervo, mas também com pesquisas e publicações. Nas palavras de Burnett, este foi o momento da transformação do museu-biblioteca para realmente um museu de objetos da antiguidade (BURNETT 2011). Este também foi o período em que uma série de catálogos com registros das diversas coleções do museu de moedas anglo saxônicas, gregas e romanas foram publicados.

Em 1860, acontece uma nova divisão de departamento e dividem o Departamento de Antiguidade em três outros departamentos: *Department of Greek and Roman Antiquities; Department of Coins and Medals; Department of Oriental Antiquities*

¹⁷ “Ele não era um famoso colecionador de moedas: a força da sua coleção eram os espécimes de História Natural. As outras grandes categorias eram os materiais etnográficos e seus livros, e, embora tivesse poucas antiguidades, ele tinha uma coleção extensa de moedas. Elas estavam catalogadas em 10 volumes ‘das moedas e medalhas de diferentes países, Antigos e Modernos’” *tradução nossa*.

(BURNETT 2011). A partir de então, a numismática ganha papel de protagonista e o museu se torna o grande centro numismático do Reino Unido, desenvolvendo estudos e publicações específicas, baseadas em novidades metodológicas e muitas criadas dentro do próprio museu.

Diante desses exemplos é possível refletir que em fins do século XVIII e durante o século XIX, as coleções institucionais de numismática eram uma realidade muito bem consolidada nos grandes museus europeus, com políticas de aquisição, projetos expositivos e ampliações constantes, que faziam parte dos projetos das mais distintas instituições culturais do Ocidente. Veremos no próximo capítulo que os museus brasileiros seguem os mesmos passos que os europeus, assim como o desenvolvimento das coleções de moedas e medalhas que terão um caminho quase natural a ser seguido se adotarmos toda a lógica apresentada em relação a construção dos museus científicos e universalistas destes séculos.

Capítulo 2 – A formação das coleções de moedas e medalhas no Brasil

2.1. O Museu Nacional do Rio de Janeiro e um acervo numismático

Ao pensar na formação das coleções de moedas e medalhas do Brasil, acreditamos ser essencial refletir sobre as coleções institucionais e particulares, uma vez que a influência dessas duas esferas é mútua. Dessa maneira, entendemos a importância de analisar a formação do primeiro acervo nacional de moedas, medalhas, condecorações e papel-moeda do país, que teve origem em princípios do século XIX, dentro do acervo do primeiro museu brasileiro, percorrendo um caminho institucional que o levou à consagração com Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional. Para isso, vamos contar a história do Museu Nacional, destacando esta coleção e tentando designar um caminho, entendendo o significado e influência disso para o restante das instituições e coleções de moedas do país.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro foi inaugurado, por decreto do Rei D. João VI, em 6 de junho de 1818. Nominado como Museu Real, ele trazia em sua base a herança da Casa dos Pássaros, que existia no Rio de Janeiro desde 1784, e tinha como objetivo abastecer os museus da metrópole portuguesa com a preparação e envio dos produtos de história natural coletados na colônia brasileira. Ainda no início do século XIX a Casa dos Pássaros passou por um processo de desmanche que culminaria mais tarde na construção do Museu Real. Mas, ainda em 1811, com a construção do Erário Real no edifício em que estava alocada a Casa, parte dos objetos que ali estavam foram armazenados na Real Academia Militar do Rio de Janeiro junto com a coleção de mineralogia, conhecida como Coleção Werner, por conta do pesquisador de mesmo nome que organizou os 3326 exemplares que a integravam. Além desses objetos, até a formação do Museu Real, a Real Academia Militar teve um processo de ampliação de suas coleções. Em meados da década de 1810 já possuía em seu gabinete, de forma desorganizada, pássaros, conchas, amostras de ouro, quadros e medalhas (LOPES 1997).

Nesse período a metrópole portuguesa já havia consolidado a organização de suas instituições museológicas e, com a chegada da família Real ao Brasil, trouxe consigo a proposta para construção ideológica dessas instituições. No século XVIII, Portugal já contava com alguns museus como o da Universidade de Coimbra, o da Ajuda e da Academia de Ciência. O primeiro, criado sob a estrutura da Universidade, teve como núcleo inicial a coleção particular de Vandelli que, em 1779, tinha em seu inventário coleções de “esqueletos de animais, conchas raras, uma valiosa coleção de mármore da Itália e outros países, coleções de pedras, grande quantidade de frutos e sementes e uma coleção quase completa de medalhas romanas de ouro e prata”. O Museu da Ajuda, neste mesmo período, contava com uma coleção bem parecida, sendo contabilizada em seu inventário 7732 animais, 4396 plantas, 1382 pedras, 2246 medalhas e moedas (LOPES 1997, 32). A composição das coleções dos gabinetes portugueses já estava alinhada com as demais europeias, baseada nas coleções enciclopédicas e universalistas, pendendo para um destaque cada vez maior das ciências naturais que ganharão força no século XIX. Mas, mesmo assim, vemos um número relevante de moedas presentes nesses acervos, algo que será reproduzido pelos primeiros museus nacionais, como no caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e destacado pela professora Lopes em afirmação que aparece na introdução de seu livro, que também aparece em outros momentos oportunos, bem como na citação de Pomian (1984), quase como justificativa para a permanência deste tipo de coleção nos museus nacionais.

“Até a metade do século XVIII, particularmente na França, mas de modo geral em todos os países europeus, onde a moda do colecionismo de antiguidades já havia se difundido desde o XVI, as ‘medailles’, ou seja, as moedas antigas, predominavam nos acervos, eram as peças de museu por excelência. A partir deste momento estas passam a ser superadas pelos Objetos de História Natural. Encontramo-las ainda nos Gabinetes de Coimbra e de Ajuda, e vamos encontra-las no Museu Nacional do Rio de Janeiro, mas sem dúvida nenhuma, nestes, já são os produtos naturais e artificiais dos novos mundos as peças de coleção por excelência”. (LOPES 1997, 34)

Essa afirmação de Lopes, sem dúvida, é mais uma das questões que influenciaram esta pesquisa. A mudança de interesse entre as duas tipologias no século

XIX não exclui o papel das “medailles” nos grandes museus pelo mundo e mesmo no Brasil, seja nos anos anteriores ou nos posteriores a esse período. A coleção numismática do Museu Nacional teve uma evolução considerável durante seu princípio e até meados do século XIX, com seção exclusiva, aquisições correntes e propostas de permutas de peças com outras instituições, o que pode vir a configurar como uma estratégia de ampliação e valorização desses objetos, mesmo sem o aprofundamento necessário ou mesmo próximo daquele reservado à Ciência Natural. Esta certamente foi central no papel desta e das outras instituições citadas, mas a convivência entre as duas tipologias nos leva a pensar sobre qual o intuito em manter essas coleções nesses museus e nos próximos que surgirão no Brasil, como o Museu Paraense, o Museu Paranaense e o Museu Paulista.

Inaugurado em 1818 com um acervo constituído pela “herança” dos objetos que estavam na Casa dos Pássaros, a coleção da Real Academia Militar, Coleção Werner, e uma pequena doação feita por D. João VI, o museu seguiu ampliando suas coleções e, já na década de 1820, desenvolvia um critério mais rígido de organização e inventário dos objetos que continham em seu acervo, mesmo que ainda de maneira incipiente. O trabalho de Lopes nos dá alguns números importantes sobre essas coleções e principalmente sobre a organização burocrática do Museu, o que nos chamou atenção no que diz respeito à valorização das moedas e medalhas neste acervo, como podemos verificar em 1825, sete anos após sua inauguração, com a existência de um “Catálogo das Medalhas e Moedas de Ouro e Douradas de Prata, de Cobre e de Ferro Existentes no Museu Nacional”, que contava com um total de 225 medalhas descritas e mais 6044 enviadas pelo Visconde de São Leopoldo (LOPES 1997, 53).

É possível depreender a partir deste inventário uma forma de organização e um acervo expressivo. Dividido de acordo com o suporte metálico das moedas e medalhas, verificamos o que estava em destaque na organização dessas peças. Muito mais que as classificações cronológicas feitas até então por museus europeus ou por estudiosos e colecionadores específicos (CLAIN-STEFANELLI 1965), o museu nacional valorizava e classificava sua coleção conforme o material, demonstrando um conhecimento muito restrito às técnicas e classificações numismáticas da época, organizando as peças em aproximações materiais, mais visíveis aos olhos de leigos. Em outro momento a autora indica que na década de 1830 a “coleção de

moedas e medalhas expostas dividiam uma sala com quadros e múmias egípcias” (LOPES 1997), denotando já uma outra percepção deste acervo, alguns anos depois, com uma relação mais próxima dos acervos históricos, o que pode ser interpretado como o desenrolar de estudos mais específicos, já direcionando um novo interesse para essas peças.

Apesar dos números expressivos, certamente essa coleção não estava próxima dos números das coleções científicas, e muito menos era estudada da mesma maneira, no entanto, é importante perceber sua presença desde os primórdios do museu, estabelecendo uma relação com o restante do acervo, mesmo de forma restrita e inicial no que diz respeito à pesquisa e conhecimento desta tipologia.

Após a década de 1830 encontraremos o Museu Nacional com uma maior organização e adotando um caminho mais conectado às demais instituições museológicas do período ao determinar uma divisão de seções que vai esclarecer os objetivos da instituição no que diz respeito ao acervo como um todo, indicando quem considerava mais apropriado para cada uma das especificidades desse acervo tão diversificado. Neste sentido, e analisando informações fornecidas na pesquisa de Lopes (1997), veremos que em 1838 um catálogo, considerado o mais antigo e completo do museu, nos revela as primeiras impressões de uma possível divisão, ainda não definitiva, pois sabemos que isso será feito apenas na década de 1840, separando as coleções da seguinte maneira: Produtos Zoológicos, contendo 4964 exemplares; Produtos Botânicos, contendo 1600 amostras; Produtos orictognósticos, contendo 4515 produtos; e Produtos de Belas Artes, contendo dentro dessa classificação 1105 moedas e medalhas¹⁸, sendo entre as moedas, 464 antigas, 30 da Idade Média e 169 modernas, contabilizando 663 moedas, com o restante em medalhas, além de 150 moldes de personalidades gregas e romanas, e 1080 moldes em gesso de diversos artistas (LOPES 1997).

Vemos aqui um novo direcionamento para as moedas e medalhas, agora classificadas com os objetos de Belas Artes, destacando a partir dessa coleção um aspecto artístico e iconográfico, com uma expressiva maioria de peças antigas que, entre os colecionadores europeus, já eram consideradas as mais belas e mais

¹⁸ Não sabemos explicar o motivo de um descompasso de quantidade de peças entre o inventário de 1838 e 1825 sobre o montante de peças da numismática, mas provavelmente a coleção anteriormente citada do Visconde de São Leopoldo não tenha sido contabilizada aqui neste inventário.

exemplares como objetos artísticos. É também importante perceber que, mesmo classificada como objeto de arte, a coleção já começava a ser organizada conforme as classificações recorrentes na numismática, ressaltando seu período histórico a partir de uma visão cronológica separada em Antiga, Idade Média e Moderna. Se considerarmos numericamente, o núcleo numismático do museu não era dos mais expressivos, mas era parte considerável do museu, totalizando algo em torno de 10% de seu acervo, que buscava ser eclético em sua distribuição científica e universal, como afirma Lopes.

“É possível identificar na realidade concreta desses objetos a ideia do museu universal, de caráter metropolitano, construído em moldes europeus, que almejava ser completo sim, mas de coleções que representassem o mundo todo, tais quais os museus das nações civilizadas, entre as quais nos almejavamos incluir” (LOPES 1997, 69)

Esta divisão de seções será consolidada mais tarde com a criação de uma seção denominada “Numismática e Artes Liberais, Arqueologia, Usos e Costumes das Nações Modernas” que será dirigida por Manuel de Araújo Porto Alegre entre os anos de 1842 e 1859, o mesmo que posteriormente irá assumir a direção da Real Academia de Belas Artes. A nomenclatura da seção não nos traz muitas respostas sobre qual a classificação específica que eles buscavam com estes objetos, mas talvez essa fosse realmente a ala universalista do museu que era científico em sua essência, mas que, seguindo a tendência dos museus da primeira metade do século XIX na Europa, tentava ser universalista e enciclopédico, como os museus etnográficos “dedicados à coleção, preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos materiais” seja qual for sua natureza (SCHWARCZ 1993, 89). De qualquer maneira, para nossa análise é importante levar em consideração dois aspectos referentes à classificação desta seção: o primeiro diz respeito a onde está alocada a coleção numismática, que segue próxima dos objetos artísticos, o que justifica a direção de Araújo Porto Alegre, um notório estudioso e professor de artes, que terá toda a sua carreira dirigida para este seguimento. Retomamos aqui o estudo de Viviana Lo Monaco que nos coloca a visão da moeda como uma “manifestação artística”, que expõe a expressão artística de sua época e que por isso está representada como sím-

bolo artístico em diversos museus de arte e decorativos, como o Museu Calouste Gulbenkian, citado anteriormente, ou mesmo o Metropolitan Museum em Nova York, que possui em seu acervo moedas do século V a.C. que são valorizadas por sua estética e que levou estudiosos a conclusão apontada por Monaco de que “a execução plástica das imagens gravadas nessas moedas é tão perfeita que é legítimo supor que os autores dos cunhos também criassem estátuas de grande dimensão” (MONACO 2019, 737). O segundo ponto é sua proximidade dos acervos arqueológicos, que podem ter sua classificação confundida com o aspecto histórico, retomando já as ideias do fim da década de 1830 em classificar cronologicamente essas peças. Mas mesmo nessas aproximações, o maior destaque é ter na própria definição da seção o reconhecimento do termo “Numismática” como um campo de estudo assim como as Artes e a Arqueologia. Certamente este reconhecimento influenciará os outros museus nacionais em suas ações curatoriais relacionadas aos seus acervos.

Mesmo com essa divisão considerada coerente entre os diretores do museu, houve muito questionamento sobre esta seção. Segundo Lopes, o Senador José Saturnino Pereira considerava neste momento que a arqueologia era inútil e considerava a necessidade de cortes em coisas “menos úteis”. Ele propunha dispensar, por ora, o gabinete de numismática considerando que “esta ciência tem sido cultivada por nações adiantadas, (e) pouca utilidade pode por ora dar ao Brasil” (LOPES 1997, 88). Com o destaque, veio também a cobrança e assim a numismática era colocada em xeque no acervo do Museu Nacional e sua manutenção questionada pelos políticos nacionais, virando inclusive justificativa para cortes orçamentários dentro do museu, como o ocorrido em 1844 no salário dos diretores das seções. É interessante refletir a partir desta afirmação sobre um desconhecimento desse tipo de estudo aqui no Brasil, sendo desconsiderado publicamente por políticos do período, mas que sabiam da existência do conhecimento sobre o tema no exterior. Isso pode explicar a tese defendida por Lilia Schwarcz, sobre a ciência que entra primeiro como moda e depois será estudada realmente (SCHWARCZ 1993), denominada por ela como uma “cientificidade difusa”. É importante ter essa ideia em mente, para refletir mais a frente, em torno da década de 1880, com a coleção Sertório e, possivelmente, o momento em que a numismática será absorvida mais enfaticamente como moda.

Apesar do desmerecimento público, a desvalorização deste acervo não era algo que ficava evidente na justificativa dos pesquisadores do museu, apesar de pouca influência ela ter nas ações do museu durante este período. No entanto, é fácil deduzir que pouca ação havia nesta coleção se levarmos em conta que entre 1842 e 1870 a quantidade de funcionários do museu variou entre 6 e 11 profissionais, que estavam envolvidos na preparação e pesquisa do acervo de história natural que mais interesse despertava aos pesquisadores nacionais e estrangeiros que frequentavam o museu. Entretanto, o acervo de moedas e medalhas continuou se expandindo, nos fazendo refletir sobre qual o interesse nessa ampliação. Segundo Araújo Porto Alegre, em declaração de 1852:

“A coleção de medalhas históricas nacionais, isto é, a das medalhas cunhadas em Portugal e no Brasil do século XVI para cá, progride e com as encomendas que o diretor fez para Lisboa, se poderá talvez chegar a um estado satisfatório para o estudo da história pátria nessa sorte de documentos” (LOPES 1997, 118)

Nesta declaração podemos verificar um planejamento da coleção, focada no período da história nacional após a chegada dos portugueses, assim como a afirmação de que essas medalhas eram tratadas como “documentos” históricos, uma outra relação já identificada nas salas expositivas que destacavam a natureza histórica deste acervo.

Pensando em um museu criado pela família Imperial, localizado na capital do país, é interessante refletir sobre o papel que ele tinha na construção também do imaginário histórico nacional. Se levarmos em conta os museus europeus criados em fins do século XVIII, que serviam de grandes exemplos ao Museu Nacional, veremos instituições como o Louvre ou o Museu do Prado que, nas palavras de Schwarcz, eram “formados antes para expor objetos à admiração pública do que pensados enquanto espaços para ensino e pesquisa científica” (SCHWARCZ 1993, 88). É claro que estamos em um momento posterior, mas também sabemos que as transformações do pensamento, principalmente o científico, demorava um pouco mais para chegar à periferia econômica, que era o caso do Brasil.

Em 1872, com a saída de Manoel Araújo Porto Alegre para a Academia de Belas Artes, o Museu Nacional contrata Pedro Américo de Figueiredo Melo (LOPES 1997), o mesmo que pintou diversas cenas históricas nacionais, como o “Independência ou morte”, quadro icônico do acervo do Museu Paulista, para dirigir a seção de numismática. Segundo Lopes, “o preparador (o diretor Burlamaque) considerava que para a seção produzir todos os seus frutos seria necessário um homem versado em numismática e que fosse ao mesmo tempo arqueólogo e estenógrafo”, o mesmo Burlamaque já tinha feito uma análise da coleção numismática em 1862 que indicava que “há coisa de cinco anos as medalhas e moedas ocupavam apenas um pequeno móvel, hoje, elas enchem três grandes móveis de moeda que não resta mais espaço para dispô-las cronologicamente e de maneira sistemática” (LOPES 1997, 119). É interessante pensar que novamente temos a frente da seção que cuida das moedas e medalhas do museu um especialista em arte e também um homem interessado na história nacional que, assim, preenchia as necessidades indicadas por Burlamaque, já que arqueologia e história se confundiam até pelo menos o início do século XX, como nos mostra Schwarcz ao analisar o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, onde diz que a “Arqueologia, para o IAGP, era a matéria que versava sobre antiguidades e a geografia” (SCHWARCZ 1993, 156). Podemos refletir sobre a função pensada pelos dirigentes do museu para essa coleção que estava relacionada à história, mas também à arte, como dois pontos que se unem através das moedas colecionadas pelo museu.

Em 1873 houve uma compra significativa para o acervo do museu, realizada pelo Conselheiro Eustáquio Adolfo de Melo Matos, obtida na Europa entre 1824 e 1845, além de uma coleção completa de moedas portuguesas (LOPES 1997, 120). Assim, em 1874 a “Relação de Moedas e Medalhas existentes no Medalheiro” informava que havia um total de 2959 moedas, sendo 166 de ouro, 1399 de prata, 30 de níquel e 1364 de cobre, se dividindo entre 644 portuguesas, 417 brasileiras, 242 espanholas, 186 inglesas e 161 francesas. Além dessas havia também 1266 medalhas, sendo 7 de ouro, 117 de prata, 1142 de diversos metais; além de uma coleção de condecorações brasileiras com 31 medalhas de guerra e 22 peças de ouro e pra-

ta “faltando apenas o colar da Rosa para ser completa”¹⁹ (LOPES 1997, 121). Pouco antes do museu se desfazer de sua coleção, repassando à Biblioteca Nacional, é possível dizer a partir destes dados que havia uma coleção bastante consolidada de moedas e medalhas, abordando diferentes tipos de nacionalidades, metais e tipologia. A partir da classificação do inventário de 1874 vemos um aperfeiçoamento nas práticas organizacionais deste acervo, o que demonstra que houve alguma pesquisa desta coleção e, provavelmente, um interesse em preencher lacunas, práticas usuais dos colecionadores que trocavam peças duplicatas para preencher buracos cronológicos nas coleções. O interesse pelas condecorações que aparecem aqui também denota um viés de um acervo histórico nacionalista, que fica mais evidente com a observação da falta apenas da Ordem da Rosa para completar toda a coleção de condecorações nacionais. Sobre isso, Lopes acrescenta:

“Nos anos seguintes Neto continuaria, tal qual um estrangeiro que desconhece o país, tentando incrementar as coleções de moedas e medalhas solicitando-as aos presidentes das províncias, que lhes respondiam dizendo que sua províncias nunca tiveram o direito de cunhar moedas ou jamais possuíram uma medalha...Mas, de fato, a prioridade das ‘medailles’ já vinha cedendo lugar aos objetos arqueológicos e etnográficos do país pelos quais Neto tinha interesse especial” (LOPES 1997, 121)

Em 1875 Ladislau Neto assumiu a direção do Museu Nacional, e sua influência adquirida nos cursos livres que frequentara no Museu de História Natural de Paris trazendo uma construção ideal de museu no qual a numismática não terá muito espaço. Em 1876 o Diretor realizou uma nova modificação no Regulamento do Museu Nacional que diminuiu o número de seções, excluindo a quarta seção onde estavam alocadas as coleções Numismática e Arqueológicas. Assim o Museu ficou dividido em três seções, a primeira de Antropologia, Zoologia Geral e Aplicada, Anatomia Comparada e Paleontologia Animal; a segunda de Botânica Geral e Aplicada e Paleontologia Vegetal; e a terceira e última de Ciência Físicas, Mineralogia, Geologia e Paleontologia Geral. A antiga quarta seção ficou provisoriamente sob a res-

¹⁹ Deduzimos aqui se referir à condecoração da Ordem da Rosa, bastante significativa na coleção nacional por ser criado por D. Pedro I para sua segunda esposa, além de ter sido desenhada pelo grande nome das artes nacionais, Jean-Baptiste Debret.

ponsabilidade do próprio diretor “enquanto não se realizar a criação do estabelecimento especial para o estudo da Arqueologia, Etnografia e Numismática” (LOPES 1997, 160). Em 1888 houve uma nova mudança com a volta da quarta seção, porém apenas com a presença da Antropologia, Etnologia e Arqueologia. Neste momento a Numismática perdia de vez o espaço dentro do Museu e sua coleção era transferida progressivamente para a Biblioteca Nacional, algo bem parecido com o que ocorreu em Paris, com a transferência da coleção Real para a Biblioteca Nacional da França onde foi criado e existe até hoje o Cabinet des Medailles, coleção de referência mundial em Numismática. É interessante pensar que pouco tempo depois surgiu o Museu Paulista, mantendo uma coleção de medalhas e moedas, pensando em sua ampliação e buscando formas de manter e expor essas peças, diferentemente do que ocorreu no Museu Nacional.

Este se tornou um novo momento da coleção carioca numismática que adentrou o espaço da Biblioteca em fins do século XIX mantendo uma política mais precisa de ampliação e organização da coleção, agora pensada claramente como objeto histórico, de consulta para pesquisas, quase como um objeto auxiliar dos manuscritos e livros históricos. Esta mesma coleção, que ganhou números expressivos durante a gestão da Biblioteca Nacional, com o apoio de seu Diretor, Ramiz Galvão, ganharia um novo espaço de destaque ao ser transferida durante a década de 1920 para o novo Museu Histórico Nacional construído por Gustavo Barroso que deu status especial a essa tipologia dentro do Museu. Mas ainda na década de 1880, Galvão daria início a tentativa de construção de uma coleção de moedas dentro da Biblioteca. Sua justificativa ficava clara em carta enviada ao Ministro do Império, Barão Homem de Melo em 1881:

“A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, exmo sñr, não possuía moedas nem medalhas por um vício de organização que é fácil de explicar; quando creada, pensou-se que esses trabalhos eram antes objetos de curiosidade, e por isso os deixaram fazendo parte do Museu Nacional (...). É todavia incontestável que moedas e medalhas são antes de tudo documentos subsidiários da história, e que por consequência o seu lugar próprio não é ao lado das coleções de história natural (...); o lugar da numismática é ao lado da história, e o da história é na Biblioteca Nacional. Pensando assim todas as grandes Bibliotecas da Europa têm a sua secção de Numismática” (VIEIRA 1995, 98)

Apesar dessa justificativa, Galvão não conseguiu a transferência imediata da coleção do Museu Nacional, o que foi sendo feito aos poucos com o passar dos anos, no entanto, por conta própria, ele deu início à coleção da biblioteca criando um núcleo especial para a tipologia. Já ficava claro em sua declaração qual papel era destinado à essa coleção, que entrava para a área da história, como um documento histórico escrito que contava a história oficial do país que a emitiu. Assim, em 1880 passou a receber doações, a primeira, com 406 moedas e 6 medalhas, foi feita pelo chefe da seção de manuscritos, J. A. Teixeira de Melo; a segunda, com 1606 moedas, por Francisco Ferreira Soares; e a terceira, contendo 114 moedas e 10 medalhas, pelo próprio ministro Homem de Melo (VIEIRA 1995). Em 1895 a Biblioteca já possuía uma coleção expressiva com 6321 moedas e medalhas e em 1896 o Museu Nacional envia para a Biblioteca a coleção de D. Pedro II contendo 1593 moedas e 545 medalhas, que havia sido doada pelo Imperador em 1891. Em 1922, quando foi determinada a transferência desta coleção para o Museu Histórico Nacional, a seção numismática já possuía uma expressiva coleção contabilizada em 34.430 exemplares, acumulada em 40 anos de trabalho dos funcionários da instituição. Com certeza a coleção mais expressiva do país, que assim se mantém até os dias de hoje com um acervo de mais de um milhão de peças, e uma área estruturada com funcionários destinados a tratar e pesquisar apenas as peças numismáticas.

É importante refletir sobre o caminho da Numismática dentro das instituições cariocas que, com certeza, influenciaram todo o restante do país com suas decisões e direções dadas a essas peças. Pensar a numismática como uma disciplina suporte da arqueologia e da história é, também, refletir sobre seu caminho nessas instituições que legitimam sua existência como peça museológica ou documental. Certamente este caminho percorrido, que desemboca no Museu Histórico Nacional, levará a construção da Sociedade Numismática Brasileira e os estudos posteriores que trarão reconhecimento à área, assim como a formação de diversas coleções particulares que darão subsídios para estudos e que, muitas vezes, terminarão em acervos públicos servindo de suporte para pesquisas e acesso de milhares de pessoas.

2.2. Os colecionadores

No Brasil da segunda metade do século XIX o colecionismo ainda era algo incipiente, reservado principalmente à elite nacional dos grandes centros produtores, além da capital carioca. A chegada da família real e suas coleções de livros, artes e objetos históricos certamente influenciou a corte brasileira de meados do século XIX, bem como o Museu Nacional e o Museu Paraense, que estimulavam trocas e doações de particulares. Para entender os colecionadores de moedas e medalhas do Brasil vamos partir do conceito de coleção de Pomian (1984)²⁰, já abordado no capítulo anterior. Entendemos e exploramos anteriormente que parte fundamental das coleções dos Reis e dos nobres europeus durante os séculos XVI e XVII era embasar uma ideia de herança política, intelectual e cultural da antiguidade e, através disso, buscar absorver o máximo possível de informações e objetos provenientes daquele período também no intuito de copiá-las e entender a história a partir delas. No Brasil não havia essa herança clássica a ser explorada e o passado colonial poderia ser um entrave em alguns momentos políticos, portanto temos aqui um primeiro descompasso entre o colecionismo local e aquele europeu. O que não quer dizer que o colecionismo não encontrou bases fortes para se instaurar aqui no país buscando exaltar seu passado histórico.

A professora Maria Beatriz Borba Florenzano explora o tema em uma publicação já citada anteriormente (FLORENZANO, *Classicismo e coleções de moedas no Brasil* 2008). Neste artigo Florenzano faz um apanhado do colecionismo de moedas relacionando-o à herança do classicismo na história dos países europeus e tenta decifrar qual a influência clássica que prosperou no colecionismo brasileiro de moedas.

“Ao procurarmos entender a história do colecionismo de moedas no Brasil a partir do século XIX, não podemos deixar de lado essa tradição europeia resumidamente exposta acima que serviu, em última instância, como modelo para formação das coleções de moedas no Brasil” (FLORENZANO, *Classicismo e coleções de moedas no Brasil* 2008, 158)

²⁰ No entendimento de Pomian, coleção é “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitas a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim, e expostas ao olhar público” (POMIAN 1984, 53)

A afirmação acima, tomada como base para essa dissertação, coloca como ponto de partida essa relação entre Brasil e Europa, mas também faz uma ressalva importante: o Brasil desenvolveu características próprias em seu colecionismo, e a questão do classicismo é um desses pontos de discordância. Em um primeiro momento do colecionismo nacional as moedas portuguesas e brasileiras ganharam maior destaque entre os colecionadores, deixando as moedas antigas (gregas e romanas), que eram as mais cobiçadas nas coleções europeias, em um segundo plano. Isso faz sentido ao levar em conta que pouco, ou quase nada, temos relacionado a uma herança clássica, mas sim com uma herança portuguesa. É importante sempre lembrar que, assim como na Europa, os grandes colecionadores nacionais também faziam parte da elite local, mas no caso de um país recentemente independente, a elite tinha outras intenções para com seu poder intelectual e cultural, buscando criar uma nação brasileira a partir de bases ainda não identificadas.

“Se podemos falar em tradição clássica na formação das coleções numismáticas brasileiras, esta está localizada sobretudo no próprio fato de procurar montar coleções que tivessem ligação com o passado ao qual se procurava atribuir o papel de antecessor histórico da nação brasileira que se formava naquele momento” (FLORENZANO, *Classicismo e coleções de moedas no Brasil* 2008, 163)

Para Pomian (1984) existem diversos motivos que levam os seres humanos a colecionarem. Seja o instinto de propriedade, propensão para acumular coisas, fontes de prazer estético, aquisição de conhecimento ou prestígio. Todos esses motivos são relevantes para o colecionador, mas não o suficiente para explicar de forma consistente o que leva o ser humano a colecionar. Em essência, o que importa é para quem esses objetos são expostos, qual o olhar recai sobre esses objetos e, para Pomian, é a troca entre o visível e o invisível que leva o homem a acumular objetos que ele considera relevante ao olhar deste outro.

“A oposição entre o visível e o invisível é antes de mais a que existe entre aquilo de que se fala e aquilo que se percebe, entre o universo do discurso e o mundo da visão” (POMIAN 1984, 68)

Mas aqui no Brasil, qual é o invisível²¹ que os colecionadores buscavam a partir das suas coleções de moedas e medalhas? Não acreditamos ter muita diferença entre os nossos colecionadores de moedas e os colecionadores europeus do século XVIII. Ambos buscavam entender o passado por detrás de objetos pecuniários que contavam a história oficial do país através de peças, muitas vezes, com valores monetários de grande importância, confeccionados a partir materiais valiosos como o ouro e a prata, e ambos possuíam elites que dentro de seu local social²², colecionavam peças preciosas como meio de demonstrar seu poder. Portanto, além do valor histórico, temos também associado um valor monetário. Isso justifica o público que tinha acesso a esse tipo de coleção, especialmente nas primeiras coleções de moedas do país. Mas aqui também vamos levar em consideração uma outra ideia levantada por Pomian (1984):

“Nas sociedades tradicionais, não são os indivíduos que acumulam objetos que lhe agradam; são os lugares sociais que determinam as coleções” (POMIAN 1984)

O Brasil da primeira metade do século XIX não tinha em sua essência a pesquisa voltada aos objetos pecuniários em geral. Os estudos relacionados às moedas e ao meio circulante surgem em fins do século XIX, com um aprofundamento maior no primeiro quarto do século XX. Mas se levarmos em consideração a afirmação de Lilia Schwarcz de que no Brasil “a ciência penetra primeiro como moda e só muito depois como prática e produção” (SCHWARCZ 1993, 41), podemos entender melhor esse colecionismo inicial, anterior às pesquisas. Neste sentido, é importante levar em conta os Institutos que surgem no país durante o século XIX e que vão estimular

²¹ Para Pomian o invisível é aquilo que está muito longe no tempo. No passado ou no futuro. Está situado num tempo que sui generis ou fora de qualquer fluxo temporal.

²² Citando Pomian: “É a hierarquia social que conduz necessariamente ao aparecimento das coleções” (POMIAN 1984)

uma prática de aprofundamento em pesquisas científicas, nos quais grande parte dos sócios colecionavam algo.

Em um texto escrito em 1933 para a Revista Numismática²³, publicação de divulgação das pesquisas realizadas pela Sociedade Numismática Brasileira, o então Diretor da Sociedade e Diretor do Museu Paulista, Afonso E. Taunay, faz um breve panorama do colecionismo de moedas e medalhas no Brasil até aquele momento. Vamos tomar de base esse texto para nos aprofundarmos em alguns colecionadores e tentar entender esse caminho do colecionismo particular até os museus.

O texto de Taunay é bastante enxuto e com alguns adjetivos que definem a partir do seu olhar de historiador renomado, mas com pouco ou quase nenhum conhecimento da área numismática, o percurso da pesquisa do meio circulante e do colecionismo no país. Para isso, ele trabalha com a análise dos colecionadores nacionais que produziam conhecimento a partir de suas coleções, prática comum entre colecionadores dos séculos XVIII e XIX. Em uma leitura linear no tempo, Taunay nos atenta que:

“Durante muito tempo constituiu de único recurso do pequeno grêmio dos numismatas brasileiros a consulta à memória monumental do prodigioso erudito que foi D. Antonio Caetano de Souza, inserta na História Genealogica da Casa Real Portuguesa e aos trabalhos deficientes de Manuel Bernardo Lopes Fernandez, que tanto se abeberou aos textos do famoso Conego Regrante. Veiu-nos depos para os fins da nossa era imperial Teixeira Aragão com a sua obra valiosíssima.”
(TAUNAY 1933 - Fac-símile 2014)

Publicação portuguesa do ano de 1749, a história genealógica de Caetano de Souza era um livro importante para estudiosos da história portuguesa do período. Composto por 13 volumes que contavam a história das famílias nobres de Portugal desde seu surgimento até a publicação, este livro auxiliava os colecionadores na classificação de suas moedas portuguesas, podendo assim definir o reinado, a data e a família a qual aquela peça fazia parte. Não se trata de uma publicação específica

²³ Em 2014 a Sociedade Numismática Brasileira lançou uma série de fac-símiles das primeiras publicações da Revista Numismática em comemoração aos 90 anos da instituição. A revista foi o órgão oficial de divulgação da Sociedade entre os anos 1933 e 1954. Atualmente a SNB mantém publicações anuais que podem ser acessadas na Biblioteca da sede ou no site da instituição.

para numismatas, mas um subsídio histórico para organização de uma coleção, com exceção ao volume 4 onde o autor tratou da legislação monetária portuguesa, servindo de base para os estudos numismáticos portugueses.

Já a obra de Teixeira Aragão²⁴ produzida tempos depois, em meados do século XIX, possui em seu repertório alguns catálogos com descrições de moedas e medalhas portuguesas e romanas desenvolvidos a partir de coleções particulares por ele pesquisadas e se aprofunda de forma mais ampla no assunto. Sua primeira publicação neste sentido remete à década de 1860, com um catálogo produzido na língua francesa, mais focado nas peças antigas. Mas sua grande obra é formada pelos três volumes da “Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal”²⁵. Na introdução do primeiro volume ele nos dá a dimensão do colecionismo em Portugal no período, encontrando nas poucas publicações a justificativa para desenvolver um catálogo mais robusto e completo. Ele cita ainda na introdução ter pesquisado “os principaes colecionadores nacionais, desde o século XII, e a indicação dos autores que escreveram sobre moedas portuguesas” (ARAGÃO 1874, 8). Levaremos em consideração, a partir deste trecho, que desde o século XII, Portugal possui um número relevante de colecionadores organizados que, apesar de não registrarem suas coleções, seguiam a moda europeia de colecionismo que descrevemos no capítulo anterior. Mas é importante ressaltar que neste período, como já foi explicitado a partir do trabalho de Clain-Steffanelli, o colecionismo não era algo recorrente na Europa medieval, então também é importante questionar algumas falas do autor. De qualquer maneira, podemos tentar entender como se dava o trabalho dos colecionadores desses períodos.

“Os nossos antepassados não adoptaram este systema, e dos contemporâneos poucos o têm seguido; por isso as collecções, em que consumiram tantos anos e dinheiro, serão perdidas para a história, sem que ao menos se lhe possa aferir o mérito relativo. (...) A numismática não é uma mania, especulação ou modo de ostentar riqueza; é uma sciencia, que tira da aridez do seu estudo grandes subsídios históricos.

²⁴ Teixeira Aragão era português, militar de formação e, já em seu tempo, era considerado um Numismata.

²⁵ Para nossa análise, acessamos o livro de forma online a partir do link <http://archive.org/stream/descrípogera01araguoft#page/n13/mode/2up>

Essa falta de lição e methodo tem contribuído para alguns estrangeiros ao visitar as nossas pequenas collecções, considerarem os estudos archeologicos em Portugal abaixo do que em verdade estão” (ARAGÃO 1874, 9)

Se levarmos em conta a afirmação acima, feita por Teixeira de Aragão, e a fala de Taunay em seu texto na Revista Numismática, entenderemos que aqui se inicia um movimento luso para a definição da numismática, e isso era feito a partir da organização e divulgação das coleções particulares a partir de grandes catálogos. Portanto, fica claro a importância do colecionismo para a evolução do estudo numismático.

Os estudos realizados por Aragão em seu trabalho, que muito influenciou os pesquisadores brasileiros, variavam de acordo com análises de leis monetárias, definição de pesos e medidas das moedas antigas, histórico das casas monetárias portuguesas, relação dos colecionadores portugueses dos séculos XVII ao XIX, incluindo as bibliotecas nacionais e, por fim, as peças batidas por cada Rei, relacionando-as ao histórico do reinado.

Voltando ao texto de Taunay, após esse breve histórico do colecionismo e registro numismático em Portugal, o autor nos indica que uma das primeiras tentativas de mapear as coleções e moedas brasileiras é feita em 1889, por João Xavier da Motta, na publicação “A moeda no Brasil”, mapeando as cunhagens de 1645 a 1888. Na medalhística as tentativas são anteriores, com o trabalho de Azeredo Coutinho de 1862, mapeando as ordens honoríficas nacionais em “Apreciação do medalheiro da Casa da Moeda”. Outros trabalhos também foram escritos neste período do século XIX, considerado por Schwarcz (1993) como o período do florescimento de um “bando de ideias novas”, com o cientificismo em alta desde a década de 1870, no qual a numismática não ficava de fora. Mas para além dos estudos preliminares realizados por esses colecionadores, temos alguns que fizeram com que uma base científica fosse criada para o desenvolvimento da numismática como base também para os colecionadores.

Em seu texto Taunay dá destaques para alguns numismatas que também usaremos como nomes principais neste desenvolvimento. É importante lembrar que, conforme falamos anteriormente através das citações de Pomian e Lopes, as *meda-*

illes eram moda entre os colecionadores europeus do período moderno, sendo quase que obrigatório que um monarca e sua corte colecionassem esse tipo de objeto. No Brasil, nosso imperador de origem europeia seguia à risca essa lógica, ainda mais com o espírito avançado e científico, D. Pedro II era um colecionador de moedas e medalhas, e também um criador de ordens militares, assim como seu pai, D. Pedro I, que criou uma das mais belas condecorações, a Ordem da Rosa, desenhada por ninguém menos que Debret. Em 1891, parte dessa coleção imperial é doada ao Museu Nacional por D. Pedro II, e em 1895 ela é repassada para a Biblioteca Nacional o que contabilizava 1593 moedas e 545 medalhas (VIEIRA 1995). Essa coleção pode ser visitada nos dias atuais no acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, onde está guardada a maior e mais importante coleção numismática do Brasil, com cerca de 130 mil exemplares catalogados e organizados.

Além da coleção imperial, o Brasil teve outras coleções importantíssimas para o desenvolvimento dos estudos numismáticos durante fins do século XIX e início do século XX, entre eles dois nomes se destacam e aparecem assim também no texto de Taunay. O primeiro é Julius Meili, considerado por muitos como o “pai da numismática brasileira”, Meili não era brasileiro, mas foi pioneiro no estudo das moedas e medalhas nacionais. Nascido em Zurique, Suíça, em 1839, Meili veio para o Brasil em 1870 para ampliar seus negócios como comerciante e para representar seu país como cônsul. Como um representante da elite imigrante, trouxe consigo sua coleção numismática e a ampliou consideravelmente aqui no Brasil. E. A. Stuckelberg cita em sua publicação *“Le collectionneur de monnaies”*, publicação de 1900 que reúne as maiores coleções de moedas do mundo, que a coleção de Julius Meili possuía naquele momento um incrível montante de mais de nove mil peças.

Sua primeira publicação numismática data do ano de 1890, com o título de “As medalhas referentes ao Império do Brasil”, Meili cataloga as medalhas e condecorações produzidas pelo Império brasileiro, e dá início as publicações mais aprofundadas dos estudos numismáticos brasileiros. A partir daí tornou-se referência para a numismática nacional e publicou mais alguns catálogos até sua morte em 1907. Entre suas principais publicações temos “As moedas do Império do Brazil”, de 1890, “As moedas do Brazil Colonial (1645-1822)”, de 1897, “As moedas do Brazil Independente”, de 1905, entre outros. Meili não se detinha apenas à descrição das peças cunhadas no período, mas também estudava as leis monetárias da época, as

falsificações, as emissões ilegais, papel-moeda e o estudo geral do meio circulante brasileiro durante sua história. Ele também desenvolvia métodos de retratar as peças por meios além da fotografia, como a partir de decalques em grafite. Por conta disso virou referência para a numismática brasileira, sendo inclusive um dos contatos do Diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihering, para auxiliar na pesquisa e aquisições das peças colecionadas pelo museu no seu início, como veremos mais adiante.

Outro importante nome para a numismática brasileira foi a Viscondessa de Calvacanti, colecionadora de medalhas, que também publicou importantes estudos feitos a partir de sua coleção. Amélia Machado Cavalcanti de Albuquerque se tornou a sexta mulher a ingressar no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1905 (DE CAMPO, PRADO e CORDONA 2018). Parte dessa conquista se deve a sua importante pesquisa na área da medalhística a partir de sua coleção, que produziu em 1889 o “Catálogo de Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brasil” descrevendo 115 medalhas que percorrem o período entre 1596 e 1888. Em 1910 a segunda edição foi ampliada chegando ao número de 294 medalhas descritas entre 1596 e 1903, todas da sua coleção particular. Nesta edição, a Viscondessa demonstra qual a importância desses estudos para ela citando na segunda edição do seu catálogo:

“Les médailles ne sont pas seulement des objets d’art, ce sont aussides monuments historiques. Les événements y sont plus sûrement que dans les livres et leur témoignage, sans être irrécusable, est plus naïf et plus authentique, plus sûr que celui de l’histoire parce qu’il ne faut qu’un instant et un trait de plume pour écrire une erreur ou un mensonge, tandis qu’il en coûte tant de peines et de jours pour les modeler et les fondre, encore pour les graver! Chaque médaille est un abrégé de La petite histoire écrite en Marge de La grand, et qui est celle des individualités marquantes dont les traits sont désormais transmis à la posterité par la main du sculpteur ou du graveur (Charles Blanc)” (DE CAMPO, PRADO e CORDONA 2018)

Vale ressaltar o pioneirismo da Viscondessa de Cavalcanti em ser a primeira mulher a publicar um catálogo de medalhas no Brasil, abrindo caminho em um espaço que era e ainda é majoritariamente masculino. Sua coleção pode ser vista nos

dias de hoje no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, MG, onde parte de suas medalhas encontram-se conservadas e expostas ao olhar de todos.

É importante ressaltar o papel do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo na consolidação dos colecionadores e seus estudos mais científicos na área da numismática. Desde que ela foi entendida como uma disciplina subsidiária da História, muitos estudos surgiram utilizando as medalhas e moedas como documentos comprovatórios de momentos históricos. Inclusive é possível observar, analisando os boletins do Instituto, a presença de diversos colecionadores como membros da instituição, assim como grandes cientistas que também se associavam ao Instituto para se aprofundarem em outras ciências, como é caso do diretor do Museu Paulista, Hermann von Ihering. É possível também encontrar constantes doações de catálogos numismáticos e moedas e medalhas para o museu do Instituto.

Outras publicações e coleções deste período ganharam destaque entre os colecionadores da época. Como o “Catálogo da Collecção Numismatica Brasileira de Augusto de Souza Lobo”, publicado em 1908, e a coleção de mais de 25 mil exemplares de Pedro Massena, que em grande parte pode ser vista nos dias de hoje no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Estes dois, juntamente como Julius Meili, completavam o que alguns numismatas chamam de “o trio mais brilhante da numismática em nosso paiz” (MELLO 1933, fac-símile 2014, 181).

Entre tantos colecionadores que passaram a estudar suas coleções e a de seus colegas, e coloca-las de forma organizada e sistemática em catálogos e artigos que podiam ser acessados por outros colecionadores, vemos neste período entre fins da década de 1870 e as primeiras décadas do século XX um aumento exponencial no aperfeiçoamento científico desses colecionadores que, não por acaso, viraram consultores dos diretores de museus, arquivos e bibliotecas, alguns se tornaram nomes importantes nas instituições históricas do país, como Ramiz Galvão, Diretor da Biblioteca Nacional, ou Edgar Araujo Romero, que foi professor da disciplina de numismática durante o curso de museologia criado pelo Museu Histórico Nacional, e chefe do departamento de Numismática do Museu.

É importante observar que de alguma forma a consolidação da numismática como disciplina (ou ciência, como defendiam os numismatas deste período), passa pela legitimação da instituição museológica. Vamos trabalhar essa questão dentro

do Museu Paulista no próximo capítulo, mas devemos nos atentar que antes disso houve um trabalho importante dos colecionadores que talvez, não por acaso, tenham seguido passos muito semelhantes aos dos cientistas naturais deste período, que traziam suas pesquisas para instituições públicas que pudessem lhe trazer uma profissionalização, publicações e reconhecimento do seu estudo. É possível verificar esse mesmo trajeto nas coleções europeias e norte-americanas, como demonstramos no capítulo anterior. E, neste sentido, acreditamos que mesmo depois de algumas tentativas de tratar a moeda como um documento histórico e conservá-la dentro das bibliotecas, os pesquisadores se deram conta de que ela nos demonstra muito mais que apenas datas de reinados ou momentos históricos através do seu estudo. As moedas nos “permitem um melhor conhecimento da organização social e política, administrativa ou industrial” (FRÈRE 1984, 14) de uma sociedade organizada através do estudo completo de um disco metálico, e não apenas através de suas inscrições. Ela é um objeto tridimensional, acima de tudo.

Neste sentido nos parece lógico o caminho do museu como local de estudo e divulgação do conhecimento numismático, como bem nos demonstra Frère na citação abaixo.

“A moeda metálica tornou-se um objeto de coleção acessível a muitos. Neste domínio, os amadores desempenharam um papel importante, pois as suas inúmeras e cuidadosas intervenções salvaram as moedas de sua destruição: a sua especialização encaminhou-os para uma inegável competência e suas coleções, cedo ou tarde, terminaram nos Museus e nos <<Gabinetes de Numismáticas>> que infelizmente, durante muito tempo não tiveram meios de ação” (FRÈRE 1984, 12)

2.3. O Gabinete de Curiosidades do Coronel Sertório²⁶

Estudar mais a fundo a coleção do Coronel Joaquim Sertório é fundamental para entender o acervo dos primeiros anos do Museu Paulista. Ao compreender esta coleção como um embrião da ideia do Museu do Estado, podemos começar a desenhar a ideia de coleção eclética que será base de um Museu para São Paulo, que se inicia anos antes da chegada do Diretor Hermann von Ihering ao comando do museu. Mais à frente, vamos verificar e constatar que a formação dessa coleção e sua doação ao Estado de São Paulo será como uma linha guia para a continuação curatorial do próprio Ihering. Este seguirá colecionando peças de História Natural e também da História Nacional na mesma dinâmica levada por Sertório, no intuito de dar bases educacionais ao estado e ficar em igualdade com o Museu Nacional, algo inserido na disputa entre Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente após a queda da monarquia, em 1889.

Joaquim Sertório era uma figura pública atuante no meio político de São Paulo da segunda metade do século XIX. Comerciante, filho de João Sertório, italiano que se casou com uma brasileira, Anna Eufrozina Sertório, o Coronel entrou cedo para a vida pública fazendo carreira na Guarda Nacional. Fez parte de algumas sociedades onde se encontravam nomes da elite paulistana, como a Sociedade Carnavalesca, onde foi Diretor em 1857, e a Sociedade 7 de setembro, que educava meninas órfãs (CARVALHO 2015). Em 1869 entrou para a vida política, onde permaneceu até 1882, sendo vereador em Limeira e na cidade de São Paulo. Nesta última, tinha como grande pauta a defesa e preocupação com a gestão dos registros

²⁶ Existem algumas explicações sobre a utilização de tal nomenclatura para a coleção particular do Coronel Sertório. O. Derby tratou desta coleção em 1889 como um Gabinete de Curiosidades: “Ocupa o primeiro lugar dentre esses Gabinetes o do Coronel Joaquim Sertório, que já pode ter o nome de Museu” (Derby, 1889, apud Lopes e Figueroa 2002-2003). Inclusive, a partir desta citação, fica clara a ideia de que um Museu poderia ser o passo seguinte de um Gabinete, como defende George W. Stocking Jr. ao afirmar que os “cabinet of curiosities”, são aceitos como “prototype of the modern museum” (Stocking 1985, p. 6), e de que no período de existência desta coleção, ela era vista pelos contemporâneos como um Gabinete. Em texto mais recente, a pesquisadora Paula Carvalho vai aprofundar e explicar a nomeação de Gabinete de Curiosidades endereçada à coleção de Sertório: “Era esse o caráter dos objetos encontrados na coleção Sertório, sendo bastante similar ao modelo de gabinete de curiosidades europeu da época moderna (...) salienta a presença de monstruosidades vegetais e animais, objetos obrigatórios nos gabinetes de curiosidade europeus, em meio a peças históricas” (P. Carvalho 2014). Aqui trabalharemos com a ideia de um Gabinete de Curiosidades, mas sem desconsiderar possíveis divergências sobre o ambiente que, diferente de alguns Gabinetes europeus e norte americanos, não tinha como prática pesquisas científicas frequentes.

históricos, além dos benefícios educacionais que isso poderia trazer, como fica evidente no trecho a seguir.

“Os arquivos municipais têm um caráter público e a responsabilidade de sua conservação deve pesar sobre o arquivista, de modo que as chaves do local destinado devem estar somente sob a guarda deste funcionário. A escolha do local é essencial, atendendo-se que deve ser abrigado de toda a umidade, que deve ser fácil para a limpeza, e deve estar longe de mãos estranhas. Em tais condições, neste edifício, somente existe uma sala no pavimento superior. É necessária a encadernação dos livros antigos a fim de que o estrago das traças não se desenvolva, assim como a aplicação do sublimado corrosivo para melhor conservação. É necessário que o arquivista redija um inventário ou catálogo dos papéis registrados e livros existentes no arquivo. Seria difícil prescrever um modo uniforme para a redação deste inventário: todavia, o nosso colega da comissão, dr. Americo Braziliense, pessoa competente, deverá dar instruções para esse fim. Notamos que há despesas a fazer para a mudança do arquivo. As estantes estão em bom estado; é necessário adquirir uma mesa para os consultantes a fim de que não haja pretexto algum para transgressão da doutrina do aviso de 22 de julho de 1831. Os próprios vereadores, ainda mesmo sob carga de protocolo, não têm o direito de levar em confiança livros e papéis de arquivo” (A Província de S. Paulo (22 jun. 1882, p. 225-226) apud CARVALHO, 2015).

Em 1882, quando deixou a política definitivamente, Sertório passou a se dedicar integralmente à sua coleção, fazendo dela aquilo que foi considerado por alguns à época, como o primeiro museu de São Paulo. Claro que se tratava de uma iniciativa privada, mas o anseio por este museu vinha de muitos cientistas e intelectuais da época. Um deles era o jornalista Ezequiel Freire. Grande defensor da criação de um museu em São Paulo nos moldes dos museus europeus e norte-americanos, Freire frequentemente cobrava os políticos para que criassem um museu que viesse a contribuir na educação escolar, e não por acaso, utilizava como exemplo o gabinete do Coronel Sertório, indicando esta coleção como um impulso inicial para que a província de São Paulo pudesse ter seu próprio museu, como afirma no trecho a seguir.

“(...) um museu não era coisa tão-à-toa que não interessasse à província.

Não havia pequena cidade da Europa ou da América civilizada que não possuísse ou não fizesse esforços e despesas para dispor de um museu, ou pelo menos, de simples coleção de objetos da natureza indígena” (FREIRE, citado por TAUNAY, 1946: 17, apud ALVES 2001).

Ezequiel Freire já tinha conhecimento sobre a coleção Sertório e, junto com outros intelectuais da época, passou a fazer coro à compra deste acervo pelo Estado, como Alberto Loefgren deixa explícito no trecho abaixo.

“O museu provincial morreu em ebrão, como acontece a quasi todas as tentativas que têm por fim a sciencia e por meio o estudo. (...) Ao passo porém que o esforço colectivo de alguns cidadãos esmoreceu perante a indiferença do publico, um distincto cavalheiro desta capital, o sr. Coronel Sertorio conseguiu com louvável perseverança formar um museu, se não completo, qualidade que nem o Museu Nacional tem, ao menos abundante em collecções variadas de quasi toda a sorte de objectos naturaes”²⁷

Destacando as tentativas fracassadas da construção de um museu na província de São Paulo, provavelmente por uma elite letrada que buscava o esplendor paulista durante a alta dos preços do café em fins do século XIX²⁸, Loefgren coloca a coleção do Coronel Sertório como uma oportunidade concreta de São Paulo se colocar na mesma posição do Rio de Janeiro, se comparando ao próprio Museu Nacional, que neste momento já tinha mais de 60 anos de história, cultivando um acervo de história natural apoiado em coletas feitas pelos seus próprios naturalistas viajantes contratados pelo museu. No decorrer de sua nota para o jornal Correio Paulistano, escrita em 16 de novembro do mesmo ano, Loefgren destaca a relevância desta coleção elencando os animais presentes neste museu, entre roedores, borboletas, aves e mamíferos, além de pedras e madeiras, especificando seus nomes científicos de maneira a expor todo o seu conhecimento. Ao final destaca: “Notamos ainda uma

²⁷ Correio Paulistano, edição nº 7488, do dia 19 de novembro de 1881

²⁸ É válido destacar aqui o importante papel da elite paulistana, em conjunto com Freire e outros cientistas, através das publicações em jornais locais, pressionado o Estado para a construção de um Museu do Estado de São Paulo que fizesse frente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Para mais informações sobre esse tema, ver Alves, 2001.

grande collecção numismática, **contendo perto de duas mil moedas e medalhas** de todos os paizes e muitas dellas com 300 a 400 anos de antiguidade”²⁹

Esse pequeno trecho do texto publicado pelo Correio Paulistano nos dá uma ideia geral desta coleção a partir da visão de seu organizador no qual podemos visualizar um Gabinete de Curiosidades muito próximo daqueles construídos na Europa desde o século XVI que culminou em grandes museus com a mesma linha de colecionismo, entre animais empalhados, minerais e moedas. Destacamos aqui que, entre os objetos históricos, é possível visualizar a imensa relevância dos objetos relacionados à História Natural, algo também bastante comum nos Gabinetes da era moderna, e a breve, mas elogiosa citação da coleção de moedas e medalhas, em número bastante expressivo para as coleções do período.

A coleção de Sertório começa a ganhar forma e destaque em 1881, com a ampliação cada vez mais robusta de peças e a contratação em 1883 de Alberto Loefgren que passou a organizar toda a coleção a partir de preceitos científicos. Este é um ponto de destaque neste histórico, já que a contratação de alguém para estudar sua coleção não é algo tão comum entre os colecionadores. Diferente de alguns desses colecionadores, Sertório não era um grande pesquisador e, de acordo com alguns relatos, ele organizava mais sua coleção a partir de sua visualidade do que de princípios científicos, que era o mais comum entre os cientistas. Em 1881, Loefgren atestou essa especificidade, citando que “Estas coleções, é verdade, ainda não estão classificadas, antes são arranjadas mais segundo a estética do que conforme as classificações científicas” (Correio Paulistano (19 nov. 1881, p. 1) apud CARVALHO 2015).

Como um botânico bastante conhecido pela comunidade científica, Loefgren começou a organizar primeiramente a coleção de História Natural, agregando grande conhecimento para esta coleção, bem como grande divulgação e interesse da comunidade nessas peças. Assim, em 1884 já vemos outra notícia no jornal *O Paiz* relatando a visita do Imperador ao Museu Sertório. O Museu Sertório demonstrava assim sua inserção no meio científico e como, cada vez mais, ia ganhando visibilidade e somando apoiadores para a transformação de sua coleção em Museu do

²⁹ Correio Paulista, edição do dia 16 de novembro de 1881. Grifo nosso.

Estado de São Paulo. Na edição de 11 de novembro de 1884, vamos o seguinte relato:

“É realmente digno de ver-se, e ali o naturalista e o archeologo tem muito que apreciar. Nas suas exíguas dimenções o Museu Sertorio possui verdadeiras preciosidades.

(...)

O Sr. Dr. Ramiz Galvão também notou essa preciosidade e eu de longe notei uma mudança em sua physionomia, que denotava satisfação por se ver por instante entre objectos que lhe faziam recordar as suas collecções, os seus livros e o silencio augusto de seu gabinete de trabalho.

O Sr. Sertorio possui uma magnifica collecção numismática. Vi moedas de quasi todos os paizes e o que mais admirei foi uma moeda turca de ouro do século XVI, isto é, do apogêo do domínio otomano no mundo.”³⁰

Neste relato é possível verificar como, à época, esta coleção tinha um grande destaque em São Paulo, mobilizando, inclusive, visitas do Imperador e de seus acompanhantes, entre eles Ramiz Galvão, diretor da Biblioteca Nacional, como citamos anteriormente. Entre as citações em referência aos objetos colecionados pelo Coronel, vemos, novamente, o destaque dado para a coleção numismática que, diante dos relatos deste período, parecia chamar a atenção das pessoas que visitavam o museu. Até então a visitação à coleção era privada, apenas para amigos, conhecidos, grandes nomes políticos ou pesquisadores.

É importante refletir sobre esses relatos de visitantes à coleção Sertório pois, a partir deles, tiramos as principais referências existentes relacionadas principalmente à coleção de moedas e medalhas do Coronel. Ainda em relação ao relato de Ramiz Galvão, podemos verificar outras informações importantes que são: a ciência de que havia moedas de muitos países distintos, o que denota um interesse pela história das moedas de todo o mundo, sem especificar apenas peças nacionais ou portuguesas, como era comum entre os colecionadores nacionais do período; a identificação de uma dessas moedas do acervo, sendo de ouro e turca que, como dissemos anteriormente, pouco ou nada tem a ver com a história nacional, mas sim com a

³⁰ O Paiz, edição nº 42, do dia 11 de novembro de 1884.

história internacional como o próprio jornalista destaca, se referindo ao Império Otomano; e também o valor adquirido à essa coleção, com peças de ouro que agregava não apenas valor monetário, mas também valor estético, já que peças em ouro costumam ser muito mais trabalhadas artisticamente e muito mais destacadas ao olhar de quem as visitam.

São bastante comuns as citações da coleção de moedas do Museu Sertório, sendo motivo de destaque entre aqueles que o visitavam. É muito difícil estipular quantas e quais eram essas peças, mas conseguimos tirar algumas pistas a partir destes relatos. Loefgren, na citação mais acima, nos indicou cerca de 2000 peças de 300 a 400 anos de antiguidades, o que condiz com a descrição do jornal *O Paiz* ao citar a moeda turca do século XVI. Outro que fala da importância das moedas desta coleção é Carl von Koseritz, jornalista alemão, residente em Porto Alegre, que também visitou o Museu Sertório em 1883. Em seu relato, Koseritz destaca:

“(...) a coleção antropológica não é muito valiosa, pois só possui um esqueleto de mulher preparado na Europa e alguns crânios comuns. (...) A coleção etnográfica contém poucas armas de pedra, urnas e potes, mas possui, em compensação, muitos objetos de uso dos indígenas atuais, que são muito interessantes. A coleção de moedas é bem coordenada e tem exemplares raros; é de importância considerável,” (Carl von Koseritz (1980 [1885], p. 266-267 apud CARVALHO 2015)

Em 1886 a coleção ganhou aspectos de museu com a abertura para o público em geral (CARVALHO, GROLA e BARBUY 2016) e, inclusive, com atrações fora do comum, como no caso da exibição de um indígena de nove anos que fora trazido no ano de 1886 para São Paulo pelo naturalista contratado por Sertório, J. P. da Motta Junior (P. CARVALHO 2015). A ideia era reproduzir a exposição antropológica que ocorreu no Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1882 e foi um grande sucesso. Mas no caso do Museu Sertório foi alvo de muitas críticas o que culminou com questionamentos da veracidade ou não deste caso. De qualquer forma, após a abertura do museu, muitas foram as visitas e relatos dessas visitas, como Alfonso Lomonaco que teve a oportunidade de visitar o Museu Sertório e em 1889, fez uma breve exposição do que viu na ocasião, resultando em grandes elogios e destacando que “o mais rico acervo de moedas que faria a felicidade de um numismata” podia ser visto

naquele Gabinete (apud Carvalho 2014). Paula Carvalho em sua pesquisa destaca essa citação e completa:

“Lomonaco foi, por sua vez, mais econômico em sua narrativa, mas ressaltou o que, a seu ver, eram os pontos fortes do museu: as coleções de moedas, pássaros e conchas” (CARVALHO 2014, 112).

Diante dos relatos sobre a coleção Sertório encontrados em jornais e artigos de visitantes, é possível identificar um destaque impressionante à coleção de moedas do Coronel. Como cita Carvalho: “A partir dos relatos apresentados, é possível depreender algumas informações sobre o Museu Sertório. A coleção numismática parecia ser um dos destaques, devendo exibir uma rica variedade de moedas” (P. CARVALHO 2015, 115) Sabemos também que ele possuía algumas outras peças históricas, que por fim acabaram chegando ao acervo do Museu Paulista, mas mesmo essa coleção, que trazia documentos importantes relacionados principalmente à história política, não recebia o mesmo destaque que as moedas e medalhas que encantavam os olhos dos visitantes, apesar de quase sempre estarem classificados na mesma categoria de documentos históricos, como no relato de Henrique Raffard, em 1890:

“Não pude consultar os demais manuscritos, nem ver as moedas cunhadas e as notas de papel-moeda que estão guardados em uma vitrina, onde se acham recolhidas verdadeiras jóias, relógios, condecorações, caixa do selo da carta do Dr. José Rodrigues Gabriel dos Santos, dada pela Academia de S. Paulo em 1836, um lenço que S. M. o Imperador deixou na estação D. Pedro II, no dia 5 de novembro de 1886” (Raffard 1977 [1890] apud CARVALHO 2015)

A Princesa Isabel também deixou seu relato sobre a visita ao Museu Sertório em 1884 avaliando sua preferência: “Gostei muito das coleções de conchas, objetos de índios em penas e moedas” (P. CARVALHO 2015, 115). É preciso esclarecer também que, muito provavelmente, as moedas, os papéis-moedas e as medalhas fossem as peças mais conservadas do acervo, visto a facilidade em se conservar objetos de metal e a dificuldade em obter animais bem preparados e bem

conservados neste período, algo bastante relatado por cientistas da época. Acreditamos que esse motivo também precise ser levado em consideração na hora de entender o destaque recebido pelas moedas e medalhas. Certamente uma peça de ouro ganharia muito destaque perto de animais com taxidermias mal realizadas.

Apesar do conhecimento desses relatos retirados das folhas de jornal do período, ainda são desconhecidas as informações mais concretas sobre este acervo e também sobre sua chegada ao Museu Paulista. Encontramos grande dificuldade, inclusive, em identificar quais peças dessa natureza existiam na coleção Sertório e, conseqüentemente, quais chegaram ao Museu Paulista no ano de sua inauguração. A responsável pelo acervo de numismática do Museu Paulista atualmente, Angela Maria G. Ribeiro, fala sobre essa coleção indicando que pouco se sabe até o momento sobre sua chegada ao Museu.

“Na documentação existente não encontramos nenhuma indicação que nos permita precisar se essa coleção de moedas e medalhas chegou de fato a ser transferida para o Museu Paulista no bojo da Coleção Sertório. De qualquer forma, ela não incluiria as moedas clássicas, já que seria formada por moedas e medalhas que datavam, as mais recuadas, possivelmente de meados do século XV de nossa era.”
(RIBEIRO 2015)

Paula Carvalho (2014) identificou duas peças no atual acervo do Museu Paulista que teriam vindo da coleção Sertório. São elas: uma moeda de prata de 640 réis, datada de 1695, o que demonstra um interesse também pelas peças nacionais do período colonial, como esta moeda cunhada na Casa da Moeda da Bahia, bem como o gasto relativamente grande com essas peças, já que vimos anteriormente uma peça de ouro, e aqui também uma peça de prata; e uma medalha comemorativa da inauguração da Estátua de Simón Bolívar, do ano de 1874, o que confirma o interesse também pela diversidade histórica referente às peças numismática.

De acordo com essas informações – para fazer uma análise sobre essa coleção – podemos recorrer a três itens para entender o papel dessas peças no

acervo do Museu Sertório: primeiro aos interesses do Coronel; segundo ao momento do colecionismo nacional, já abordado anteriormente; e por último na facilidade de se obter e conservar tais peças colecionáveis. Já foi citado no início deste subtítulo o interesse e defesa do político Joaquim Sertório àquilo que deveria ser preservado como documentação histórica. Os arquivos eram locais de interesse de Sertório, e em alguns deles as moedas eram objetos de guarda, como peças históricas, muitas vezes consideradas como documentação escrita, que remetiam à história oficial emitida pelo próprio governo com interesse de marcarem um momento específico da história de uma nação. É também importante verificar o potencial educativo dessas peças que são de fácil manejo e fácil entendimento para crianças e adolescentes que tem contato mais próximo a esse objeto do que a uma obra de arte, por exemplo, que era outro interesse de Sertório: o funcionamento do museu com objetivo de auxiliar a instrução pública.

Como abordamos anteriormente, as moedas e medalhas neste momento já faziam parte do imaginário de alguns colecionadores particulares no Brasil, que mesmo sem muita pesquisa e abordagem mais científica em torno dessas peças, alguns deles já tinham lugar reservado para elas em suas coleções. Sendo assim, Sertório seguia mais uma tendência do momento, mesmo não obtendo a mesma proeminência que as peças de História Natural, que neste caso recebem total destaque com a contratação de um especialista para organizá-la de forma científica e ampliando seu estudo para pesquisadores, ou até mesmo com a contratação de um naturalista viajante, que foi o caso da contratação de J. P. da Motta Junior, em 1886 (P. CARVALHO 2015).

Se pensarmos na abordagem da “cientificidade difusa” trabalhada por Carvalho (2015) em sua pesquisa, e retirada da ideia inicial de Schwarcz (1993), acreditamos ser possível utilizar a mesma linha de pensamento para essa coleção numismática em dois sentidos: primeiro pela ideia levantada por Schwarcz sobre o advento da ciência no país, que “penetra primeiro como ‘moda’ e só muito tempo depois como prática e produção” (SCHWARCZ 1993, 41), e que como indicamos anteriormente, acontecerá também com a Numismática, que só será tratada em suas especificidades a partir das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, com a publicação de catálogos e até como disciplina inserida no curso de museologia do Museu Histórico Nacional nas décadas de 1920 e 1930, ou com a

fundação da Sociedade Brasileira de Numismática em 1933; segundo com a utilização de métodos herdados pela manutenção e organização das coleções científicas, que visava classificações para as humanidades muito próximas das classificações das ciências biológicas usadas com os animais trazidos para os museus, como bem indica Lopes ao citar Maria Amélia Dantes quando identifica a utilização dessas classificações ao “estender os métodos das ciências naturais ao estudo dos fenômenos humanos e sociais” (LOPES 1997, 156).

Sabemos que quando Lopes fala sobre estender os métodos aos fenômenos humanos, ela está se referindo às classificações de raças, principalmente relacionadas ao darwinismo social, mas é interessante refletir neste tipo de classificação hierárquica também para as moedas, que não por acaso, nesta coleção e também no Museu Paulista, serão organizadas e classificadas por dois cientistas naturais que levavam a sério as classificações científicas organizadas por hierarquias principalmente cronológicas, em um sentido evolucionista e, justamente por esse ponto, acreditamos que a proposta curatorial de Ihering para esta coleção, pelo menos no início do Museu Paulista, será bem próxima daquilo que Sertório utilizava para suas aquisições e organização. Não por acaso veremos que, diferentemente do restante do acervo do museu, que será focado em contar a história natural da América do Sul, Brasil e, principalmente, de São Paulo, a coleção de moedas e medalhas contará uma História Universal, sem se fechar na história nacional, assim como Sertório interagiu com sua coleção.

No próximo capítulo poderemos refletir mais a fundo sobre o interesse de Ihering nesta coleção que, possivelmente, não fazia parte de seus planos inicialmente, mas que será levada por ele de forma séria e minimamente coerente com um colecionismo ainda incipiente aqui no Brasil, mas que, a partir de seu conhecimento de outras coleções museológicas europeias, como as coleções do British Museum ou o Smithsonian, ele tentará ampliar e buscará auxílios de profissionais capacitados para trabalhar com mais profundidade e acuidade a coleção.

Capítulo 3 – A coleção numismática do Museu Paulista

3.1. O processo de musealização da coleção numismática no Museu Paulista

O nascimento do Museu Paulista é algo bastante estudado e trabalhado por diversos pesquisadores e possui algumas publicações que dão conta de desenvolver de forma ampla as intenções de quem estava por trás do surgimento dessa instituição. O trabalho de mestrado desenvolvido por Ana Maria de Alencar Alves, no Departamento de História Social da Universidade de São Paulo, que virou uma publicação pela Editora Humanitas, em 2001, se aprofunda um pouco mais no período pós criação do Museu, buscando entender esta primeira direção que tanto se diferenciou do restante da história do Museu. Como um trabalho quase que inédito, Alves foi a fundo nos interesses de um diretor que buscava através do Museu se autopromover, como alguns outros de seu período, mas que buscava isso através do desenvolvimento de uma pesquisa científica em um acervo majoritariamente baseado na História Natural da região do Estado de São Paulo, mas também de outras localidades da América do Sul. É este trabalho que será a base histórica para a compreensão desse capítulo. É importante destacar que muitos equívocos foram identificados e críticas foram feitas sobre este trabalho nos últimos anos e, com base em documentos primários, vamos aprimorar nossa análise para que possamos minimizar esses pontos.

Para entendermos o surgimento da coleção numismática do Museu Paulista e sua ampliação, seguindo as ideias de Stransky e de Russio, é importante que nos foquemos no processo de musealização dessa coleção. Buscamos anteriormente o caminho do entendimento do colecionismo desse tipo de acervo, dos interesses dos colecionadores, tanto os europeus quanto os brasileiros, e principalmente nos aprofundamos na busca de entender o conceito por trás do núcleo formador dessa coleção, através do gabinete do Coronel Sertório. Porém, todas essas ideias servem apenas como base para chegarmos ao ponto principal, que é o de entender este processo de musealização através da direção de Hermann von Ihering. Salientamos que, como um trabalho de museologia, devemos entender este processo histórico também através do olhar museológico, embasado teoricamente a partir das ideias que permeiam a disciplina da museologia.

Ao falarmos do processo histórico em torno do surgimento do Museu Paulista, e especificamente da coleção Numismática, é importante ressaltar que não queremos aqui desenvolver um histórico sobre o Museu, mas sim sobre este processo específico que é a musealização, que Stransky define como:

“Uma expressão da tendência humana universal de preservar, contra a mudança e a degradação naturais, os elementos da realidade objetiva que representam os valores culturais que o homem, enquanto ser cultural, tem a necessidade de conservar de acordo com seu próprio interesse” (STRANSKY 1995, 28 apud BRULON 2017)³¹

Portanto, ainda na ideia desenvolvida por Brulon (2017), a apropriação de tal conceito por Stransky fez com que ele passasse a considerar que o objeto da museologia não era o de se focar nos estudos dos museus, mas sim “naquilo que motiva a musealização, naquilo que condiciona a musealidade e a não-musealidade (sic) das coisas” (BRULON 2017, 413). Portanto, o que leva essa dissertação a desenvolver o estudo a partir do Museu Paulista não é o de entender como este museu se formou, mas sim entender o que motivou o musealizador, ou podemos também o tratar como curador dessa coleção, que no caso entenderemos como o diretor Hermann von Ihering, a selecionar a coleção de moedas para ser preservada “contra a mudança e degradação naturais” e “de acordo com seu próprio interesse” em um espaço museológico que tinha como interesse primordial a preservação da história natural local. Nesta tríade alcançamos também a ideia da Waldisa Russio em seu entendimento da museologia que ela define a partir da teoria do “fato museológico”:

“O objeto da museologia é o fato ‘museal’ ou fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor -e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. (...) Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem ‘admira o objeto’” (GUARNIERI 2010, 123)

³¹ Tradução feita pelo próprio Bruno Brulon no artigo citado.

Portanto, temos a ideia que permeia nosso estudo: a coleção numismática como parte de uma realidade em que o homem atua, sendo selecionada por um sujeito conhecedor, que no caso é o diretor Ihering, a partir do território que, neste caso, é o Museu Paulista. Ficará claro neste trabalho que aquilo que “motiva a musealização” desta coleção não será apenas o interesse único do Diretor do museu, mas sim uma série de questões que englobam o tema do colecionismo abordado nos capítulos anteriores, e, também, questões políticas e sociais do período em questão. É importante ressaltar a afirmação de Edwina Toborsky (1990), reproduzida por Menezes (1994), “de que o museu só se interessa pelos objetos materiais por causa do sentido” (MENESES 1994, 12), e entender este sentido nas moedas e medalhas será nosso objetivo nessa dissertação.

Diante dessa introdução sobre o entendimento do processo de musealização, podemos partir para a criação do Museu Paulista.

O Museu Paulista foi fundado em 1893 e teve suas portas abertas ao público em 1895. Criado a partir da junção de duas coleções particulares, Coleção Sertório e Coleção Pessanha, o museu foi pensado pelas elites paulistas republicanas para ser uma instituição de História Natural, seguindo os preceitos dos modelos internacionais (ALVES 2001).

É importante pensar em toda a criação deste museu a partir de uma disputa política de fins do século XIX entre monarquistas e republicanos, bem como no conflito entre paulistas e cariocas para assumir o posto de Estado mais importante da Federação. Não vamos aqui nos aprofundar no debate histórico e político, mas vamos apenas pontuar aspectos que nos ajudam a entender a formação deste acervo. Neste sentido é importante refletir sobre dois aspectos: primeiro, o edifício-monumento, que teve sua construção iniciada em 1885, durante o Império brasileiro. O palácio tinha como função celebrar a Independência brasileira, mitologicamente criada naquele local (próximo às margens do rio Ipiranga), bem como a monarquia nacional instaurada naquele momento por D. Pedro I. Finalizado apenas em 1890, após a queda da monarquia e instalação de uma República, o monumento perdeu sentido e até ganhou ares de desconfiança sobre sua permanência. Apesar de toda a celebração envolvida em torno do edifício, não se sabia exatamente qual seria a utilidade real daquele espaço e, neste sentido, Alves (2001) faz um apanhado do-

cumental sobre as intenções anteriores em torno da sua ocupação. Entre disputas de monarquistas e republicanos, em janeiro de 1885 apresentam em assembleia um projeto para a criação de uma Universidade naquele espaço e em março é aprovada a lei nº 63 que diz que no edifício “o ensino compreenderá todas as disciplinas ordinariamente designadas sob o título de ciências físicas e matemáticas e ciências naturais” (ALVES 2001). Olhando para este histórico é visível a vitória Republicana de instaurar neste espaço interesses relacionados a sua pauta principal da instrução pública. “A instrução era entendida como um fundamento para o progresso do estado. Não difundi-la significava estar fora do compasso da época e renunciar à tão almejada condição de civilização” (ALVES 2001, 71).

Um segundo ponto a ser tratado, sobre os primórdios do surgimento do Museu, é o caminho percorrido pelas coleções antes de fazerem parte oficialmente do Museu Paulista. Em 1890 a Coleção Sertório, comprada pelo Conselheiro Mayrink, é doada ao governo de São Paulo. A ela, somou-se a Coleção Pessanha, que infelizmente não temos muitas informações sobre ela³². Em 1891, o então governador de São Paulo, Américo Brasiliense, deixa Loeffgren como encarregado da preservação e coordenação do que foi nomeado como Museu do Estado, junto de dois naturalistas como ajudantes, Guilherme Friedenreich e Alexandre Hummel. Assim, surgia a necessidade de um aperfeiçoamento e melhor espaço para alocar essas coleções trabalhadas por especialistas. Diante disso, Alves (2001) cita um trecho do primeiro relatório do museu, de outubro de 1891:

“Para que um museu preencha seu fim, de ser um estabelecimento de instrução popular e educação do espírito, é preciso que não continue mais a ser como tem sido, um tesouro oculto que o visitante venha apreciar arrogando por especial favor. É preciso franqueá-lo ao público durante umas poucas horas, em dias determinados da semana (...).

³² Fábio Rodrigo de Moraes cita em seu texto um trecho do Dicionário de História de São Paulo, o que para ele indicaria que a Coleção Peçanha teria sido parte do Museu Provincial, fundado em São Paulo em 1877, bastante divulgado pela imprensa paulista que inclusive cita o envio de 29 moedas para este museu, mas que desapareceu das crônicas e documentação após a década de 1880. “Fundada na capital da província, tendo por presidente o Dr. Rodrigo Augusto da Silva, inaugurando em 11/07/1877, em uma das salas do Palácio do Governo, o Museu provincial, do qual eram diretores os Drs. Rafael de Barros, Américo Basílio de Campos, José Luciano Barbosa, Elias Fausto Pacheco Jordão e Antonio Lobo Peçanha. Extinta a Sociedade, passaram os objetos do museu para o Museu Sertório”. Moraes, Fábio Rodrigo de. “Uma coleção de história em um museu de ciência naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering.” *Anais do Museu Paulista* v. 16 (2008), p. 209

Mas, no local onde ora se acha o museu, é quase impossível” (LOEFGREN, 1891 apud ALVES 2001, 60)

Neste período, os pedidos por um espaço que de fato funcionasse como um museu para o estado de São Paulo já ganhava espaço nos jornais e assembleia legislativa, pedidos feitos principalmente por uma elite letrada que acreditava que este era um atributo que faltava para que a cidade pudesse realmente estar a frente da capital não apenas economicamente, mas também culturalmente³³.

Em 1892 a administração provisória das coleções Sertório e Pessanha é encerrada e anexada à Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo³⁴, instituição subordinada à Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Em março de 1893 o acervo é transferido fisicamente para a sede da Comissão e a equipe anexada a ela (LOPES 1997). Como diretor da Comissão, Orville Adalbert Derby começa a articular a criação de uma Seção de Zoologia que pudesse administrar essa coleção majoritariamente de História Natural. Derby era um geólogo norte-americano, veio ao Brasil pela primeira vez em 1870 junto com a expedição Morgan. A partir de 1875 Derby se estabeleceu no país e passou a dirigir a Terceira Seção de Geologia do Museu Nacional entre 1879 e 1890, sendo um entusiasta da evolução das ciências no Brasil (ALVES 2001). Concomitantemente com seu cargo no Museu Nacional, ele assume o comando da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo em 1886, fato esse que, aparentemente, não prejudicou seus serviços em nenhuma das duas instituições (LOPES 1997).

Para dirigir a nova seção, Derby convida um ex-colega do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Hermann von Ihering (1850 – 1930). Nascido na Alemanha, Ihering veio para o Brasil em 1880, mais especificamente para o Rio Grande do Sul, onde estudou medicina e, posteriormente, foi para o Rio de Janeiro para trabalhar como

³³ Os pedidos para que o Museu Sertório virasse o Museu do Estado vinham desde a década de 1880. O jornalista e representante do Partido Republicano, Rangel Pestana, clamava nos jornais para que o espaço do Ipiranga beneficiasse a instrução que seria “a base de nossa regeneração social”. Já Ezequiel Freire, jornalista e crítico literário, era mais enfático no discurso em prol da criação do museu “Apesar da frequência com que andavam confundidos entre a gente humana alguns típicos indivíduos zoológicos, um museu não era coisa tão à-toa que não interessasse à província. Não havia pequena cidade da Europa ou da América civilizada que não possuísse ou não fizesse esforços e despesas para dispor de um museu ou, pelo menos, de simples coleção de objetos de natureza indígena” (Freire, citado por Taunay, 1946, p. 17 APUD Alves, 2001, p. 50)

³⁴ A Comissão Geográfica e Geológica foi a primeira instituição de pesquisa criada em São Paulo, em 1886. Sua criação estava ligada aos interesses da elite cafeeira.

naturalista viajante contratado pelo Museu Nacional entre os anos de 1882 e 1890 (ALVES 2001). Ihering era um pesquisador bastante influente aqui no Brasil e fora dele, e sempre buscou se relacionar com o maior número possível de cientistas, fazendo parte de diversas sociedades, construindo, assim, contato com diversos cientistas e pesquisadores³⁵.

Derby demonstrava certo pessimismo com o futuro das instituições científicas. Com a queda da Monarquia, e as dívidas deixadas por ela, além das guerras pós instauração da República, o país passava por grandes dificuldades financeiras, o que diminuía qualquer tipo de incentivo desta natureza a instituições culturais e científicas. Mas o norte-americano sustentava alguma esperança em São Paulo “onde há dinheiro e uma certa quantidade de bom senso” (DERBY apud LOPES 1997, 196). O primeiro contato de Derby com Ihering falando sobre a possibilidade de dirigir a seção de zoologia, demonstra que o tempo todo o plano era de colocá-lo no comando deste acervo:

“estou pensando em propor ao governo do estado daqui a criação de uma seção Zoológica da Comissão com responsabilidade sobre o Museu para ser oferecida a você [...] Presumo que a coisa possa ser aranjada mas não estou certo. Isto o agradaria no caso de poder ser feito? Por favor, telegrafe-me sim ou não no recebimento desta.” (DERBY, 1892 apud LOPES e FIGUEROA 2002-2003)

Ihering já vinha buscando dirigir um museu desde sua saída do Museu Nacional. Manteve contato com diretores de outros países, como o Diretor Florentino Ameghino, do Museu de Buenos Aires na Argentina, em que compartilhava ideias sobre a vocação científica dos museus, mantendo pesquisas por meio de coleções e informações para classificação, organização e publicação de artigos científicos através dessas instituições (LOPES e FIGUEROA 2002-2003). Com a proposta feita por Derby, Ihering demonstra sua pretensão mais ampla de que essa seção se

³⁵ Na primeira edição da Revista do Museu Paulista, de 1895, Ihering deixa claro toda a sua influência no meio científico, divulgando logo na primeira página, toda a sua atuação no meio: “H. von Ihering, Dr. med. Et phil, Director do Museu Paulista, Sócio honorário da Sociedade Anthropologica italiana, da Academia de ciência em Cordoba, da Sociedade geográfica de Bremen, da Sociedade Anthropologica de Berlim, da Academia de sciencias em Philadelphia, da Sociedade dos Naturalistas em Moscow, da Sociedade entomológica de Berlim, do Museu Ethnologico em Leipzig e da Sociedade scientifica do Chile” Revista do Museu Paulista. Vol I, São Paulo, 1895, p. 1

tornasse de fato um Museu. Derby se mostra mais cauteloso, dando amostras do que era a coleção sob comando do acervo: “é uma coleção de curiosidades que foi apresentada ao Estado e que tem pequeno valor científico (...) Ele é tão insignificante, entretanto, que meus planos era fazer você o chefe da Seção de Zoologia” (DERBY 1893 apud LOPES e FIGUEROA 2002-2003, 29 e 30).

Ihering demonstrava interesses pessoais e individuais em sua ascensão na carreira, assim como diversos pesquisadores do período. Ter acesso à uma instituição dava segurança, salário e espaço para divulgar suas pesquisas, o que fica claro posteriormente na Revista do Museu Paulista, onde Ihering é o cientista com maior número de artigos divulgados, cerca de 40% dos artigos eram de sua autoria (SCHWARCZ 1993). Assim, depois de muita insistência, Ihering conquista o cargo de Diretor do Museu Paulista, instituição independente, que seria construída por ele com bases em suas crenças científicas, mas com um ponto que ele teve de ceder: a existência de uma seção histórica dentro do Museu, convivendo com a História Natural, dando continuidade a esta coleção que já vinha do Museu Sertório (ALVES 2001).

Ao construir um museu de caráter enciclopédico, Ihering terá como base para suas pesquisas o saber evolutivo, classificatório, seguindo as tendências científicas do século XIX. “Von Ihering imprimirá ao MP um perfil profissional, adaptado dos grandes centros europeus e conforme com eles” (SCHWARCZ 1993, 103).

Assim como esses museus internacionais, Ihering teve que ceder a existência de um acervo histórico no museu enciclopédico. Mas, para além dos modelos europeus, existem alguns outros aspectos que levaram o museu a absorver e adquirir coleções históricas e alguns deles podem ser observados na análise do Regulamento do Museu, divulgado em 1894, que diz:

“DECRETO N. 249, DE 26 DE JULHO DE 1894

Approva o Regulamento do Museu do Estado, para execução da lei n. 200, de 29 de agosto de 1893

O presidente do Estado, auctorizado pela lei n. 200, de 29 de agosto de 1893, resolve approvar para o Musêu Estadual [sic] o regulamento que a este acompanha, assignado pelo dr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior que assim o faça executar.

Palacio do Governo de S. Paulo, 26 de julho de 1894

BERNARDINO DE CAMPOS

Dr. Cesario Motta Junior

Regulamento do Museu Paulista

CAPITULO I

DA INSTITUIÇÃO E SEUS FINS

Artigo 1.º - O Musêu Paulista tem por fim estudar a historia natural da America do Sul e em particular do Brazil, cujas producções naturaes erá colligir, classificando-as pelos methods mais acceitos nos musêus scientificos modernos e conservando-as, acompanhadas de indicações, quando possível, explicativas, ao alcance dos entendidos e do publico.

Paragapho único – Para dar cumprimento ao objectivo do Musêu, haverá também specimens colleccionados da historia natural de outras regiões, servindo para estudo comparativo das Sul-Americanas.

Artigo 2.º - O character do Musêu em geral será o de um musêu SulAmericano, destinado ao estudo do reino animal, de sua historia zoologica e da historia natural e cultural do homem. Serve o Musêu de meio de instrucção publica e tambem de instrumento scientifico para o estudo da natureza do Brazil e do Estado de S. Paulo, em particular.

Artigo 3.º - Além das collecções de sciencias naturaes – zoologia, botanica, mineralogia, etc – haverá no Musêu uma secção destinada à Historia Nacional e especialmente dedicada a colleccionar e archivar documentos relativos ao período da nossa independencia política.

§ 1.º - Nas galerias e logares apropriados do edificio serão collocadas as estatuas, bustos ou retratos a óleo de cidadãos brasileiros que, em qual quer ramo de actividade, tenham prestado incontestaveis serviços á Pátria e mereçam do Estado a consagração de suas obras ou feitos e a perpetuação de sua memoria.

§ 2.º - Para dar cumprimento ao disposto no pragrapho precedente, o governo nomeará uma commissão que se encarregará de indicar d'entre os proeminentes da nossa Historia aquelles cuja memoria deverá assim ser perpetuada.

§ 3.ª – Desta galeria de homens ilustres não farão parte sinão os já fallecidos que tenham a seu favor um juízo definitivo da Historia.

Artigo 4.º - No mesmo Musêu haverá logar para o quadro de Pedro Americo, commemorativo da Independencia, e para outros de assumpto de historia e costumes patrios, adquiridos ou offerecidos ao Estado.

§ 1.º - Para julgar do valor dos quadros que o Estado resolva adquirir, o Governo nomeará uma commissão de profissionaes e pessoas entendidas que sobre o assumpto emitirá parecer.

Artigo 5.º - Haverá tambem no Musêu uma collecção numismática” (Nery 2015)

O Regulamento que marca o início das atividades do Museu Paulista deixa claro suas intenções como instituição do Estado que busca atender diversos interesses políticos e individuais. O diretor, que tanto se dedicou para alcançar este cargo, demonstra seu objetivo no artigo 1º, colocando em pauta todas as suas pesquisas analisando grandes museus europeus, como o Museu Britânico, de onde ele buscou inspiração para seus métodos expositivos com as coleções de estudos separadas das coleções expositivas, e também Museus Norte Americanos, como no caso de seu grande exemplo, o Diretor do Instituto Smithsonian, George Brown Goode (1851 – 1896), que escreveu “The principles of Museum Administration” em 1895³⁶, não por acaso, dois museus enciclopédicos, como o que ele estava construindo. Ihering também tinha o interesse em criar diálogos com os outros países sul-americanos, como falamos anteriormente das suas trocas de correspondências com diretores de museus argentinos e uruguaios. Ele acreditava que a grande função do museu era contribuir para o avanço das sociedades no em torno através também da instrução (ALVES 2001), e este em torno podia ser mais amplo, como o continente. Ihering seguia exatamente as tendências dos museus enciclopédicos do século XIX, no qual era possível dialogar a História Natural e a História do Homem, como explica de forma clara Ulpiano ao falar da criação do Museu Paulista:

“O perfil original era o do museu de História Natural, segundo o modelo dominante na segunda metade do século XIX, quando atingiu seu maior vigor e prestígio. Foi este modelo, e não o do museu histórico, que jovens nações recém-independentes do jogo colonial preferiam para assinalar, precisamente, sua personalidade nova (Sheets-Pyenson, 1988). A Antropologia, dada sua dimensão biológica, inseria-se facilmente no âmbito da História Natural. O caráter enciclopédico do museu de História Natural derivava de uma concepção da natureza como síntese e paradigma. Não é de estranhar, por consequência, que aí houvesse espaço também para a História, ainda que se tratasse de reverenciar o passado e buscar exemplos para o futuro.” (U. MENESES 1994, 573)

³⁶ De acordo com Goode, este seria o primeiro trabalho que orientasse diretores de museus a administrarem suas instituições seguindo os preceitos de conservação, mas também financeiramente. Ele trata não apenas dos museus científicos, mas também de museus históricos e de arte (Goode 1895).

Ainda citando Ulpiano, sobre a representação da História nos museus dos séculos XVIII e XIX:

“porque a visão que vai marcar o museu setecentista deriva, sim, do Renascimento, mas é por excelência a visão iluminista – que, na sociedade de consumo, como fruto já temporão, vai desembocar na estetização do social e na transformação da História em espetáculo” (MENESES 1994, 10)

Os próximos artigos podem ser lidos diante da esfera política paulista em fins do século XIX e, também, dos interesses em volta da construção e utilização do monumento do Ipiranga. No trecho “haverá no Musêu uma secção destinada à História Nacional e especialmente dedicada a colleccionar e archivar documentos relativos ao período da nossa independencia política”, atende-se ao interesse de adaptar aquela instituição àquele edifício, levando em consideração seu propósito de celebrar este período da História Nacional, que seria consagrada a partir dos grandes homens que a construíram, a partir da leitura feita pelos paulista, que vão definir os nomes a serem lembrados. Assim como no artigo 4º, onde é possível entender o foco principal deste espaço, com a imagem de Pedro Américo com grande destaque, colocando o Ipiranga como símbolo de novos tempos. É importante perceber que para essas seleções o diretor deixa claro que será contratada uma comissão capaz de analisar essas obras, deixando claro seu afastamento com essa parte do acervo.

Por último, mas não menos importante, principalmente para essa dissertação, um pequeno artigo dizendo apenas que “Haverá também no Musêu uma collecção numismática”. O que sabemos até aqui é que a coleção herdada por esse museu possuía cerca de duas mil moedas e medalhas, conforme citado por Loefgren na década de 1880, e que ele tentou organizá-las minimamente. Sabemos também que, por estar separada dos outros artigos, essa coleção não estava associada às coleções históricas, nem de ciencias naturais ou cultural do homem. Mas não há um desenvolvimento em cima do seu propósito como parte do Museu. Não há pistas nesse regulamento do porque da sua existência neste espaço. Sabemos a partir da pesquisa de Alves (2001, p. 81) que, durante a preparação do museu, Ihering

escreveu ao Arquivo Nacional e ao Seminário Episcopal buscando ajuda para organizar a coleção numismática, o que demonstra que ele havia trabalhado, ou pelo menos tentado trabalhar, em torno desta coleção antes de associá-la definitivamente ao acervo do museu. Outra coisa a ser destacada é que, como vimos nos capítulos anteriores, grande parte dos museus modernos dos séculos XVIII e XIX possuía em seu acervo enciclopédico grandes coleções numismáticas, herdadas de colecionadores particulares de História Natural, isso inclui os museus nacionais, como o Museu Nacional, Museu Paraense e Paranaense. Também vamos demonstrar mais a frente que o diretor pediu diversas vezes a contratação de um numismata que pudesse estudar essa coleção.

Acreditamos que neste momento, de fato, não haveria ainda um propósito claro para esta coleção dentro do Museu Paulista, mas podemos afirmar que seu destaque no regulamento demonstra um interesse particular do diretor e do Estado, e a certeza da conservação e ampliação desta coleção dentro do acervo. A partir desta afirmação, vamos trabalhar o papel deste diretor, entendido como curador da coleção ou o musealizador, para entender o processo de musealização deste tipo de acervo dentro do Museu de História Natural no caso específico do Museu Paulista.

3.2 A gestão da coleção Numismática sob a direção de Hermann von Ihering

Em 7 de setembro de 1895 o Museu Paulista abriu as portas para o público. Na primeira edição da Revista do Museu Paulista, publicada também em 1895, Ihering fala sobre a distribuição das salas do museu, deixando clara sua proposta, que tinha como inspiração os ensinamentos de Goode, da divisão entre coleções de estudo e coleções para exposição, o que para ele significava abordar os dois grandes objetivos de um museu: “investigação e instrução” (ALVES 2001).

“As coleções de estudo, também chamadas de séries de estudos, deveriam ficar permanentemente organizadas em laboratórios e salas de armazenagem, fora do alcance do público em geral e abertas aos estudiosos, cientistas e estudantes de nível superior. (...) Quanto às coleções de exposição, ou séries de exibição pública, formavam a porção dos museus conhecida como ‘Museu do Povo’. (...) As coleções

de exibição pública ou ‘Museu do Povo’ eram organizadas com a finalidade de transmitir ideias e instruir o povo” (ALVES 2001, 85).

As salas de estudo ocupavam o primeiro andar do edifício, contando com Biblioteca, escritório e laboratório do diretor, sala de estudos, sala de conferência e laboratórios para as coleções de conchas, insetos, reptéis, anfíbios, peixes, mamíferos, pássaros e botânica. No segundo andar estavam as coleções expostas ao público, separadas por salas numeradas. Entre as salas expositivas de história natural, era possível encontrar duas salas para a coleção de objetos históricos (B.8. e B.9.), uma sala para coleção etnográfica e arqueológica (B.12.), uma sala para a coleção numismática (B.13.) e a sala de honra, onde estava o quadro de Pedro Américo, entre outros (B.17.) (IHERING 1895). As divisões internas das salas também dão uma ideia do que Ihering considerava como Numismática e o que considerava peça histórica, já que na sala B.9. havia junto armamentos, bandeiras, medalhas e condecorações Brasileiras, e na sala B.13. a Numismática separada em três núcleos: moedas brasileiras, moedas da América e Portugal e moedas europeias (MORAES 2008).

Cumprindo o regulamento, o museu expunha sua coleção numismática em uma sala separada para ela, porém sem sala de estudo. Era visível que o interesse científico deste acervo se mantinha nas coleções de história natural, e as demais coleções apenas cumpriam sua função de lá estarem, por diversos motivos já citados anteriormente. A coleção numismática mantinha a continuidade da coleção Sertório, assim como parte mínima da coleção histórica, que ganhou volume com aquisições solicitadas para dar sentido ao monumento à independência, exaltando grandes personagens do período. Interessante é pensar que existe essa separação ideológica e metodológica das coleções históricas e numismáticas. Não há indícios de que em algum momento Ihering tenha olhado para as duas em um mesmo conjunto. Também é preciso analisar que, diferente dos demais museus que aqui observamos, como o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Britânico, o Museu Paulista não possuía divisões em seções claramente estipuladas. Com poucos funcionários, Ihering tratava tudo quase que individualmente, estudando aquilo que lhe era conhecido. Com relação a pesquisa em torno das moedas, sabemos apenas que no relatório de 1894 Ihering cita que “O Sr. G. Koenigswald (naturalista-viajante contratado pelo Museu) encarregou-se de classificar a coleção numismática, levando nisto

vantagem, por ter tido, como eu, quando rapaz, uma destas collecções”³⁷. Importante mencionar que este trabalho encontra-se citado na parte de “trabalhos científicos” do relatório. Posteriormente, não temos mais informações de quem classificava e pesquisava este acervo, sabemos apenas das correspondências de von Ihering com questionamentos sobre o assunto para outros especialistas.

É possível refletir sobre o papel científico da numismática que já expusemos anteriormente, no seu entendimento como uma ciência e seus métodos classificatórios muito próximos dos métodos da história natural, com classificações exatas, cronológicas e tipológicas, o que justifica o trabalho feito por muitos cientistas no Museu Nacional, no Museu Paraense e no próprio Museu Paulista por Ihering e, anteriormente, por Loefgren. Este também foi um aspecto que chamou a atenção de Moraes em seu artigo sobre a análise da gestão Ihering, no qual ele destaca três aspectos importantes da coleção numismática: o fato da coleção possuir moedas de diversos países e civilizações antigas, o que difere do restante do acervo do museu, focado na história natural da América Latina e na História nacional pós independência; o pedido constante de um ajudante especialista para pesquisar este acervo; e a função comemorativa das medalhas.

“Esses três aspectos fazem com que consideremos o tratamento conferido à coleção numismática do museu sob Ihering mais parecido com o que era dado às coleções de história natural” (MORAES 2008)

Outro aspecto importante sobre a permanência constante deste tipo de coleção dentro dos museus enciclopédicos, e que possivelmente foi considerado por Ihering, um grande estudioso deste tipo de museus pela Europa, é o citado por Menezes:

“O primeiro diretor (1894-1916), Hermann von Ihering, zoólogo alemão de reputação, reproduziu na instituição todos os traços do modelo europeu. Antes de mais nada, trata-se do casamento mais perfeito que jamais existiu entre museus e um determinado campo do saber, estabelecendo-se, no caso, relação simbiótica entre a forma institucional e

³⁷ Relatório Museu Paulista 1894

as ciências naturais e suas práticas. Tal simbiose é que permitiu a própria formulação do conceito (hoje vital para os museus) de coleção, concebida como um conjunto sistemático de peças utilizadas como evidência e regida por premissas e normas científicas. Daí conceitos correlatos, como tipo, série, padrão, que esvaziavam os conteúdos de peças únicas, excepcionais, irrepetíveis. A coleta de campo, subordinada a um programa racional, aparece, nessa ótica, como o recurso mais adequado para a formação e ampliação das coleções, juntamente com a permuta e a compra. E a taxonomia é a operação-chave que a coleção solicita. Com isso, o museu se transforma em centro documental e produtor de conhecimento novo.” (U. MENESES 1994, 574)

A numismática é a única coleção que não faz parte da História Natural e que se enquadra exatamente nesta definição científica do conceito de coleção de “um conjunto sistemático de peças utilizadas como evidência e regida por premissas e normas científicas” que permeava os museus dos séculos XVIII e XIX. A ideia de séries, padrão, taxonomia, faziam parte do manual científico tanto da História Natural quanto da Numismática. Dessa maneira, era muito mais acessível pensar nesta coleção numa caixinha separada das demais, mas seguindo uma lógica muito mais próxima da já conhecida por Ihering.

Desde o princípio de sua gestão, Ihering sempre alertou a Secretaria do Interior, órgão responsável pelo museu, da necessidade da contratação de um especialista em numismática para estudo e classificação das peças existentes na coleção. Após a compra da coleção do filólogo Júlio Ribeiro, Ihering pressionou ainda mais o estado para essa contratação, que nunca ocorreu durante sua gestão.

“No ver de Ihering, a coleção (numismática) era uma coleção de estudos e, por isso, desde os primeiros anos do Museu, ele pedia à Secretaria do Interior a contratação de um ajudante numismata. A rica coleção do Museu, na gestão Ihering, possui um status e um enfoque diferente, a nosso ver, do que aquele dado à coleção de objetos históricos, às pinturas e mesmo às medalhas comemorativas” (MORAES 2008, 225)

É importante analisar a forma e quantidade de aquisições para a coleção numismática feita por Ihering. A partir delas é possível verificar que existia uma lógica e

planejamento envolvido que seguia uma ideia curatorial do diretor, com avaliações que muitas vezes vetava aquisições e sugeria permutas com objetivo de completar séries e lacunas existentes nas coleções. Já em seus primeiros anos na direção do museu, o diretor fez uma importante compra, solicitando inclusive auxílio de Julius Meili³⁸ para avaliar a aquisição da coleção do filólogo Júlio Ribeiro³⁹. Assim em 11 de julho de 1893 a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo permitiu a compra desta coleção pelo Estado:

“LEI N. 155, DE 11 DE JULHO DE 1893

Auctoriza o Governo a despende até á quantia de 15:000\$000 com a compra da collecção numismatica, deixada pelo professor Julio Ribeiro.

O doutor Bernardino de Campos, presidente do Estado de São Paulo, Faço saber que o Congresso do Estado decretou e eu promulgo a lei seguinte :

Artigo 1.º - Fica o Governo auctorizado a despende até á quantia de quinze contos do réis (15:000\$000) com a compra da collecção numismatica, deixada pelo professor Julio Ribeiro.

Artigo 2.º - A' transacção precederá avaliação feita por pessoa ou pessoas competentes.

Artigo 3.º - Revogam-se as disposições em contrario.

O secretario de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos onze de Julho de mil oitocentos e noventa e tres.

BERNARDINO DE CAMPOS.
JORGE TIBIRIÇÁ.

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura,

³⁸ Em 20 de junho de 1895 Ihering escreve também ao diretor da Biblioteca Nacional “desejando obter parecer sobre o valor daquela coleção (de Julio Ribeiro) por parte de um numismata competente”. Arquivo Museu paulista P 69 A1 Pr. 21 P6.

³⁹ Julio Ribeiro (1845-1890) era professor, jornalista, filólogo e importante escritor de romances no Brasil do século XIX, também era um estudioso e entusiasta da numismática, tendo oferecido doações de moedas a outras instituições, como ao Lyceo do Rio de Janeiro: “pelo Sr. Julio Ribeiro, distinto amator da numismática, foi offerecido ao museo de arte retrospectiva do Lyceo importante coleção de moedas e medalhas antigas, delicadamente distribuídas pela ordem chronologica” – Jornal do commercio (RJ), 23 de junho de 1892

Commercio e Obras Publicas, aos 12 de Julho de. 1893.-Pelo director geral, Francisco Lucio de Oliveira Netto”⁴⁰

A solicitação da compra de uma coleção com valor tão elevado nos dá uma primeira pista do interesse real do diretor para com a coleção numismática do museu. Tal coleção, com grande diversidade de peças de diferentes países e materiais, também mostra o interesse não apenas pelas peças nacionais, como fica evidente em outra comunicação de Ihering com o diretor do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, ao dar informações sobre algumas peças do acervo paulista. Além da demonstração do conteúdo da coleção, essa comunicação também demonstra que Ihering trocava informações com outros acervos e numismatas em busca de informações e possíveis permutas para completar lacunas da coleção Paulista, e, também, para arrecadar verba para outros motivos, como nas propostas solicitadas ao Secretário do Interior, que recebeu diversas respostas negativas, como a seguinte:

“Tendo-me ocupado nestes dias com a col. Numismática do falecido Julio Ribeiro verifiquei que entre as moedas [...] francesas há muitas duplicatas, isto é, 20 peças de 20 francos que não precisamos, já existindo na coleção no valor de 560 Francos moedas [...] francesas peço pois auctorisacão para vender estas 20 moedas no valor de 400 Francos em favor da biblioteca [...] para pagamento de parte de uma divida contratada com a aquisicão de livros”⁴¹.

“São Paulo, 5 de março de 1896

Cidadão Dr. Director do Museu Paulista

Em resposta a vosso officio nº 194, de 2 do corrente, em que solicitaes auctorisacão para vender moedas francesas, em favor [...] Bibliotheca do Museu, visto existirem muitas duplicatas na colleccão numismática desse Estabelecimento, declaro-vos que não convem a proposta lembrada.

Saúde e fraternidade.”⁴²

⁴⁰ <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1893/lei-155-11.07.1893.html> (acessado em 10/05/2021)

⁴¹ Arquivo Museu Paulista P.70 A! Pr. 21 P7

⁴² Idem

Junto à solicitação, Ihering faz um descritivo das moedas em duplicata, o que nos ajuda a identificar quais peças faziam parte da coleção naquele momento.

“Moedas francesas da coleção.

1 moeda Rep. Française – Coleção Bonaparte, na XI

6 moedas Rep. Française – Napoleon 1806, 1807, 1807 e 1808 an 12 e 13

3 moedas Napoleon Emp. – 1809, 1813

6 moedas Louis XVIII – 1814, 1824

2 moedas Charles X – 1825, 1828

5 moedas Louis Felippe I – 1831, 1847

1 moeda Rep. Française – Louis Napoleon 1852

9 moedas Napoleon III – 1853, 1861

1 moeda Rep. Française – 1879”.⁴³

Em outro momento, podemos ver trocas de correspondência do diretor com o então mais importante especialista das moedas e medalhas brasileiras, Julius Meili, solicitando informações sobre peças da coleção do museu ou sobre possíveis compras:

“Mui honrado senhor. Estou em poder da sua carta do dia 10 do mês passado e passarei a responder às suas perguntas.

Dinheiro da República Rio Grandense: Quanto a minha observação dada a página 204, figura nº 158, tabela XXVIII, queira levar em conta que os carimbos sobre as moedas tanto de cobra como de prata, eu considero pura invenção. E o que o senhor vê na figura de Faroubert, concernente à medalha riograndense, à qual o senhor se refere, como suponho, não são medalhas, mas, simples botões de Guaiacá. A moeda de cobre da Argentina, com a gravura de um R de um lado e do outro um G, à qual o senhor se refere, provavelmente é da mesma proveniência, igual à minha nº 573, descrita na página 265.

Moedas de Morro Velho: As moedas particulares de Morro Velho eu descrevi nas páginas 367/368 mostradas na tabela GII e LV, ao contrário destas estranhas peças quadrangulares, mais como grossas

⁴³ Arquivo Museu Paulista P.70 A! Pr. 21 P8

placas, que levam o número 300 ou outros e que eu desconheço, a não ser que se trata daquelas que eu relacionei como de outra proveniência.

Moedas de São Paulo: de D. Pedro I- Figuradas na tabela IX – descritas na página 45/48

c/ variantes na página 109/115

de D. Pedro II – figuradas na tabela XVII – descritas nas páginas 229

Recebi a sua “Anthropology of São Paulo”, pela qual eu lhe agradeço⁴⁴.

A partir da análise das correspondências oficiais do diretor Hermann von Ihering, entre 1895 e 1916, pudemos verificar as seguintes aquisições, doações e propostas recebidas pelo museu durante este período:

- 1895: Proposta de venda de coleção numismática pelo Sr. Belli, oferecendo “lista de moedas antigas que posso vender para enriquecer o Museu”⁴⁵;
- 1895: Proposta de venda da coleção numismática e arqueológica do Sr. Sérgio Catveri, do Rio de Janeiro. De acordo com a correspondência, esta coleção estava exposta no Museu Nacional do Rio de Janeiro com a promessa de futura compra do diretor, o que não ocorreu. Portanto, “este facto leva-me a propor a venda [...] coleção ao museu deste estado (...) havendo na coleção numismática moedas antiquíssimas de alto valor histórico”⁴⁶;
- 1897: Aquisição da coleção de Eugenio Hollander por 3 contos e 700 mil réis. Entre objetos históricos, é possível ver a relação de moedas e medalhas que foram adquiridas: “1 coleção de medalhas da campanha do Paraguai; 1 meio dobrão de ouro; 1 medalha de D. Pedro II 1834-ouro; 1 Pataca recunhada Pernambuco-prata; 1 moeda de D. Manuel prata” (MORAES 2008, 213);
- 1897: Doação da Secretaria do interior de medalha do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, em comemoração da exposição de 1874⁴⁷;
- 1899: Doação da Secretaria Interior de medalha comemorativa da visita do Presidente da Argentina ao país⁴⁸;

⁴⁴ Carta de Julius Meili para Hermann von Ihering, de Zurique, 2 de junho de 1906 – Arquivo Museu Paulista P 84 A1 Pr21 P17

⁴⁵ Arquivo Museu Paulista P 69 A1 Pr. 21 P6

⁴⁶ Idem

⁴⁷ Arquivo Museu Paulista P 71 A1 Pr. 21 P8

- 1900: Doações para a numismática “do “Sr. Japolucci” que doou “6 moedas modernas e 4 notas de papel moeda”⁷¹; do “Sr. M. A. Lourenço” que doou “6 moedas portuguesas das colônias da Índia”⁷²; do “Senhor A Mosquera” que doou “uma medalha espanhola de Santiago de Compostela” (MORAES 2008, 213);
- 1900: Envio de Barra de Ouro, fundida em Mato Grosso em 1812. Doação do Secretário da Agricultura, Dr. Alfredo Guedes⁴⁹;
- 1900: Doação de diversas medalhas do 4º centenário do descobrimento do Brasil, enviado por diferentes doadores;
- 1901: Oferta dos herdeiros de Almeida Junior de oito medalhas, sendo quatro de ouro e quatro de prata, sendo sete da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro⁵⁰;
- 1902: Secretário do Interior envia para Ihering catálogo com uma coleção de moedas do Sr. Alfredo Monteiro para serem avaliadas em doação. Em sua resposta o Diretor demonstra um conhecimento já mais elevado tanto no quesito da coleção dos museus, quanto da numismática em si, conforme trecho a seguir: “Quanto ao valor da coleção oferecida não pode ser calculado em um preço elevado, visto que $\frac{3}{4}$ de todas as moedas são moderníssimas (...) No catálogo da referida coleção entre as moedas antigas figura uma pequena coleção de romanas, as quais, entretanto não ligo muita atenção porque o museu delas já possui regular representação porque a grande maioria das quais se vendem são falsificadas. (...) Julgo o valor total da coleção em 2.000\$000 ou pouco mais”⁵¹;
- 1902: Coleção Campos Salles, composta por uma série de objetos históricos doados pelo próprio Campos Salles. Entre eles, medalhas comemorativas e moedas;
- 1903: Doação de medalha comemorativa de Santos Dummont oferecida pela Comissão Promotora de Brinde a Santos Dummont. Ihering responde informando que a medalha foi colocada em exposição⁵²;

⁴⁸ Arquivo Museu Paulista P 73 A1 Pr. 21 P10

⁴⁹ Arquivo Museu Paulista P 74 A1 Pr. 21 P11

⁵⁰ Arquivo Museu Paulista P 76 A1 Pr. 21 P13

⁵¹ Arquivo Museu Paulista P 77 A1 Pr. 21 P14

⁵² Arquivo Museu Paulista P 78 A1 Pr. 21 P15

- 1903: Doação de uma nota de 10 dólares emitida pelos Estados Confederados do Sul, durante a Guerra de Secessão dos Estados Unidos da América oferecida pelo Dr. José de Paula Leite de Barros⁵³;
- 1903: Oferta de uma cédula de 2\$000 pelo Inspetor do serviço Agrônômico do Estado de São Paulo⁵⁴;
- 1904: Proposta de venda pelo Sr. Alfredo Augusto Martins de coleção mineralógica e numismática. Conforme palavras de Ihering: “A referida coleção consiste em três partes de caráter diferente questão 1º [Coleção Mineralógica]; 2º Uma coleção de antiguidades, contendo entre outros objetos, diversas condecorações das ordens da Rosa e do Cristo; medalhas militares da Guerra do Paraguay e diversas medalhas e moedas que o Museu não possui; 3º Uma coleção de medalhas francesas modernas de cobre e de bronze. Julgo conveniente que o governo adquira para o Museu do Estado estas coleções com exceção da de medalhas francesas. Avaliei a parte da coleção que desejo obter para o Museu em 800\$000”⁵⁵;
- 1904: Proposta de Aristide Pinho para venda ou permuta das moedas que ele envia relacionada. O proponente diz preferir a permuta caso o museu tenha peças que o ajudem a completar “todas as séries da coleção do Brasil (Império)”⁵⁶;
- 1905: Correspondência de Augusto de Souza Lobo para Ihering: “São me assás agradáveis que Vsa manifesta de podermos entrar em transações de numismática. Eu tenho grande estoque de moedas e medalhas, e muita moeda fiduciária especialmente do Brasil.(...) Como poderemos chegar a conclusões, não tendo em catálogos, e desconhecendo as lacunas que existem no Museu? Poderemos recorrer aos números de Meili para a moeda do Brasil?”⁵⁷;
- 1905: Proposta de venda da coleção de moedas e medalhas de Oscar Veiga, contendo 870 exemplares, pelo valor de 4.000\$000. Oscar Veiga envia uma segunda proposta, com uma nova avaliação feita pelo “Sr. Eugenio Hollander, avaliador numismata e arquivista do Instituto Histórico” com a nova quantia de

⁵³ Idem

⁵⁴ Arquivo Museu Paulista P 79 A1 Pr. 21 P16

⁵⁵ Arquivo do Museu Paulista P81 A1 Pr. 21 P20

⁵⁶ Idem

⁵⁷ Arquivo do Museu Paulista P82 A1 Pr. 21 P19

2\$000.000, aprovada por Ihering ao solicitar o referido valor à Secretaria do Interior⁵⁸;

- 1906: Duas moedas brasileiras oferecidas por B. Alves Araujo Guimarães, de Ouro Preto, MG e uma medalha (Lauro Mueller) oferecida por Tancredo B. Paiva⁵⁹;
- 1907: uma cédula de 100\$000 do Banco União Estadual de São Paulo e Goyaz, oferecida por Eloy Cerqueira⁶⁰;
- 1908: doação de uma coleção de 23 moedas antigas oferecida pelo Sr. Ribeiro, de Campinas⁶¹;
- 1909: Ihering escreve a Secretaria do Interior solicitando: “para comprar por 90\$000, 30 moedas de prata do tempo do Império que Sr. Tosch acaba de oferecer a esta repartição”. Compra autorizada pela secretaria.⁶²
- 1909: Ihering responde à Secretaria do Interior requerimento enviado pelo sr. Rafael Médici com a oferta da venda de coleção numismática pertencente anteriormente ao Dr. G. Ebo(...). Ihering avalia a coleção num valor entre 15 e 35 contos de réis, mas pondera as dificuldades financeiras do museu há 2 ou 3 anos, e atenta para “antes de fazer uma aquisição menos necessária seria a desejar primeiramente a realização de melhoramentos mais urgentes”⁶³;
- 1913: Proposta de venda de coleção de moedas por José Schneeberger. Carta anexa com recusa de Ihering, justificando falta de verba do museu⁶⁴;
- 1914: Proposta de venda de coleção do falecido Júlio Cesar de Oliveira, pela sua viúva⁶⁵;
- 1914: Proposta de venda de Humberto Ambrogi de moeda de ouro do ano de 1764⁶⁶;
- 1915: Proposta de venda das moedas de prata por J. Dias: “Port. e Bras- de 1699 – 160Rs., 1754-150 J-1818-160 R e 1817-160”⁶⁷.

⁵⁸ Idem

⁵⁹ Relatório Institucional 1906-1909

⁶⁰ idem

⁶¹ idem

⁶² Arquivo do Museu Paulista P88 A1 Pr. 22 P4

⁶³ Arquivo do Museu Paulista P88 A1 Pr. 22 P5

⁶⁴ Arquivo do Museu Paulista P97 A1 Pr. 22 P13

⁶⁵ Arquivo do Museu Paulista P99 A1 Pr. 22 P15

⁶⁶ Idem

⁶⁷ Arquivo do Museu Paulista P101 A1 Pr. 22 P17

Diante dessas informações podemos analisar de forma mais ampla as ideias de Ihering com essa coleção e, também, de quem fazia as doações ao Museu.

Primeiro gostaria de salientar que as propostas de venda e doações partem de diversas localidades, não apenas de São Paulo, o que demonstra que esta coleção tinha certa divulgação entre numismatas brasileiros. Inclusive é possível verificar propostas vindas do Rio de Janeiro, onde havia a importante coleção da Biblioteca Nacional. Moraes (2008) destaca que essa “foi uma das funções que esta coleção cumpriu, pois, no âmbito nacional, ela aumentou a visibilidade do museu de São Paulo”. Outro aspecto importante é verificar a evolução do conhecimento do diretor com relação às peças, tanto no sentido de conhecer o próprio acervo, quanto de ser capaz de avaliar sozinho algumas propostas de vendas, coisa que no princípio do museu ele não se sentia seguro o suficiente para fazê-lo. Em 1905, em resposta a uma solicitação de informações sobre a coleção numismática feita pela Secretaria do Interior, Ihering demonstra seu conhecimento e também nos dá um panorama da situação dos trabalhos em torno da coleção:

“05 de julho de 1905

Acusando o recebimento do ofício dessa Secretaria nº 231 de 5 do mês corrente devolvo junto a conta do Sr. Alipio Cadeval bem como o artigo de jornal que a acompanha, referente a coleção numismática do Sr. Dr. Agostinho Lopes na cidade do Rio Grande. Cumpre-me declarar a Vsa Exa. Que não há conveniência de adquirir-se para o Museu do Estado a referida coleção numismática que pela maior parte consiste em moedas bem representadas na nossa coleção. Não há especialidade cultivada de preferência na dita coleção que possa recomendar a aquisição. Além disto não está classificada e catalogada a coleção numismática do Museu por falta de pessoal. Já a coleção de moedas romanas já foi perfeitamente estudada pelo secretário em línguas Sr. Emílio (?) [...] sem dúvida a coleção numismática do Museu a qual foi incorporada a do finado filólogo Julio Ribeiro é no Estado de São Paulo a de mais importância e parece-me que esta parte das nossas coleções seria digna de atenção por parte do governo proporcionando-me a necessária verba e aumento de pessoal para o seu desenvolvimento”⁶⁸

⁶⁸ Arquivo Museu Paulista P 82 A1 Pr. 21 P19

Outro aspecto importante, que também é verificado por Moraes (2008) em seu trabalho, é a quantidade de propostas e aquisições recebidas para a numismática, e a grande maioria feita por particulares. Ihering até tentou fazer trocas com outras instituições, mas sem sucesso:

“Desde o princípio desta pesquisa, um dos pontos que mais nos impressionou foi o grande afluxo de itens da coleção de numismática. Esta coleção, que hoje representa mais da metade do acervo de objetos do museu, recebeu sempre um grande afluxo de peças, e a atenção especial de Ihering.” (MORAES 2008, 223)

É claro que em comparação as coleções de História Natural, certamente as aquisições da numismática não se aproximavam em quantidades, como podemos ver no relatório entre 1906 e 1909, em que Ihering fala em 14 caixas e 3 armários para couro de mamíferos, 12 armários e 22 caixas para aves grandes, entre outros. Mas entre os demais objetos, podemos considerar entre as principais coleções no quesito de aquisição.

Por fim, é importante verificar que com o passar dos anos Ihering foi se aprofundando na pesquisa e se interessando por outros temas, além da História Natural, em favor de promover o melhor para seu museu. E, neste sentido, ele preferiu valorizar aquilo que ele acreditava ser o mais importante para um museu enciclopédico, o que não era o caso dos quadros encomendados pelo Estado, algo que em 1905 ele doou para a nova galeria de arte do Estado, o que viria a ser a coleção inicial do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo:

“O que von Ihering estava recusando – e propondo uma saída – era justamente a “galeria artística” compreendida na dinâmica das “belas-artes” e seus gêneros; mesmo aceitando-se os quadros de “vida popular”, havia um problema com quadros que não se ajustavam corretamente aos recortes arquitetônicos das paredes do Monumento. Isso demonstra que o plano de von Ihering não acolhia o “valor artístico”, talvez nem mesmo o “histórico” entre suas prioridades, pois estava apenas preocupado com a concepção decorativa do Salão de Honra (algo que seria efetivado apenas na gestão Afonso E. Taunay). As te-

las já adquiridas não eram compreendidas como um conjunto necessariamente relevante, pelo menos do ponto de vista do Museu e/ou das funções celebrativas do Monumento”. (Nery 2015, 79-80).

No período em que Ihering esteve no comando do museu, alguns outros casos envolvendo a numismática também chamam a atenção. Em 1898 o primeiro grande furto do museu ocorre exatamente à coleção de moedas. Os únicos documentos que encontramos sobre o ocorrido foram os relatórios do diretor à Secretaria de Interior e, também, ao chefe de polícia de São Paulo. Neles podemos verificar o ocorrido, além de ter acesso as peças que faziam parte da coleção.

“Descobrimos neste momento às 5 horas da tarde que na noite passada gatunos arrombaram uma janela do quarto onde está guardada a coleção numismática do Museu roubando as moedas de ouro. Peçovos mandar amanhã a autoridade competente para proceder o respectivo exame”⁶⁹

Na sequência, o diretor escreve à Secretaria de Interior notificando a ocorrência.

“Cumpre-me participar-vos que foi roubada parte da coleção numismática do museu... Observo que devido a completa falta de segurança do edifício em que está colocado o museu expuz na vitrinas apenas um a parte das moedas e entre elas [...] de ouro. Calculo o valor metálico das moedas de ouro em cerca de 7 a 8 contos de réis e o de parte delas expostas ao público na sala B.13 em cerca de 1.247\$000 Rs. desta quantia os gatunos levaram consigo moedas de Brasil, Portugal e da América do Norte no valor de 617\$000 Rs. deixando outras do Portugal, da Itália e de diversas república da Am. Do Sul no valor de 630\$000 Rs. Entre todas as [...]ças do Equador, Perú, etc. Parece que a vela que tiveram consigo na lanterna que achamos acabou-se e que essa circunstância feliz guardou-nos de uma desgraça muito mais importante. Pouco tiraram de moedas de prata e as de ouro que consigo levaram são as moedas mais modernas de um modo que não será difícil de arranjar-las de novo, sendo a perda mais a do valor do ouro do

⁶⁹ Carta de Hermann von Ihering ao chefe de polícia em 26 de janeiro de 1898 – Arquivo do Museu Paulista P.72 A1 Pr. 21 P.9

que do valor numismático...o prejuízo causado não passa de 600(mil) Réis.”⁷⁰

Ihering envia, junto aos ofícios, a relação de peças roubadas o que nos leva a crer que havia um controle ou algum conhecimento das peças guardadas da coleção numismática. Mas de acordo com a relação, as seguintes peças foram furtadas:

“Cumpre-me comunicar-vos que na noite de 25 para 26 do corrente foi assaltado este monumento por gatunos...Entre as moedas que levaram consta de:

D.P.II- 2 de 20\$000

D.P.II- 2 de 10\$000

D.P.II- 3 de 5\$000

Mais uma do Brasil de 20\$000

[.]D de Portugal 1 de 10\$000

[.]D de Portugal 2 de 5\$000

Total do valor pelo câmbio atual: 403\$000

Moedas da Am. do Norte:

1 de 5 dólares

3 de 1 dólar.

2 de ½ dólar

Total: 29 dólares a 1.200 (câmbio atual)

Felizmente essas moedas são todas modernas de modo que o prejuízo não é tão grande devido a ser fácil encontra-las. É mais valor monetário do que numismático.”⁷¹

⁷⁰ Carta de Hermann von Ihering à Secretaria de Interior em 26 de janeiro de 1898 – Arquivo do Museu Paulista P.72 A1 Pr. 21 P.9

⁷¹ Arquivo Museu Paulista P 72 A1 Pr. 21 P9

Este furto foi o único que verificamos em nossa pesquisa em um acervo numismático. Difícil avaliar qual o interesse dos ladrões com isso. Não trata-se de peças de extrema raridade, apesar de algumas serem de ouro, como as de D. Pedro II. Talvez fossem pessoas que receberam encomendas específicas para complementar lacunas em coleções de outros colecionadores, mas não podemos afirmar com certeza. De acordo com a documentação, não identificamos os ladrões, nem recuperamos as peças. Mas esse relato nos dá uma avaliação da coleção no seu princípio.

Podemos considerar, diante de tais relatos sobre aquisições, problemas com catalogação e inventários, furto, solicitação de funcionário à Secretaria do Interior e comunicações do diretor do museu com numismatas e instituições que possuíam este acervo, que a coleção numismática do Museu Paulista fazia parte dos interesses administrativos de Hemann von Ihering, com respaldo da Secretaria do Interior que, por vezes, encaminhou doações e propostas de aquisições ao diretor, bem como permitiu a compra da importante coleção Julio Ribeiro. Com o passar dos anos e as dificuldades financeiras do museu, com problemas estruturais do prédio e com poucos funcionários à disposição, percebemos uma diminuição no interesse com este acervo, porém é possível verificar que as aquisições e doações se mantiveram.

Não há relatos mais específicos de von Ihering em relação a esse acervo que nos dê clareza e certezas sobre suas intenções, mas se avaliarmos os caminhos percorridos por ele durante os dez primeiros anos de sua gestão, é possível verificar intenções de ampliação e organização desta coleção. Essas solicitações por um numismata especialista para organização da coleção, no entanto, não sinalizavam para uma expansão da pesquisa no sentido científico da disciplina, em fazer estudos sobre tipos ou quantidade de peças cunhadas, ou sobre questões econômicas e de política em torno da moeda. O interesse parece ser mais no sentido da cultura material, de um objeto monetário oficial que continha uma história retratada nas duas faces, assim como as medalhas comemorativas, que se encaixavam junto ao acervo histórico que consagrava grandes nomes e exemplos da História. A semelhança na forma de classificar as coleções de história natural e de numismática pode nos ajudar a pensar a dificuldade do zoólogo em ampliar os estudos relacionados as moedas, enquadrando-as assim, como um grande catálogo expositivo para instrução histórica.

Considerações finais

Durante esses três capítulos tentamos traçar um percurso do desenvolvimento da numismática até adentrar os acervos museológicos, tornando-se exemplo do potencial taxonômico dos acervos museológicos do século XIX. No primeiro capítulo nos aprofundamos um pouco mais na função e origem da moeda, bem como seu papel como dinheiro. Entender o que é o objeto que aqui trataríamos, foi essencial para entender seu potencial como cultura material e como objeto musealizado.

Entender as nuances do colecionismo numismático era um dos preceitos para que pudéssemos apreender seu desenvolvimento pelos tempos. O colecionismo da antiguidade não é o mesmo da modernidade, e isso tem que ficar claro inclusive para que possamos entender que durante o processo de musealização feito por von Ihering, as especificidades do colecionismo influenciaram no tratamento da numismática do Museu Paulista. Na modernidade, a influência iluminista determinava de forma direta longas classificações e grandes catálogos dos mais diversos tipos, no sentido de tentar classificar toda e qualquer ação da natureza ou do homem no planeta terra. Independentemente do quão se aprofundariam naquele assunto, era necessário que tudo fosse organizado e classificado.

Após entender a história da moeda e do dinheiro, e verificar o desenvolvimento do colecionismo de moedas durante a antiguidade e o renascimento, vemos o desenrolar disso no momento que surgem os grandes Gabinetes de Curiosidades e os museus enciclopédicos, geralmente um relacionado ao outro. Tratamos de uma nova visão dos Gabinetes de Curiosidades, enxergando nessas grandes coleções o interesse mais amplo por tudo relacionado ao mundo, recebendo uma nova denominação por Hoopes-Greenhill de “gabinetes do mundo. Trata-se de grandes coleções particulares que buscavam, através da reunião de artefatos e resquícios da natureza, imagens completas do mundo, algo que influenciará diretamente os primeiros museus.

Aqui no Brasil nossa primeira tentativa de criar um museu veio dos portugueses e foi mantida pela elite nacional que, ao ir completar seus estudos fora do país, trazia consigo ideias de progressos baseados na ciência. O Museu Nacional criado pela coroa portuguesa é o maior exemplo da nossa tentativa de replicar o modelo

européu na museologia. Entre mineralogia, botânica, zoologia e antropologia, a coleção numismática também estava presente em grande número, sendo ampliada com doações e divulgando esse tipo de colecionismo entre as elites cariocas.

O sucesso do museu trouxe naturalistas viajantes de vários lugares do mundo e estes deram frutos a outros novos museus, como o Museu Paraense, mas também influenciou todo um grupo de colecionadores que, seguindo seus passos e, também, o modelo europeu, criavam seus Gabinetes de Curiosidades à brasileira, como no caso do Coronel Sertório que criou o embrião do Museu Paulista. Essa coleção também juntava objetos históricos com a História Natural, tentando criar não só suporte para estudos de cientistas que visitavam este espaço, mas também gerando expectativas da elite paulista que queria ver ali a base de um Museu do Estado, algo que ocorreu nos anos seguintes.

Nos primeiros anos do surgimento do Museu Paulista, pudemos verificar um grande volume de doações e aquisições para a coleção numismática, com atenção especial à coleção Julio Ribeiro. Em convivência com suas pesquisas científicas, von Ihering ia estudando e classificando aqui que era possível, solicitando muitas vezes a contratação de um profissional numismata que pudesse estudar de fato esta coleção, o que demonstra que ali ele via uma coleção de estudo científico. A contratação nunca ocorreu durante sua gestão, e assim, para dar conta de estudar esse acervo, se comunicava regularmente com especialistas, como Julius Meili, e com outros acervos, como a Biblioteca Nacional.

Mas a nossa pergunta essencial era entender o porquê da convivência tão constante da numismática com a história natural em tantos acervos e, especialmente no Museu Paulista. Creio que pudemos avaliar a questão científica envolvida nisso e também o fator da continuidade dos acervos dos gabinetes de curiosidades aos acervos dos museus dos séculos XVIII e XIX.

“Está claro, portanto, que a História não tem um estatuto epistemológico, mas ético. Daí a convivência pacífica com o museu de História Natural, apesar da existência do que hoje, no parecem graves contradições. Assim, a noção de coleção é estranha ao museu histórico, pois o acervo é composto de *objetos históricos* (cujo sentido, normalmente, se origina no contágio com fatos e figuras notáveis), únicos e singulares e, de preferência, com valor estético. A coleta de campo é irrele-

vante; a permuta, desconhecida; a compra é prejudicada pelos altos custos do antiquário; resta a doação, que introduz, com frequência, os objetos como suporte da auto-imagem dos doadores. O uso documental das peças é quase nulo. Predomina a metáfora, capaz de ilustrar, na exposição, conhecimento produzido alhures. A importância da iconografia se funda numa concepção visual da História, *magistrae vitae*, e no porde da evocação e celebração da imagem (...) Este descompromisso da História como forma de conhecimento é que explica o fato de o acervo museológico do Museu Paulista nunca ter sido utilizado como fonte para a pesquisa histórica. Não era esta a sua função” (U. MENESES 1994, 576-577)

Ao resumir a convivência entre acervos históricos e de História Natural nos museus do século XIX, Meneses nos dá a dica do porquê da presença constante da numismática nos acervos enciclopédicos e, especialmente, no acervo do Museu Paulista. Com sua especificidade científica, já citada anteriormente, a numismática se coloca entre os dois tipos de acervo. Ao mesmo tempo em que possui necessidades de classificação, coleções e organização e se aproxima dos conhecimentos dos cientistas deste período, interessados em taxonomia, ela está distante o suficiente desses cientistas para que não se tornassem apenas catálogos extensos, e sim produtores de conhecimentos nas áreas econômicas, políticas e sociais, ou mais especificamente como um acervo de fato histórico, algo que só foi possível no Brasil anos mais tarde com o desenvolvimento da disciplina no curso de Museologia do Museu Histórico Nacional e a conseqüente criação da Sociedade Numismática Brasileira, com muitos integrantes também do Instituto Histórico Geográfico.

Se pensarmos na teoria apresentada por Lília Schwarcz da Cientificidade difusa que perpassou os cientistas entre os anos 1870 e 1920, então temos ainda mais semelhanças na afirmação anterior. Podemos retomar a afirmação do Senador José Saturnino Pereira que propunha dispensar o gabinete de numismática carioca considerando que “esta ciência tem sido cultivada por nações adiantadas, (e) pouca utilidade pode por ora dar ao Brasil” (LOPES 1997, 88). De fato, neste momento da ciência nacional, pouco sabíamos do potencial da numismática diante das ciências humanas, mas certamente o colecionismo particular e, principalmente, seu cultivo dentro das instituições públicas, que promovia permutas, aquisições e movimentação do circuito do colecionismo, levou a um desenvolvimento mais rápido do conhecimento, além de preservar as peças que posteriormente nos ajudaram, e ainda aju-

dam, a entender a história nacional e dos diversos países do mundo. Acreditamos, portanto, que este período da gestão de Hermann von Ihering no Museu Paulista seja o embrião do período posterior de maior entendimento e desenvolvimento da numismática não só como ciência, mas como disciplina importante de suporte à História e Arqueologia.

Se durante a gestão de von Ihering a numismática não atingiu grandes feitos no mundo científico, foi sua seleção e organização que permitiram seu crescimento para o que hoje é um dos grandes acervos de objetos pecuniários da América do Sul, com mais de 8 mil peças, além de ter dado frutos a estudos científicos dentro da Universidade de São Paulo, que hoje possui docentes e discentes que se propõem a estudar as especificidades e científicas da disciplina numismática.

Bibliografia

- ALVES, Ana Maria de Alencar. *O Ipiranga apropriado: ciência, política e poder. O Museu Paulista, 1893-1922*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de. *Descrição Geral e Histórica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874.
- ASINS, Carmen Alfarp. *El Departamento de Numismática del Museo Arqueológico Nacional*. Madri: Museo Arqueológico Nacional, 2003.
- BENJAMIN, Walter. "O Colecionadot." Em *Passagens*, por Walter Benjamin, 237=246. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BRULON, Bruno. "Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbyneřk Z. Stránský e a Escola de Brno." *Anais do Museu Paulista*, jan-abr de 2017: 403-425.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "Os territórios da memória e a memória dos territórios." Lisboa, 23 de Janeiro de 2015.
- BURNETT, A. A. "A função das coleções de moedas nos museus modernos: passado, presente e futuro." *Seminário Internacional 'O outro lado da moeda'*, 2002.
- BURNETT, Andrew. "The British Museum and Numismatics Past and Present." *The British Museum anda the future of UK Numismatics: Proceedings of a conference held to mark the 150th anniversary of the British Museum's Department of Coind and Medals*. Londres, 2011. 2 - 10.
- CARLAN, Cláudio Umpierre, e FUNARI, Pedro Paulo. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- CARVALHO, Carolina Vaz de. "Reorganizando o Gabinete: uma discussão sobre a categoria dos "gabinetes de curiosidade" e o colecionismo na primeira era moderna." *Anais Eletrônicos do VI EPHIS Encontro de Pesquisa em História da UFMG: Tempo: permanências, rupturas e transições na História*, 2017: 1928 - 1940.
- CARVALHO, Paula Carolina de Andrade, Diego Amorim GROLA, e Heloisa BARBUY. "Nurturing Collecting and the Trade in Objects: The Formation of the Museu Paulista, 1850s-1910s." *Museum History Journal*, 2016: 93-107.
- CARVALHO, Paula. "De uma "cientificidade difusa": o coronel e as práticas colecionistas do Museu Sertório na São Paulo em fins do século XI." *Anais do Museu Paulista*, 2015: 189-210.
- CARVALHO, Paula. "O Museu Sertório: uma coleção particular em São Paulo no final do século XIX (primeiro acervo do Museu Paulista)." *Anais do Museu Paulista*, 2014: 105-152.

- CLAIN-STEFANELLI, Elvira Eliza. "Numismatic:: An ancient science - A survey of its History." *Bulletin 229: Contributions from the Museum of History and Technology*, 1965: 2-102.
- COIMBRA, Álvaro da Veiga. *Noções de numismática - I. Numismática geral*. São Paulo: Coleção da Revista de História, 1957.
- COSTILHES, Alan Jean. *O que é numismática*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DAHMEN, Karsten. *Medalhões de Abuquir no Museu Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- DE CAMPO, Álvaro; PRADO, Valéria da Silva e CORDONA, Ibrantina. "ihgbsp.com.br." *Intituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 2018. <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Am%C3%A9lia-Machado-Cavalcante-de-Albuquerque-1852-1946.pdf> (acesso em 2020).
- ELIAS, Maria José. "Museu Paulista: memória e história." *Tese de doutorado*. FFLCH-USP, 1996.
- FINLEY, M. *O Mundo de Ulisses*. Lisboa: Presença, 1972.
- FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. "A origem das moedas." Em *Faces da moeda*, por Salvador Teixeira Werneck Vianna, Maurício Barros de Castro Maria Beatriz Borba Florenzano, 12-37. São Paulo: Editora Olhares, 2009.
- FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. "Classicismo e coleções de moedas no Brasil." Em *A tradição clássica e o Brasil*, por A. L. Chevitarese, G. Cornelli e M. A. Silva, 153-164. Brasília: Fortium, 2008.
- FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. "Coins and cultural contact: adoption and use of metal coins by non-Greeks in Ancient Calabria (6th-5th centuries BC)." *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2019: 36-44.
- FRÈRE, Hubert. *Numismática: um introdução aos métodos e à classificação*. São Paulo: S.A., 1984.
- GERNET, L. "La notion mythique de la valeur en Grèce." *Journal de Psychologie*, 1948: 415-462.
- GOODE, G. Brown. *The principles of Museum Administration*. York: Coutas e Volans, exchange print works, 1895.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *A interdisciplinaridade em museologia*. Vol. I, em *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri - textos e contextos de uma trajetória profissional*, por Maria Cristina Oliveira Bruno, 127-136. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.
- IHERING, Hermann von. "História do Monumento do Ypiranga e do Museu Paulista." *Revista do Museu Paulista*, 1895: 9-31.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec Ltda., 1997.

- LOPES, Maria Margaret, e Silvia F. M. FIGUEROA. “A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann von Ihering.” *Anais do Museu Paulista*, 2002-2003: 23=35.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política - Livro 1*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MAUSS, Marcel. *Da Dádiva e em Particular, da obrigação de retribuir os Presentes. Sociologia e Antropologia II*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MAZÉ, Camille. “Des musées de la nation aux musées de l’Europe. Vacillement, maintien ou renforcement d’un modèle?” Em *Les musées de la nation: Créations, transpositions, renouvelaux, Europe XIXe - XXIe siècles*, por Anne-Solène Rolland e Hanna Murauskaya, 123-141. Paris: L’Harmattan, 2008.
- MELLO, Zuinglio M. Homem de. “Pedro Massena - 1864 - 1931.” *Revista Numismática*, 1933, fac-símile 2014: 181-184.
- MENESES, Ulpiano Bezerra T. de. “O Museu Paulista.” *Anais do Museu Paulista* v. 22 (1994): 573-578.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico.” *Anais do Museu Paulista*, 1994: 9-42.
- MONACO, Viviana Lo. “A moeda como instrumento interpretativo em arqueologia.” Em *Arqueologia hoje: Tendências e Debates*, por Vagner Carvalho Porto, 731 - 745. São Paulo: MAE/USP, 2019.
- MORAES, Fábio Rodrigo de. “Uma coleção de história em um museu de ciência naturais: o Museu Paulista de Hermann von Ihering.” *Anais do Museu Paulista* v. 16 (2008): 203-233.
- NERY, Pedro. “Arte, Pátria e Civilização: A formação dos acervos artísticos do Museu Paulista e da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1893-1912.” São Paulo, 2015.
- NOGUEIRA, Adeilson. *A Numismática e conhecimento. Uma viagem através do tempo*. Clube de autores, 2019.
- POLANYI, K. A. *Grandes transformações. As origens da nossa época*. Campus, [1944] 2000.
- POMIAN, K. *Colecção*. Vol. 1, em *Enciclopédia Einaudi*, 51-86. Porto: Imprensa Oficial - Casa da Moeda, 1984.
- PORTO, Vagner Carvalho. “Herácles, um herói-deus. .” *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, 2018: 180-193.
- PORTO, Vagner Carvalho. “O culto imperial e as moedas do Império Romano.” *Phoinix*, 2018: 138-154.

POULOT, Dominique. "Le musée d'histoire en France entre traditions nationales et soucis identitaires." *Anais do Museu Paulista* v. 15 (2007): 293-316.

RIBEIRO, Angela Maria Gianeze. "A trajetória de uma coleção de moedas. O acervo de Numismática no contexto de criação do Museu Paulista." Em *A coleção de moedas romanas da Universidade de São Paulo*, por Maria Beatriz Borba Florenzano, Angela Maria Gianeze Ribeiro e Viviana Lo Monaco, 9-14. São Paulo: MAE-USP, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1950)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STOCKING, George W. *Objects and others: Essays on Museums and Material Culture*. Londres: The University of Wisconsin Press, 1985.

TAUNAY, Affonso de E. "A Revista Numismatica." *Revista Numismatica - Órgão da Sociedade Numismatica Brasileira*, 1933 - Fac-símile 2014: 1-5.

VAZ, Ivan. "Sobre a musealidade." São Paulo, 2017.

VIEIRA, Rejane Maria Lobo. "Uma grande coleção de moedas no Museu Histórico Nacional." *Anais do Museu Histórico Nacional* 27 (1995): 91-111.